

REVISTA

DA SEMANA

N. 42 20-10-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

**A CHEGADA DE LACERDA
A CASA DE SANTOS DUMONT
(em Petrópolis) AGORA É MUSEU**



E' O MAIOR!

ANUÁRIO do **ESPORTE** ilustrado 1956

FUTEBOL CARIOCA

Todos os «goals» de todos os jogos do campeonato carioca de 55 — «Placards» e rendas — Classificação dos clubes nos três turnos — Estatística completa — Flamengo, campeão de aspirantes — Fluminense, campeão de juvenis — Bangu, campeão do Torneio Início — Vasco, campeão do Torneio Início de Juvenis — Fluminense, campeão pentagonal de aspirantes — Amistosos dos clubes cariocas em 55 — Arquivo do futebol carioca (Botafogo x Bonsucesso e Fluminense x Bangu).

FUTEBOL PAULISTA

Categorizada campanha do Santos — «Placard» de todos os jogos do campeonato paulista de 55 — Estatística completa. As classificações do Santos nos campeonatos paulistas — Arquivo do futebol paulista (Corinthians x Portuguesa e São Paulo x Santos).

FUTEBOL BRASILEIRO

Campeão do Rio-São Paulo, a Portuguesa (Estatística completa do Rio-São Paulo) — Amistosos internacionais do futebol brasileiro em 55 — Os clubes campeões dos estados — Torneio Internacional «Charles Miller» — Campeão, Corinthians e Estatísticas completas.

FUTEBOL INTERNACIONAL

Principais jogos internacionais interclubes de 1955 — Internacionais de seleções pelo mundo — Argentina, campeã sul-americana de 55 — Os times campeões do exterior — Argentina, campeã de futebol dos II Jogos Pan-americanos.

ESPORTES AMADORES

Atletismo — «Basketball» — Ciclismo — Esgrima — Hipismo — Natação, Saltos e «Water-Pólo» — Pólo — Pentatlo Moderno — Tênis — Tênis de Mesa — Tiro ao alvo — Remo — Vólibol.

CRONISTAS E FOTÓGRAFOS

Carlos Areas — Olímpicus — Kleber Pimenta — Fred Quarteroli — Osvaldo Gonçalves — R. A. A. Coutinho — Herbert Mesquita — Sílvio Rangel — Sílvio Cintra Filho — Cesar Torraca — Válder Canongia — Carlos Sampaio — Jorge Miranda — Alberto Ferreira — José Santos — Vito Vasconcelos — Newton Viana e gráficos de William Guimarães.

**Em
CÔRES**

12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA



TODO
IMPRESSO EM
OFF-SET

IDEALIZAÇÃO e ORIENTAÇÃO:
LEVY KLEIMAN

100 PÁGINAS * CR\$ 30,00

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 42 — Rio de Janeiro — 20/10/1956

DIRETOR.....Gratuliano Brito
ASSISTENTE.....José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira,
Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ri-
beiro, M. Teresa e Eneida.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

A Chegada de Lacerda	4/7
Ingrid em Anastácia	18
No Festival de Tanglewood	20/21
Irmã Leticia Merecia Um Prêmio	28/27
Botando Pra Jambor	31/34
Gibraltar, Porta do Mediterrâneo	40/43
A «Encantada» Agora é Museu	59/61

SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe Pelo Cérebro	10
Itinerário do Brasil	17
Revista Há 50 Anos	18
Literatura e Arte	22/23
Astrologia	24
Posira do Tempo	28/29
TV na Revista	30
Pelas Esquinas da Noite	35
Por Esse Mundo de Deus	44/45
Música	46
Conversa de Mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foco	63

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

LITERATURA

Muitas Notícias	3
O Homem e o Trapézio	14/15
Renúncia	50/51

VARIEDADES

O Enigmático Kapiza	12/13
A Última Caçada	36/37
Que Sabemos das Grandes Religiões?	47

CAPA

Jane Powell (Kodachrome da M. G. M.)

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00
O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.	

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade.....	J. M. Costa Júnior
Paginação.....	Victor Tapajós
Fotografia.....	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho.....	Alberto Lima
Laboratório.....	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores.....	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



MUITAS NOTÍCIAS

◆ Impossível deixar de saudar o papagaio que apareceu em todos os jornais: depois de três meses de fuga do lar em que vivia cercado de carinho, já em casa distante e convivência com outra gente, declarou saudade do primeiro e pediu que queria voltar para casa. Um papagaio tão inteligente e lúcido como os das anedotas, um papagaio tão consciente de seus deveres que — se bem que tenha errado, fugindo — voltou para casa quase que com seus próprios pés, pois anunciou inclusive o número do telefone da família que o criara. Chama-se Crioulo e nenhuma notícia tão bonita quanto esta, verdadeira volta do filho pródigo, alegrando um casal e dando a todos nós, seus compatriotas, a certeza de que, se estrangeiros irônicos continuarem chamando-nos país de papagaios, podemos sorrir superiores e demonstrar que um louro é muitas vezes mais digno e mais correto do que muito ariano de matéria plástica. Com o papagaio chegou-nos outubro e veio vestido de primavera: dias claros e tão belos, tão puros, tão lípidos que ligar um rádio e ouvir o comunicado do Serviço Meteorológico declarar nuvens escuras e possíveis chuvas, parece tão doido quanto olhar peles e «manteaux» nas vitrinas em pleno verão ou em dias de frio passar na porta de casas liquidando roupas claras e leves.

◆ Com belos dias Santos Dumont é apresentado naquela sua clássica fotografia de chapéu desabado, colarinho duro e alto, um feio retrato para comemorarmos o cinquentenário do vôo mais pesado que o ar. Este é o ano Santos Dumont, dizem cartazes enquanto as praias vão se enchendo, a Prefeitura anda — louvemo-la! — consertando ruas e jardins e a água, a preciosa água é cada dia mais rara. Onde andar ela? Também se fala muito na falecida Revolução de 1930, impera um ódio (como os homens cultivam o ódio, senhores!) imenso, angústias invadem corações que pareciam funcionar dignamente e os dias estão descaradamente azuis: jovens continuam a desaparecer, enquanto Sérgio Cardoso e sua companhia veio de S. Paulo para apresentar «Hamlet» no Teatro Municipal e jovens da Tchecoslováquia vieram de mais longe mostrar-nos as belezas de suas músicas, canções, danças e trajes, com um belo conjunto folclórico.

◆ «As florestas são patrimônio das gerações futuras» dizem os comunicados da Semana da Árvore (seria tão bom que elas fossem também patrimônio da nossa pobre e sofredora geração): «Aqui estou, preciso de teu auxílio», diz um cartaz da Campanha Financeira da Campanha Nacional da Criança e Fernandinho — lembrem-se dele? — aquele menino escurinho que um colégio de arianos de Copacabana não quis aceitar nem educar porque não é branco — manda-me seu retrato pois completou quatro anos. Tão bonito está Fernandinho na fotografia, com sua bola, seu terno branco, sua gravata borboleta, muito bem penteado, muito elegante. Felicidades para você menino brasileiro com sua pele, seus olhos, seu ar tão Brasil. Cresça com coragem Fernandinho, que isso de raça é coisa que nenhum brasileiro que se preza pode considerar e perseguir. Um papagaio falou bem, cartazes pedem e ordenam, Fernandinho faz quatro anos, os dias são belos como se estivessem na primavera. Por que então não bendizer a vida?

E N E I D A



O deputado Mário Guimarães, um dos primeiros a abraçar Carlos Lacerda. D. Leticia, a esposa, e a filhinha Cristina descem auxiliadas pelo vereador Raul Brunini. Da sacada do prédio onde funciona o seu jornal, Lacerda dirige-se à multidão: «Vim disposto a ver o Brasil renascer ou morrer com ele!»

LACERDA CHEGOU COM A MADRUGADA

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos TRIBUNA DA IMPRENSA

A PESAR da diversidade de informações sobre a chegada do avião, grande massa popular compareceu de madrugada ao aeroporto do Galeão para receber o deputado e jornalista Carlos Lacerda, que regressa ao país após quase um ano de exílio voluntário no exterior.

Quando o avião, por fim, pousa na pista e a porta se abre, surge a figura do jornalista, acenando para o público.

Fisionomia cansada, cabelos em desalinho, denota, apesar do sorriso que ostenta, um certo abatimento físico.

Mal os funcionários da companhia encostam a escada no bojo do avião, eis que atropeladamente por ela se precipita o primeiro a galgá-la. É o deputado Tenório Cavalcanti, que ali também comparecia com o objetivo de **garantir a segurança do parlamentar opositorista**, utilizando para isso seus mais chegados e leais amigos...

O amplexo é demorado e a multidão cá em baixo reclama em altos brados. A esposa e a filhinha de Carlos surgem também agora e juntos correspondem à saudação do público.



do
á-
o
do
tos
tos



MAIS DE 500 VEÍCULOS ACOMPANHARAM O CARRO DO DEPUTADO NO TRAJETO DO GALEÃO À SEDE DO SEU JORNAL. A MULTIDÃO, EM QUE PREDOMINAVA O ELEMENTO FEMININO, VIBROU DELIRANTEMENTE.

LACERDA CHEGOU COM A MADRUGADA

— Como é, Aloísio?

É a primeira pergunta que faz o jornalista, dirigindo-se ao deputado Aloísio Alves, que aqui ficou respondendo pela direção do seu jornal.

Vários outros parlamentares, oficiais e jornalistas precipitam-se para abraçá-lo. O hino nacional é entoado com vigor pela massa humana e por instantes Lacerda se perfila atento. Ajeita os óculos e os cabelos, e engole várias vezes em seco. Os olhos enchem-se de lágrimas e a esposa aperta os lábios emocionada.

No saguão do aeroporto em breve alocução, pela primeira vez fala o parlamentar:

— Volto ao Brasil, obedecendo a um imperativo de ordem moral, para encontrar-me ao lado da viúva do major Vaz, no momento em que os assassinos de seu marido estão sendo julgados. Mas não comparecerei ao julgamento de Gregório Fortunato para não provocar agitação. Confio na consciência do povo brasileiro, quando pode manifestar-se legitimamente, e o Tribunal do Júri assim o tem demonstrado sobejamente.

— Carlos, vamos andando! — quem comanda agora em voz alta é o deputado Tenório.

Logo a seguir, ainda sobre fortes aclamações dos que o rodeiam, o parlamentar udenista é alçado para a capota do automóvel de Tenório e parte em direção à sede do seu jornal, onde, da sacada do prédio, pronunciou Carlos Lacerda nova alocução verberando, com a veemência que lhe é característica, atitudes e comportamento de vários componentes do atual governo.

Por volta das 5 horas da madrugada, a multidão já dispersa, rumou o parlamentar para sua residência.

— Estou exausto! Não consegui sequer cochilar desde o Recife.

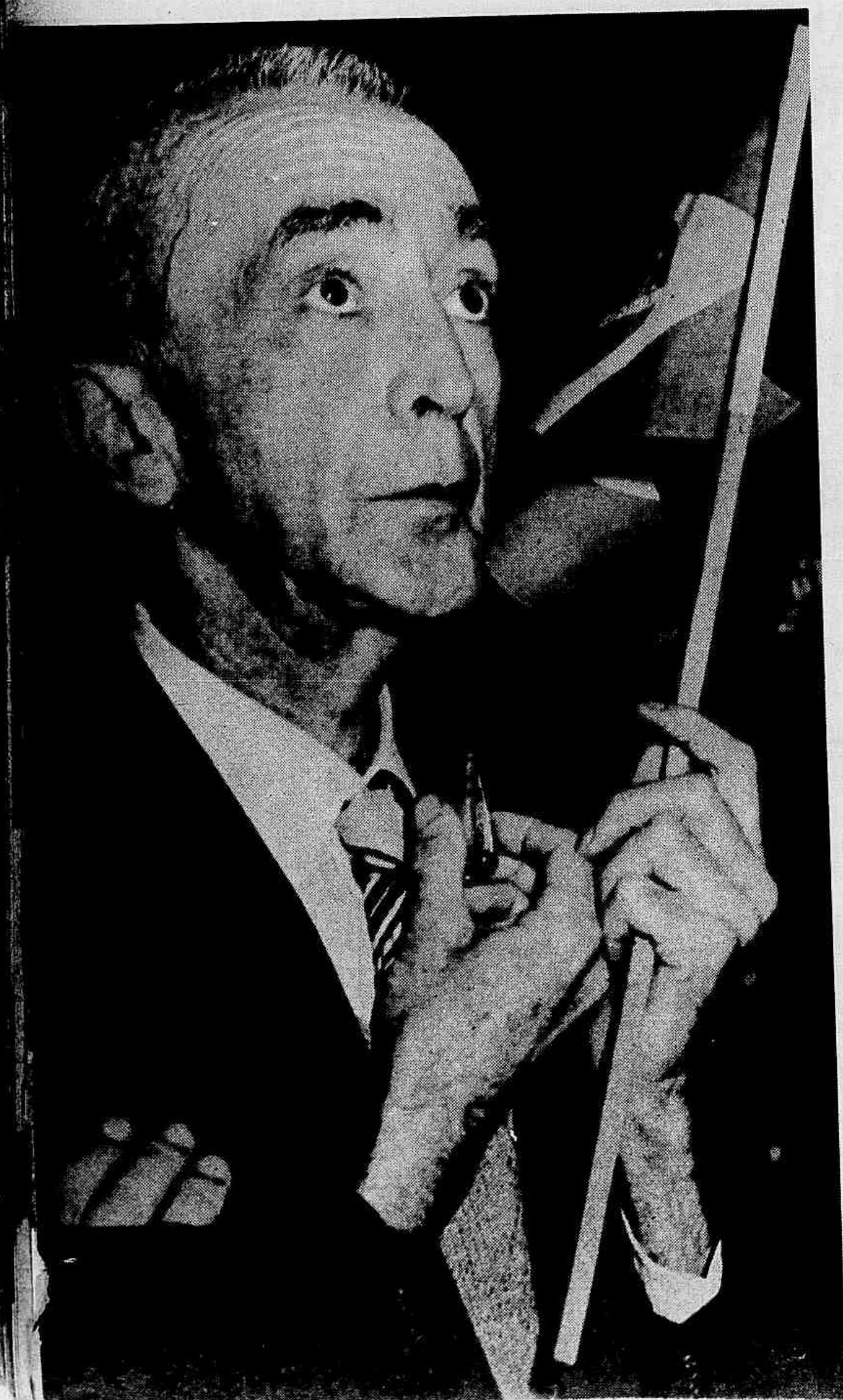
É a queixa que lhe escapa ao entrar no carro. Consulta o relógio e pergunta, dirigindo-se a um de seus companheiros de jornal:

— A que horas vai ter início mesmo o julgamento?

Alguém dá a informação e Lacerda comenta de bom humor a resposta a uma outra pergunta:

— Bem... só se o sono me vencer...

Um fervoroso partidário emociona-se enquanto ouve atentamente as palavras de seu líder. Lacerda não chegou para os abraços. «A vossa presença desmente àqueles que pensam que o povo não tem armas. Isto é uma prova de que o Brasil não morreu, nem o seu povo se afundou na vergonha» — fala com voz embargada.



O CLUBE da LANTERNA SACÓ,
O SEU GRANDE LIDER



BANDEIROLAS, FAIXAS, DISTICOS E NUMEROSAS LANTERNAS ACESAS SOB O VENTO FRIO DA MADRUGADA, AGITARAM-SE DANDO VIVAS AO RECÉM-CHEGADO. O HINO NACIONAL FOI ENTOADO DUAS VÉZES.



INTERNACIONAIS

ANCHIE MOORE, campeão mundial dos pesos médios, casou-se em fins de agosto em San Diego com uma professora local, Joan Mardy.

★

GLORIA VANDERBILT, que já foi madame Leopold Stokowsky, casou-se com um jovem dirigente de uma companhia de televisão, Sydney Lumet. É seu terceiro casamento.

★

PARECE QUE os russos vão perdoar os jovens poloneses que tomaram parte no recente levante de Poznam, e que estão sendo julgados. Política de boa vizinhança, vocês sabem.

★

OS GÊMEOS argentinos Dilligenti acabam de completar treze anos. Chamam-se Franco, Maria Cristina, Maria Fernanda, Maria Ester e Carlos. São os únicos cinco gêmeos vivos no mundo.

★

EM DAR ES SALAM, Zanzibar, nativos entusiasmados com a visita da princesa Margaret e desejando tocar em seu corpo de qualquer maneira, tiveram de ser repelidos custosamente pela polícia.

★

ALGUNS JOGADORES russos, acusados de se portarem deslealmente em partidas de futebol realizadas em Moscou, acabam de ser condenados severamente a penas várias, que vão desde a admoestração até à exclusão. Se a moda pega no Brasil, o futebol acabava por falta de jogadores.

★

O PARLAMENTO da Alemanha Ocidental transferiu-se novamente para Berlim. Até há pouco estava em Bonn. As sessões preparatórias da nova fase já começaram.

★

OS RUSSOS já estão recrutando animais e escolhendo espécies vegetais para levar para o satélite artificial que pretendem em breve lançar aos ares.

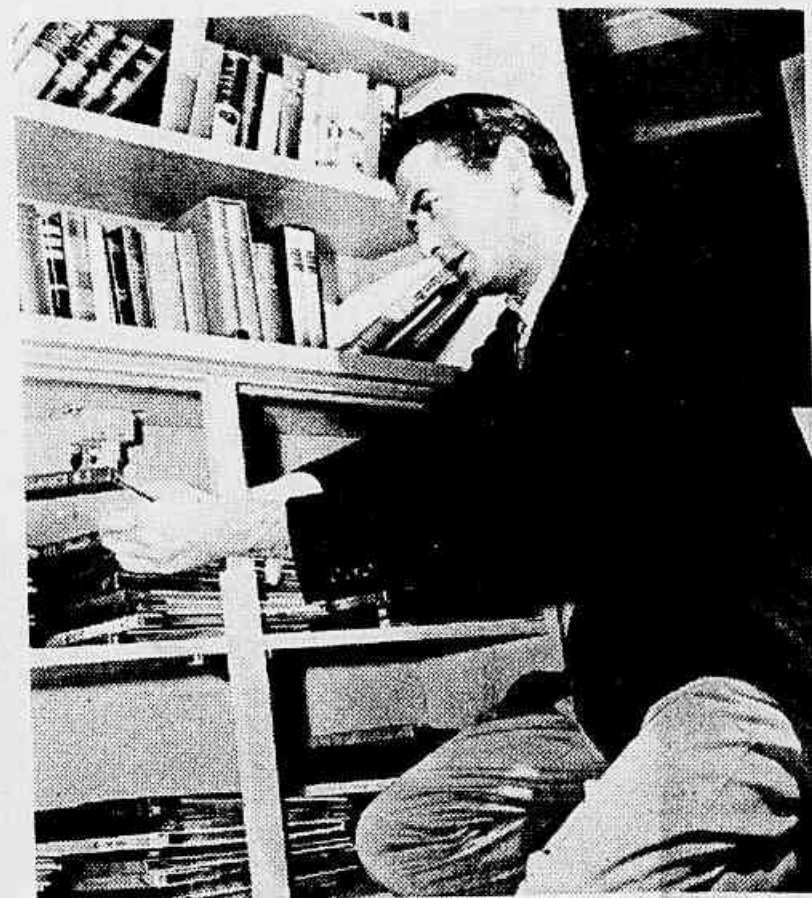
★

ESTÁ NA ESPANHA o Ministro da Educação do Brasil, Clovis Salgado. E já abischoitou a Ordem de Afonso o Sábio. Porque é que não podemos alinar.

REVISTA DA SEMANA — 8



O PRINCEPE Bernhardt, da Holanda, está visitando a África, enquanto sua esposa não encerra de vez suas ligações com a feiticeira Greet Hofmann. Parece que a rainha Juliana ainda acredita na embusteira, e por isso o príncipe estaria disposto inclusive ao divórcio.



GREGORY PECK e Jane Russel estão em Bogotá, na Colômbia, à frente de um grupo de quinze artistas americanos em viagem de cordialidade. Talvez depois venham ao Brasil.



IGOR STRAVINSKY encontra-se em estado grave, pelo que diz um telegrama proveniente de Munich, onde ele se encontra. O autor de «Pássaro de Fogo» tem 74 anos, e foi até Munich a fim de reger a Sinfônica local. Ali, acometido por violenta gripe, tomou um entêrmo. Seu estado inspira sérios cuidados.

A SEMANA



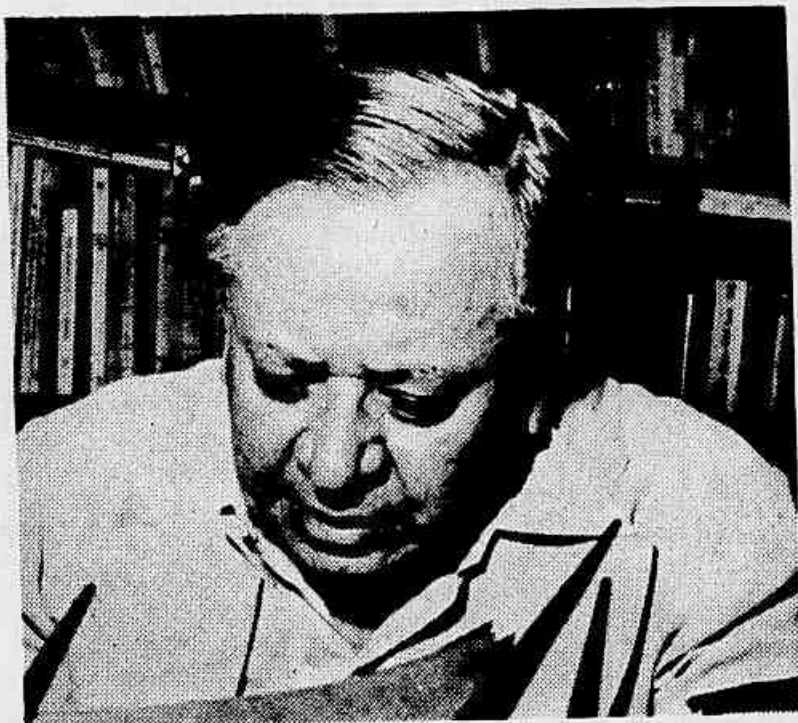
PORFIRIO RUBIROSÁ é capaz de reengatar seu namôro com Ava Gardner. Ele aqui aparece quando, após uma movimentada partida de pólo, levou uma bolada no queixo, e teve de usar um aparelho por algum tempo.



ENQUANTO O negro boxeur Archie casa-se. Gene Kelly, após quinze anos de casamento feliz, dá o faro na mulher, a famosa Betsy Blair, que apareceu ultimamente em «Marty». Os Kelly têm uma filha de 14 anos.



ANGELITA MARTINEZ foi eleita, em pleito disputado por inúmeras beldades cariocas, Miss Objetiva 1956. Foi sem dúvida alguma uma vitória bonita e merecida. Angelita chega a abusar do direito de ser atraente.



GILBERTO AMADO foi homenageado na Livraria São José, por seus confrades e admiradores. O conhecido escritor e diplomata — cujos volumes de «Memórias» estão despertando justo entusiasmo — partirá em novembro para os E.U.



PASCOAL CARLOS MAGNO voltou ao Brasil, após ano e meio de ausência. Durante a recepção entre amigos e admiradores, ainda no cais, o diplomata deu por falta de sua carteira, contendo 250 dólares.

EM REVISTA



SÉRGIO CARDOSO apresentou, no Municipal, o «Hamlet», de Shakespeare, em sua conhecida criação. Acontece, porém, que a versão atual fica bem longe da primitiva, talvez por não ter havido, de parte dos atores, maior concentração. Falta de ensaios, em suma. Por isso, muita gente ficou decepcionada.



MARIA SÔNIA Soares de Araújo (na foto com o prefeito), representante do Fluminense, venceu o «Miss Elegante Bangu» do corrente ano. Partirá breve para Paris, fruindo o prêmio que verdadeiramente mereceu. Uma das candidatas mais aplaudidas, durante o desfile, foi Ana Maria de Freitas, de Caxambu. Mas Ana é menor, e por isso não pôde ficar até ao fim do concurso.

NACIONAIS

AS COMPANHIAS de gás liquefeito de petróleo nada poderão cobrar aos consumidores, à guisa de taxa para instalação de fogões nas residências, ou como taxa de conservação. Essa a resolução do Conselho Nacional do Petróleo, há pouco tomada. Com ela, mais uma velhacaria rui por terra.

★

ENCERROU-SE O primeiro turno do Campeonato Carioca de Futebol, com América e Vasco em primeiro lugar, de vez que o América venceu o Botafogo, e o Vasco empatou com o Flamengo, na derradeira etapa. Porém, todos os concorrentes estão ainda muito próximo uns dos outros, o que leva a crer que o páreo, no retorno, será duríssimo.

★

OUTRO ANJINHO que vem de ser condenado a 33 anos de reclusão, por estar implicado no crime da rua Toneleros, foi Clímério, de Almeida. E as águas continuam rolando...

★

CARLOS LACERDA desembarcou no Rio, proveniente de Lisboa, e foi recebido por uma multidão de admiradores. Agora, é esperar pelas novas campanhas do dinâmico diretor da «Tribuna da Imprensa».

★

OUTRO CONTRABANDO de uísque apreendido em Fortaleza. Enquanto isso, já se fala que a taxa sobre cada garrafa de uísque será de nada menos de 400 cruzeiros.

★

O MINISTRO da Fazenda do Brasil, José Maria Alkmim, foi recebido pelo Papa. É capaz de ter ido fazer algum empréstimo. Ou então solicitar um milagre que nos prive de novas emissões.

★

O PEQUENO Robson, após as várias peripécias que são do conhecimento de todos, partiu para Londres, em companhia do pai. Ele vai tentar a cura num hospital londrino, já tendo a Embaixada do Brasil na Inglaterra providenciado uma consulta com famoso cancerologista local.

★

ZAMOUR JUNIOR, faquir baiano, após 125 dias de jejum, bateu o título mundial de jejum. Devia ter ganho igualmente o Prêmio Nobel da falta de imaginação.

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2379 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3160



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO
VIAGENS Lda

AZASO - EB-9

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Escreveu «A Chave de Salomão»:

- Jorge Amado?
- Genolino Amado?
- Gilberto Amado?

2—Que é «Sêlo de Salomão»?

- o primeiro sêlo de Israel?
- uma planta?
- moeda antiga?

3—Guido d'Arezzo designou com uma nova nomenclatura:

- as notas musicais?
- as classificações zoológicas?
- as doutrinas pedagógicas?

4—Kant, chinês de Koenigsberg... — frase de:

- Schopenhauer?
- Nietzsche?
- Nordau?

5—Há um «lied» de Schumann que reproduz notas da «Marseillaise»:

- Widmung?
- Nussbaum?
- Beide Grenadieren?

6—O personagem de Macário foi criado pelo poeta:

- Alvaro de Campos?
- Álvares de Azevedo?
- Castro Alves?

7—Estêve no Brasil em 1906 como representante à conferência do Rio de Janeiro:

- Paul Claudel?
- Rubem Dario?
- Garcia Lorca?

8—O primeiro historiador brasileiro foi:

- Rocha Pita?
- Frei Vicente do Salvador?
- Rocha Pombo?

9—«De lágrimas de mãe formou-se um rio» — verso de:

- Olegário Mariano?
- Pereira da Silva?
- Da Costa e Silva?

10—Que significa etimologicamente a palavra «entusiasmado»:

- Deus dentro de si?
- além dos limites normais?
- transportado para fora de si?

11—O Regulamento 737, no Direito Brasileiro, refere-se:

- ao Direito Penal?
- Processual Penal?
- Direito Comercial?

12—O rético é falado na:

- Alemanha?
- Holanda?
- Suíça?

13—Dizem ter sido canonizado pela Igreja Católica, sob o nome de Josafat:

- Maomé?
- Confúcio?
- Buda?

14—A Doação de Constantino é:

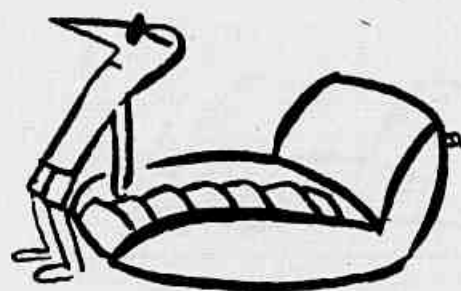
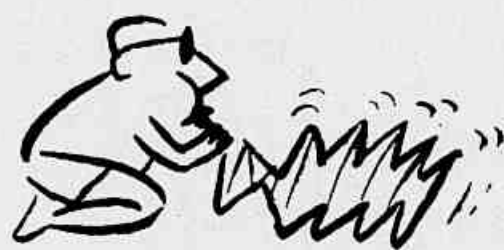
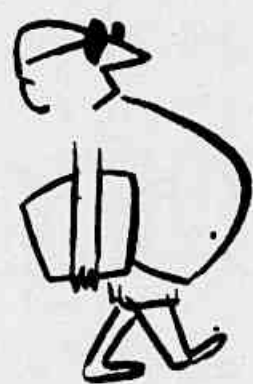
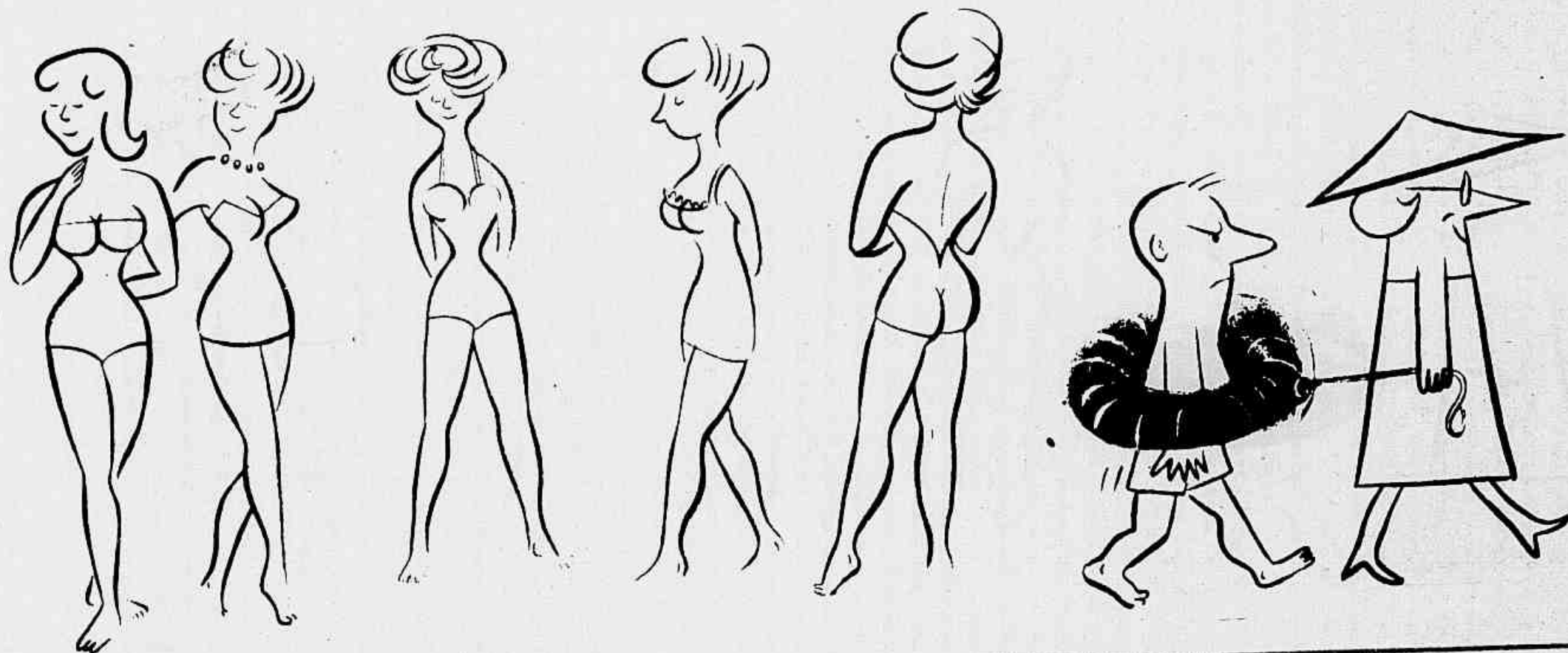
- pseudo-documento da doação de Roma ao Papa?
- a abdicação do Imperador?
- o consentimento dado aos cristãos para livremente praticarem seu culto religioso?

15—João Sem Terra o que era de Ricardo Coração de Leão:

- pai?
- filho?
- irmão?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

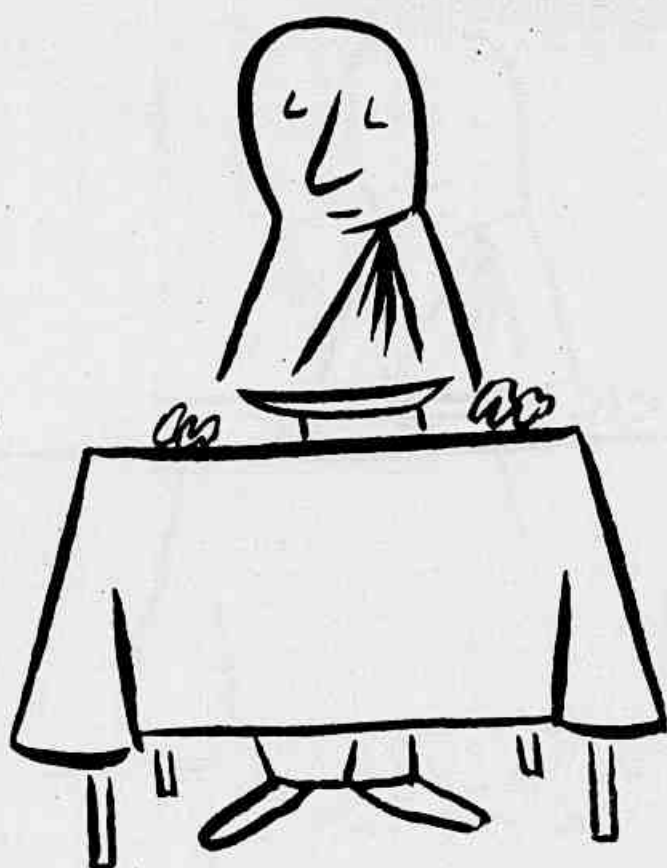
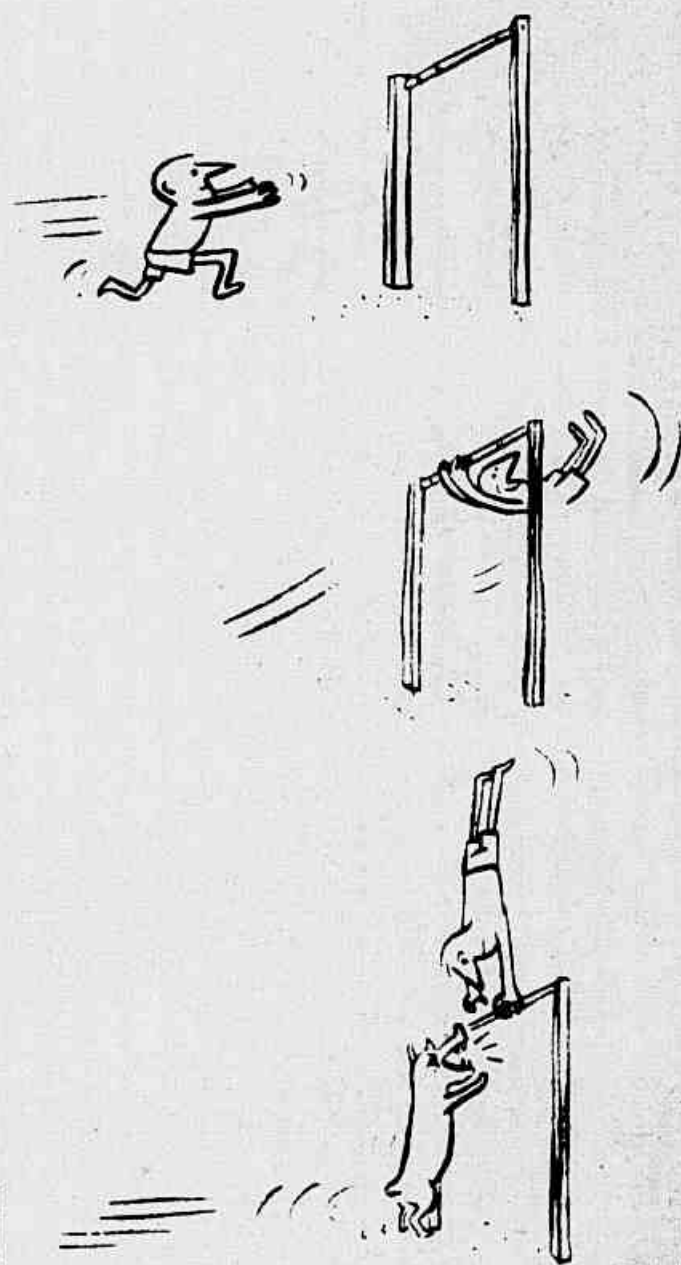
RESPOSTAS: 1 — Gilberto Amado; 2 — uma planta; 3 — as notas musicais; 4 — Nietzsche; 5 — Beide Grenadieren; 6 — Álvares de Azevedo; 7 — Rubem Dario; 8 — Frei Vicente do Salvador; 9 — Da Costa e Silva; 10 — Deus dentro de si; 11 — Direito Comercial; 12 — Suíça; 13 — Buda; 14 — pseudo-documento da doação de Roma ao Papa; 15 — irmão.



O RISO DOS OUTROS



— Ele está crente que é mesmo «São»
Bernardo.



O ENIGMÁTICO KAPITZA



I NSTALA-SE na casa dos pais de sua mulher e fica noivo com uma das filhas do casal. Toca, com muito virtuosismo, a TSURNA, um instrumento de cordas muito apreciado no Turquestão. Ninguém observa que a caixa do seu instrumento não está vazia: ela encerra um pequeno e curioso maquinismo. Quem saberá o que é um contador Geiger? E quem iria supor que Gamboiev fôsse um geólogo? Ele devassa a região em todos os sentidos, desenha o que entende, e desaparece ao fim do mês de agosto de 1941, retornando ao país das prisões onde ele tanto havia sofrido. Constata-se a sua ausência. Mas quem iria supor que ele houvesse voltado para a Rússia, onde a guerra estava no seu auge?

Enquanto se travam os mais sangrentos combates pela posse de Stalingrado, em princípios de 1943, os sábios russos celebram o terceiro centenário de nascimento do grande Newton. Corre, então, a notícia segundo a qual um grupo de traidores — que os alemães haviam empregado na fortificação das fronteiras — tinham cruzado a fronteira sino-soviética na região de Semipalatinsk. Estariam apoiados por pára-quedistas hitlerianos.

Esses fugitivos são prisioneiros dos campos de concentrações russos. Estão temporariamente instalados nas vizinhanças do lago Ulungur. Abandonam sua pobre bagagem e seu «conselho».

Tais fugitivos que na realidade são geólogos, ocupam os distritos uraníferos de Dzungaria.

Pouco depois, com exceção feita de dois, retornam. A segunda «virgem» não tem mais segredos para eles. O problema agora é dar-lhe um marido.

No mês de fevereiro de 1950, a União Soviética entra num acordo para a concessão da exploração de todas as riquezas minerais da Dzungaria. O preço não é excessivo: o governo chinês receberá 30 por cento dos produtos. Passa em silêncio o fato de que esta exploração já se havia iniciado há dois anos.

-NÃO OBSTANTE O RECUO DO EXÉRCITO VERMELHO, O FUTURO ESTÁ NAS NOSSAS MÃOS — ANUNCIA STALIN.

Tudo foi pesado, refletido, até em seus menores detalhes. Uma extrema prudência e uma rara severidade de concepções permitiram lançar as bases do empreendimento.

A Rússia empregou, pela força ou de espontânea vontade. Empregou a totalidade da mão de obra de que dispõe.

— A Rússia — declara Vosnessenski, chefe supremo do plano, enfrenta-se diante de uma tarefa gigantesca. E não concretizará os seus objetivos senão após vários anos de esforços. Além disso, deverá empregar todos os seus recursos de mão de obra e da colaboração espontânea.

O POLITIBURO ATOMIZA

E' assim que conclui o seu discurso. George Malenkov sucede-o na tribuna. Esta é a sua 1ª aparição ante o Congresso Pan-soviético, pelo menos com o nome verdadeiro. Fala, acima de tudo, sobre o desenvolvimento da indústria russa.

No final da Conferência e após uma intervenção de Béria, o Politburo fica completo. Em primeiro lugar elege-se Vosnessenski. Logo em seguida Alexandre Tcherbakov que foi, durante muito tempo, o braço direito de Jdanov e vem de desposar a filha deste último. Vai substituir o sogro no posto de Chefe da Propaganda, a fim de permitir que este se entregue completamente aos seus deveres de «chefe atômico». O último a ser eleito é George Malenkov; este será comissário político no lugar de Jdanov.

Eis aqui, então, o Politburo atomizado.

Eis tudo o que foi decidido pelo Kremlin desejoso de assegurar o seu futuro próximo. Mas a operação mais importante deve ser prevista com muita antecedência, uma vez que uma legião de sábios, tendo à sua frente Kapitza, trabalha noite e dia, com uma paciência e um ardor de formiga.

No dia 22 de junho de 1941 a Rússia entra na guerra. As tropas hitlerianas invadem o país sem encontrar grande resistência. Organiza-se um comitê nacional de defesa, outorgando-lhe plenos poderes. Tal comitê é formado por Stalin, Molotov, Voroshilov, Béria e Malenkov. Jdanov deve entrar para ele também, como reserva...

Leningrado, a cidade-chave, acha-se sob grave ameaça e Jdanov é sua única esperança. Passada a primeira emoção causada pelo massacre, o Kremlin começa a evacuar as usinas. Elas terão, mais tarde, capital importância.

Em 25 de agosto de 1941 — após a perda quase total dos países bálticos, da Rússia Branca e da Ucrânia, os cinco tomam uma decisão: a de acelerar os trabalhos da «operação suprema», essencial à defesa do fronte!

E' Stalin quem fala e os outros concordam. Como de hábito nada se escreve. A direção fica com Jdanov. Béria é encarregado de apressar os trabalhos.

Cheio de orgulho, ele aceita, qualquer que seja o esforço a despendar com a organização do exército «partisan». Eis aqui, pois, o comissário chefe da «operação suprema».

No dia 25 de agosto, o G.K.O. (Comité Nacional de Defesa) expede uma ordem:

«No que concerne aos meios de transporte os membros do Conselho dos Sete estão no mesmo pé de igualdade dos chefes militares e comandantes de exércitos».

Todos os direitos de requisição e de prioridade lhe são assim reconhecidos. Ao fim da guerra, Béria enfeixava em suas mãos dois ministérios: o do Interior e o da Segurança Nacional. Ele está sobrecarregado de trabalho e por isso deve abandonar certas funções. Mas conserva a presidência do Comité de Mobilização e Guarda dos Prisioneiros. De outro modo, ele teria que recuar ante Malenkov.

No dia 24 de agosto, uma ordem da G.K.O. institui um conselho de trabalhos geológicos que toma o nome de Geo-Stroi. Este se acha diretamente subordinado ao Comité Nacional de Defesa, ou G.K.O. Sua função principal é ordenar as evacuações de materiais e serve, sob esse aspecto, aos interesses de Malenkov. Por outro lado, preside à edificação de estabelecimentos «atômicos» e vem, assim, apoiar Laurenti Béria. No decorrer de toda a história «atômica» da Rússia, iremos encontrar os dois homens, Malenkov e Béria, ora aliados, ora adversários. Para os «Soviets», o futuro é mais importante do que o presente.

Estamos nos momentos mais críticos da Grande Guerra.

BATEMOS EM RETIRADA, MAS CONSERVAMOS OS NOSSOS TRUNFOS

Só Deus sabe quem pôde propor a criação do Geo-Stroi. Não se admite críticas, sob nenhum pretexto. O professor Boris Galerkin, seu presidente, sempre tem a carta da política soviética. Excelente patriota é normal que a ele se confie a evacuação dos bens e das usinas diante das tropas invasoras. Pois seu país está à beira do abismo...

Mas que se encarregue também das «construções atômicas» prova que ele está convencido do sucesso da «operação suprema», pois que se trata de um homem profundamente realista.

Finalmente, ele substitui o professor Gubkine no Conselho dos minerais, na qualidade de «primeiro membro». Depois desaparece de cena; está no trabalho.

Ilustração de RAMÓN

Por M.A. BIEV

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ Piotr Kapitza, dirigindo um grande grupo de sábios russos, realiza, às escondidas, as experiências que dariam à Rússia a supremacia das armas atômicas. Enquanto isto, um grupo de intelectuais, tendo à sua frente o romancista Ilya Ehrenburgo, move uma campanha de desmoralização contra esses cientistas, com o fim de desviar a atenção dos observadores ocidentais. O Conselho dos Sete se reúne para estudar vários assuntos ligados às pesquisas. Stalin acha-se presente. E discute com os cientistas, acrescentando que tudo deve ser feito em função do futuro. E' preciso mais dinheiro, e dinheiro existe, ainda mais para vencer a corrida atômica a dar a União Soviética força suficiente para se fazer respeitar...

Especial para a REVISTA DA SEMANA

Copyright Keystone e Pierre Horay

continua em seu lugar. Ioffe está junto de Jdanov, na qualidade de conselheiro, e dá uma grande importância a Leningrado, não obstante o bloqueio que a isola do resto do país. Uma ordem especial do G.O.K. chama Ioffe a Moscou. Negligenciar tal ordem seria arriscar a própria vida. Por isso, Ioffe não indaga nada. Ainda que doente e em estado febril, este sábio de sessenta anos de idade obedece sem discutir.

Em meio aos tumultos das aclamações saudando a vitória de Rostov, Stalin convoca, no espírito da «Ordem Especial» recebido por Ioffe, uma conferência.

Trata-se de uma conferência extraordinária, única. Até aqui todas as reuniões do G.K.O. haviam sido secretas e exclusivas. Nelas não se viam senão «personalidades interessadas» comandantes do «front», ministros, chefes de regiões e somente para os assuntos que lhes diziam respeito diretamente. Mas desta vez, todo mundo lá está presente, e ao mesmo tempo. Três conselhos são convocados ao mesmo tempo: o do átomo, o dos minerais e o Geo-Stroi. Agora, quem arranjou isto? Béria, o qual incumbe ao primeiro chefe o segredo das deliberações. Está ele tão seguro de sua realização?

(Cont. no próximo número)



O HOMEM E

Romance de ARINO PERES

DEVIA mais esta gentileza do dr. Magalhães. O gerente levava pouca coisa em troca, apenas Teresa, e mesmo assim não teria posse completa, as aparências precisavam ser mantidas. Talvez a posse de Teresa lhe tivesse proporcionado essa acumulação de gestos nobres... não, o coração do homem bem que podia abrigar os sentimentos de solidariedade e compreensão que vinha manifestando. Não era correto condicionar o interesse do gerente à posse imtemporária do corpo conhecido, houvera, quando muito, desbotamento dos sentimentos condensados.

— Senhor Otávio, a Companhia Segurança Limitada estudou devidamente o seu caso. Um único fator apresentava-se dúbio: os depoimentos policiais apresentam seu acidente como imprudência.

— Meu caro senhor, minha prudência em fazer o seguro foi justamente levando em conta minha imprudência na vida.

— Bem. Este fator equívoco felizmente foi solucionado. O dr. Magalhães, nosso cliente antigo, fez uma explicação clara dos detalhes, conseguindo colocar nas devidas proporções as declarações das testemunhas.

Conheceram o dr. Magalhães há bem pouco tempo. Na semana passada completara dois meses de apólia, e estivera seis meses a serviço da EMPIRE S.A. Bom sujeito, recompensava-o pela perda das pernas, a perda de Teresa não necessitava compensação.

O amor exige do macho a busca, essa sua função; a fêmea, espera. Como iria buscar se um automóvel lhe roubava o veículo de locomoção. A cadeira de rodas pouco lhe ajudava, deixava-lhe apenas a ilusão de ir, mas realmente era conduzido. Estava ele agora na posição inversa, ele é que necessitava que o encontrassem para levá-lo.

O homenzinho bem penteado abriu a pasta preta e começou a colhêr papéis que esparramou sobre a mesa de cabeceira.

— O senhor pode comprovar a lisura de nossa organização. Após os trâmites legais, processados em ritmo acelerado, faremos a entrega da importância de seu seguro, uma retribuição, diremos, ridícula, mas que permitirá reorganizar-se. A previdência é a maior qualidade humana, pois permite ao homem sobrepor-se aos eventos danosos da existência.

Os característicos do homem atual são o temor e a insegurança. A humanidade sente-se ameaçada por todos os lados, precisa invulnerabilizar-se. Há ameaças no lar, na rua, no emprego, no veículo coletivo, nas recreações. No lar tem o homem que pensa na possibilidade do incêndio, do ladrão; as pernas perdem-se na rua, no emprego, no teatro; o avião pode espatifar-se... O homem tem que cercar-se de imunidades: toma o trem, para a taxa de seguro; compra a casa, faz seguro de incêndio; casa com separação de bens. Criaram-se apólices, bancos, testemunhos, cartas de fiança, leis trabalhistas, comissão atômica, pactos de agressão mútua... O homem desconfia da esposa, do patrão, do inquilino, do empregado... Desapareceu a certeza no futuro, vive apenas um infinitésimo.

O velho Leopoldo ensinara-lhe coisas velhas, sem sentido, recitara-lhe palavras sem conteúdo para o mundo atual.

«Olhai as aves do céu, que nem sequeam nem segam, nem ajudam em celeiros...»

«Olhai os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam...»

— Preciso de duas testemunhas para firmarem o recibo. Dois de seus amigos, que possuam identificação, poderão fazê-lo.

Como estabeleceram o preço de uma perna? As cédulas teriam saído por preço insignificante. A tabela era sábia em sua contabilização, precisava a importância do conjunto. Lembrava a oferta do mercador em sentido inverso: cada perna Cr\$ 80.000,00, ambos Cr\$ 200.000,00. Qual o preço total de um homem? Fácil, agora, calcular; uma regra de três, nada mais que isso: três quartos valem duzentos mil, a unidade vale X.

O recibo foi firmado; o velho Leopoldo e o médico de plantão assinaram-no, juntamente com Otávio.

— Doutor, o senhor poderia depositar esse cheque no banco em meu nome?

— Perfeitamente, senhor Otávio. Amanhã mesmo o farei.

— A Companhia Segurança Limitada sente-se desvanecida em ter cumprido as obrigações assumidas para com seu cliente, mas, creia-me, senhor, maior que nossa satisfação financeira em não dispendar essa quantia seria o prazer de vê-lo perfeito como o são as coisas de Deus. Esperamos que a importância do seguro possa ajudá-lo a suportar a forma de vida que o destino perversamente lhe impôs.

— Muito obrigado.

Findado o discurso, pertilou-se o homenzinho, cumprimentou o auditório solenemente e retirou-se.

Aquêle valor não correspondia aos dois membros emancipados, era um valor fictício, incambiável. Os duzentos mil cruzeiros jamais poderiam substituir as células subtraídas, não o levariam a parte alguma, auxiliariam apenas seu transporte. Aquêle dinheiro não o recompunha na chefia da Seção de Compras e Vendas da EMPIRE S.A., não comprava o violino que emitia queixas quando cortado pelo homem magro não lhe revertia Teresa, não substitua a cadeira de rodas.

A previdência humana era torpe estupidez. O homem mercealizava-se, mas o pagamento jamais poderia ser feito em espécie. Ele poderia pagar a alguém para conduzir a cadeira de rodas, mas seria vigiado aonde quer que fosse. Duzentos mil cruzeiros não lhe restituíam o trapézio de sustentação.

«Olhai as aves do céu, que nem sequeam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?»

«Olhai os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam; e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles».

Fizera péssimo negócio.

CAPITULO XVIII

O PAVILHÃO

ROSA roubava parte de seu tempo livre para substituir Edson na condução da cadeira de rodas. A afeição por Otávio crescera após aquela tarde de febre, e agora, durante aqueles passeios descansados, deixava inerte à disposição do enfermo a alma pura.

Otávio tinha muito que recuperar. A Rosa branca envolvia-o numa atmosfera diferente, distante daquele ambiente de poses irresponsáveis. Compreendia ser prejudicial aquela proximidade voluntária, preguiçosamente adia o instante decisivo, tirando o máximo daqueles momentos de ternura inequívoca.

— Você esquecerá todas as outras, Otávio?

— Rosa, limitar as coisas é uma necessidade humana. Precisamos estabelecer um fim para as coisas que nos cercam, caminhamos ansiosos à procura de um término. Não foi outro o motivo que levou o homem a medir o tempo. Só temos conhecimento do limitado; o infinito apavora por isso dividimos os séculos, os anos, os meses. Procuramos estabelecer o elemento primeiro de todas as coisas para sabermos a quantidade que há em cada uma. O acidente teve para mim esse valor, marcou, estabeleceu um ponto divisorio entre dois modos de agir.

— Nesta segunda fase haverá lugar para mim?

— É difícil definir-me; ainda sou transição.

— Não sei como aconteceu. Há três anos trabalho aqui, nunca ninguém me perturbou como você, e ainda agora me sinto insegura. Você tende para a diluição, confunde-me, não consigo acompanhar seu pensamento em todos os sentidos. Receio a volta de Madalena e Teresa. Cada dia de visita penso perdê-lo; acho que o amor surgiu em mim com a mesma inquietude dos quinze anos.

— Sabe como eu a chamava?

— Não era Rosa branca?

— Rosa prostituta. Eu via a rosa vermelha desfrutada somente por Edson, só a ele permitindo o contato, e você distribuindo-se a nós oito, servindo a todos. Rosa prostituta... sempre fui meio louco.

Aproximou-se aquela enfermeira aborrecida.

— Rosa, o dr. Paulo precisa de você.

— Vou levá-lo, Otávio.

— Não, deixe-me ali sob aquela árvore, quando terminar venha buscar-me. Será bom aproveitar a manhã longe do cheiro de antissépticos.

Observou Rosa afastar-se, recriminando-se por dilatar a intimidade, o engano de estabilidade. Quase esquecia-se de que descansava sobre três rodas e que o menor deslocamento sobre a cadeira poderia iniciar o movimento de translação. Situava-se entre a estática e a dinâmica, mantinha-se em equilíbrio instável.

A esquerda, levantava-se o pavilhão das mulheres, e doenças diversas debruçavam-se das janelas abertas.

A mulher, como um presente delicado, exige o acondicionamento em estojos cuidados, sem o que não causará o efeito deslumbrador que se espera. Aquêles rostos emoldurados pelas janelas azuis não arrancavam o homem à espectação passiva, estavam descondicionados, não se alinhavam ao caprichoso envólucro que esconde as imperfeições mínimas, não possuíam o sigilo que faz cobigar.

A maior virtude do amor é ocultar. Só se ama o conhecido; é preciso amar-se para conhecer; mas o amor esconde, transverte o objeto amado, desnivela-o ao plano comum. Jamais homem algum imaginou a amada torcendo-se em cólicas pálidas pela enxaqueca, desleita pela homopise.

O amante choca-se ante a realidade da mulher que ama, demora a convencer-se da naturalidade da enxaqueca, da universalidade da cólica.

(Continua na página 58)

O TRAPÉZIO

Desenho de ZARCO



INGRID BERGMAN EM ANASTÁCIA

♦ INGRID BERGMAN, a famosa estrêla sueca cujo romance com Roberto Rossellini tanto deu o que falar, é hoje, depois de tudo acalmado, uma simples dona de casa, mãe de três filhos — Roberto, Ingrid e Isabella. Presentemente, ela encontra-se em Paris, trabalhando na peça «Chá e Simpatia», de Sherwood Anderson. Entrementes, continuam em Londres as filmagens de «Anastacia», o filme de Anatole Litvak sobre a controvertida história da infeliz princesa russa que, ao que tudo indica, escapou ao massacre de toda a família Romanov, em 1917. Entre o lar, e as filmagens, Ingrid divide sua vida atual. Ei-la junto à família, e ao lado do jovem e já famoso artista Yul Brinner, seu companheiro no filme.



TRÁGICA VINGANÇA DE MULHER

EDUARDO TOURINHO

A chegada do bispo D. Frei Francisco de São Jerônimo, em 1702, toma vulto a perseguição aos judeus do Rio de Janeiro. Fôra ele — o bispo — qualificador da Inquisição, em Évora. Estava, portanto, apto, a rigidamente executar as determinações do Santo Ofício emanadas do palácio dos Estaus. Assim, entre 1707 e 1711 mais de cento e sessenta pessoas — famílias inteiras — foram no Rio prêsas e, a ferros, enviadas para os Autos de Fé no Rossio de Lisboa. Quando da invasão de Du Guay-Trouin, cerca de cem detidos à ordem da Inquisição enchiam os cárceres da cidade.

Era Antônio José criança quando seguiu com os pais — o advogado João Mendes da Silva e d. Lourença Coutinho — para Portugal. No Rio de Janeiro nascera no anq de 1705. Muitos **brasileirismos** permaneceram no que depois, escreveu. Estudando direito canônico em Coimbra, gozava férias em Lisboa quando a 7 de agosto de 1726 — sob a acusação de hereje e apóstata — foi contra ele expedido mandado de prisão pelo Santo Ofício. No dia seguinte, executou a ordem o conde Villamayor. Levado ao Tribunal, nessa mesma data declarou ter sido educado na religião católica até a idade de dezessete anos. A essa altura conhecera certa criada de sua tia Maria Coutinho, cuja alegre casa frequentava Bartolomeu de Gusmão. Com essa criada andara de amôres e ela atraía-o ao judaísmo. Mas logo voltara à Igreja de Cristo. E, então, acusa onze pessoas, entre as quais dois irmãos e cinco primas! Na segunda audiência — 13 e 16 de agosto — teve ordem de rezar o Padre Nosso, a Ave Maria, a Salve Rainha e o Credo, bem como de recitar os Mandamentos. Tudo mostrou saber, embora no Credo e na Salve Rainha incorresse em leves erros.

No dia 23 compareceu à terceira audiência e foi supliciado. Conheceu o **potro**: — «grade de madeira em figura de leito do comprimento de um homem, e de obra de dois pés de largo, alto do chão pouco mais de pé e meio». Sobre esse **potro** era o paciente deitado — pescoço prêsso a uma argola de ferro — e apertado com muitas cordas contra «as quinas dos degraus da grade». Depois de um quarto de hora dêsse tormento em que «só chamava por Deus», voltou ao cárcere.

A 13 de outubro — em presença de D. João V — abjurou em Auto de Fé. No dia seguinte prestou juramento de nada dizer sobre o que vira e ouvira nas dependências do Santo Ofício. A 23 foi pôsto em liberdade e voltou à casa paterna.

x x x

Pôde Antônio José concluir os estudos. Advogou, casou, teve duas filhinhas. Viu tornar-se seu nome popular pelo que escrevia para o público — como o **DIABINHO DA MÃO FURADA**, sátira à sociedade existente — e pelas peças representadas no teatro de marionetes da Rua da Rosa, no Bairro Alto de Lisboa, em salas do antigo palácio do conde de Loure. Sssas peças — algo de comédia espanhola e ópera italiana — tinham músicas e canções portuguesas a entrecortar os diálogos. Eram recheadas de provérbios larachas e ditos do povo. Atraíam grandes platéias. Eram as **GUERRAS DO ALECRIM E DA MANGERONA**, o **ANFITRIÃO**, as **VARIEDADES DE PROTEU**, a **ESOPAIDA**, o **LABIRINTO DE CRETA**, os **AMANTES DE ESCABECHES**, os **ENCANTOS DE MEDÉIA**. Sua **VIDA DE D. QUIXOTE** — que, hoje, tem uma versão francesa — não é o romance do Cavaleiro da Triste Figura: é o biografia do espanhol seu contemporâneo. Como Gil Vicente, usava termos crus que encantavam os espectadores do teatro do Bairro Alto e, como Gil Vicente, impregnava de vivo realismo tudo que escrevia. Eram as armas com que feria o **meio** e a época que o oprimiam. O cruel burlesco com que cobria a sociedade dominante deveria provocar mortais malquerenças e inspirar sinistras vinganças. Na Ópera do padre Ventura, no Rio de 1767, peças suas

foram encenadas. E a **vindicta** — sob a forma de **Justiça** — caiu trágicamente sobre a cabeça de «o Judeu».

x x x

A negra cabo-verdeana Leonor Gomes — escrava de Antônio José e de sua família — primava pela má conduta. Era, de contínuo, admoestada e castigada. Maquinava a desforra... Para isso, no começo de outubro de 1737 vai ao Santo Ofício e acusa Antônio José, sua mãe Lourença Coutinho e sua espôsa Maria de Carvalho — de práticas judaicas. Diz que guardavam os sábados, lavavam-se às sextas-feiras, observavam o Jejum Maior, não iam à igreja aos domingos.

No dia 3 é expedido o mandado de prisão e, a 5, Antônio José é apri-sionado. No dia 8 de abril de 1738, ao Tribunal comunica o alcaide do cárcere ter sabido pelos guardas haver ele jejuado judaicamente. A 10 de junho, um de seus dois falsos companheiros de prisão — o cristão novo José Luís de Azevedo — acusa-o de havê-lo incitado à mesma prática. A 30 de dezembro, o outro — Bento Pereira, soldado de cavalaria dos Dragões de Beja — acrescenta que o via rir tôdas às vêzes que escutava o nome de Jesus. Nos diferentes interrogatórios a que foi submetido — a começar pelo de 22 de outubro de 1737 — declarou invariavelmente Antônio José ter renunciado à doutrina de Moisés. As testemunhas que indicou, prestaram depoimentos que lhe eram favoráveis. Assim, o de 19 de fevereiro de 39 em que Antônia Maria Teodora — cristã velha de trinta e um anos de idade que vivia em casa do acusado — ao sustentar que a denúncia da negra Leonor era, apenas, vingança.

A êsse tempo, a denunciante — «aterrada com a escuridão da masmorra e a lembrança da fogueira» — teria morrido. Depois de 10 de outubro de 38, não mais figura no processo.

x x x

A 11 de março de 1739, a inexorável sentença do Santo Ofício aniquila o ilustre réu. Foi Antônio José dado como «hereje apostata da nossa fé católica, convicto, negativo, pertinaz e relapso». E, assim, que «fosse relaxado e entregue à justiça secular», pois incorrera «em sentença de excomunhão maior e confiscação de todos os seus bens para o fisco e câmara real, e nas mais penas de direito e outras semelhantes estabelecidas». Dois dias depois — 13 de março — é a pena confirmada pelo Conselho Geral.

A 16 de outubro, mãos amarradas e ladeado pelo padre jesuíta Francisco Lopes, é notificado da sentença de relaxação à justiça secular — a quem pedia o Tribunal «com muita instância se aja com êle benigna e piedosamente e não proceda a pena de morte nem efusão de sangue». Isso representava a condenação à fogueira. Três dias depois, conforme o sombrio cerimonial usado, realiza-se o Auto. Era a procissão — que percorria o palácio do Santo Ofício — e demandava o Rossio. Em fins do século XVIII, a igreja de S. Domingos. Desfilavam os penitentes pelas ruas da cidade entre cordões de soldados e a aglomeração do povo — que lançava pesados insultos aos míseros réus. Nisso, consumia-se o dia. Ao baixar da noite começava o suplicio.

Em 19 de outubro de 1739, mais dez condenados — entre os quais três mulheres — foram, com Antônio José, levados à fogueira. Ao «Judeu», entretanto, teria alguém piedosamente dado — à hora do Auto — certo veneno que êle logo ingeriu... E, assim, quando envolto na túnica amarela e a carocha de irrisão à cabeça foi levado à fogueira, não mais lhe batia o coração. No mesmo Auto, abjuraram sua mãe — Lourença Coutinho, nascida no Rio de Janeiro — e sua espôsa — Leonor Maria de Carvalho, que era de Covilhã e já havia abjurado em Valladolid. Foram sentenciadas à «pena usual de cárcere à vontade dos inquiridores»...

Assim vingou-se a escrava cabo-verdeana Leonor Gomes.

Domingo, 21 de outubro de 1906.

ESTRANGULADORES

♦ A semana que hoje se escoa começou tinta de sangue de um crime horrível commettido em pleno coração da cidade, na rua da Carioca. Já descripto no noticiário dos jornais, com todos os seus antecedentes e horrorosa trama a que obedeceu, esse crime empolgou, pelas condições em que foi praticado e pela treva mysteriosa que o envolveu, a atenção dos habitantes d'esta capital. Como já foi dito, desdobrou-se a horrível cena de sangue na casa da rua da Carioca n. 53, onde é estabelecido com joalheria o sr. Jacob Fuoco, e onde residiam os sobrinhos d'aquelle joalheiro, Carlo e Paulino Fuoco, a quem estrangularam audazes e experimentados ladrões, que por meio das chaves da referida casa que o primeiro desses sobrinhos do joalheiro possuía penetraram n'aquella casa, roubando joias no valor de 50 contos de réis e commettendo o horrendo estrangulamento de Paulino, que de volta á casa, pela madrugada de segunda-feira, surpreendeu talvez os terribes salteadores, já a essa hora no interior do prédio, que embora de construção antiga, era forrado de espessas chapas de ferro, tendo as portas defendidas por fortes trancas e seguros cadeados. A mesma sorte que o seu inditoso irmão, roubado tão prematuramente aos carinhos da família, teve Carlo Fuoco, cujo cadaver foi na noite de quarta-feira encontrado boiando na praia do Caju. Esse funebre achado por assim, termo á suspeição que contra o infeliz Carlucci, dominou por alguns dias o espirito do publico, que justamente não comprehendia o desaparecimento do moço, sem causa justificada. O seu cadaver tinha no pescoço uma corda fina que lhe cortara á garganta, e á cintura uma outra forte corda que amarrava uma pedra de 11 kg. E' presumpção geral, pelo estado do corpo, que os audaciosos assassinos tiveram por dous dias o cadaver guardado, lançando-o no mar na terça-feira, em adiantadas horas da madrugada.

VERMELHIDÃO DO NARIZ

♦ Temos visto por ahi uma infinidade de individuos, cuja infelicidade consiste apenas em não possuir um nariz perfeito. Realmente é lamentavel qualquer defeito n'esse precioso organo. E dentre as caprichosas molestias que mais o affectam, deformando-o grotescamente, está a vermelhidão, até pouco tempo inutilmente combatida. Como um enviado do ceo appareceu ha pouco em Berlim o Dr. Lassar, reputado dermatologista, que se diz possuidor de um methodo therapeutico de resultado seguro. Apesar do tratamento não exigir grande somma de coragem, o Dr. Lassar insensibilisa o nariz enfermo por meio de chlorureto d'ethyle, e depois d'isso, applica-lhe um engenhoso aparelho que, movido pela electricidade, vibra-lhe á vontade repetidas pancadas, actuando os seus quarenta

pontos de platina sobre uns leves cortes feitos na extremidade geralmente mais affectada. Essa operação provoca uma ligeira hemorragia, julgada necessaria para o bom exito do tratamento, mas cessa immediatamente por meio de uma simples compressão. Por esse processo, o nariz mais lustroso do globo volta ao seu estado normal, dentro de uma semana, apresentando a sua cor natural e sem o menor vestigio de cicatrizes.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL.
Anno VII, N. 25. DOMINGO, 21 DE OUTUBRO
CIVILISAÇÃO



CIVILISAÇÃO (por Bambino)

(O Rio de Janeiro) — Já que tenho grande avenida ou gran-via, é natural que tenha ratas.



A CAIXA DE CONVERSÃO

CAPA — de Bambino.

A Caixa de Conversão.

(Paula Guimarães) — Ahi tem a caixa acabada! Agora é tratar de envernizal-a!

(Murtinho) — Não, meu caro, não seguro neste trambolho!... Entrega isto ao Glicerio ou ao Pinheiro...

IRMÃ DE CARIDADE

*Como um rio que, placido e argentado
rola entre flores trescalantes,
decorria num jubilo dourado
a existencia feliz dos dous amantes...*

*Mas, certo dia, o jovem namorado
voluvel como as aves emigrantes,
esquecendo o festal do seu noivado,
partiu de vez para regiões distantes...*

*Mais branca do que o marmore de
[um tumulto]
o pobre lyrio que chegara ao cumulo
da dor, banhou-se em lagrimas do-
[ridas!]*

*Annos depois, num claustro solitario
ella, ao desfiar as contas do rosario,
ia cantando as illusões perdidas!...*

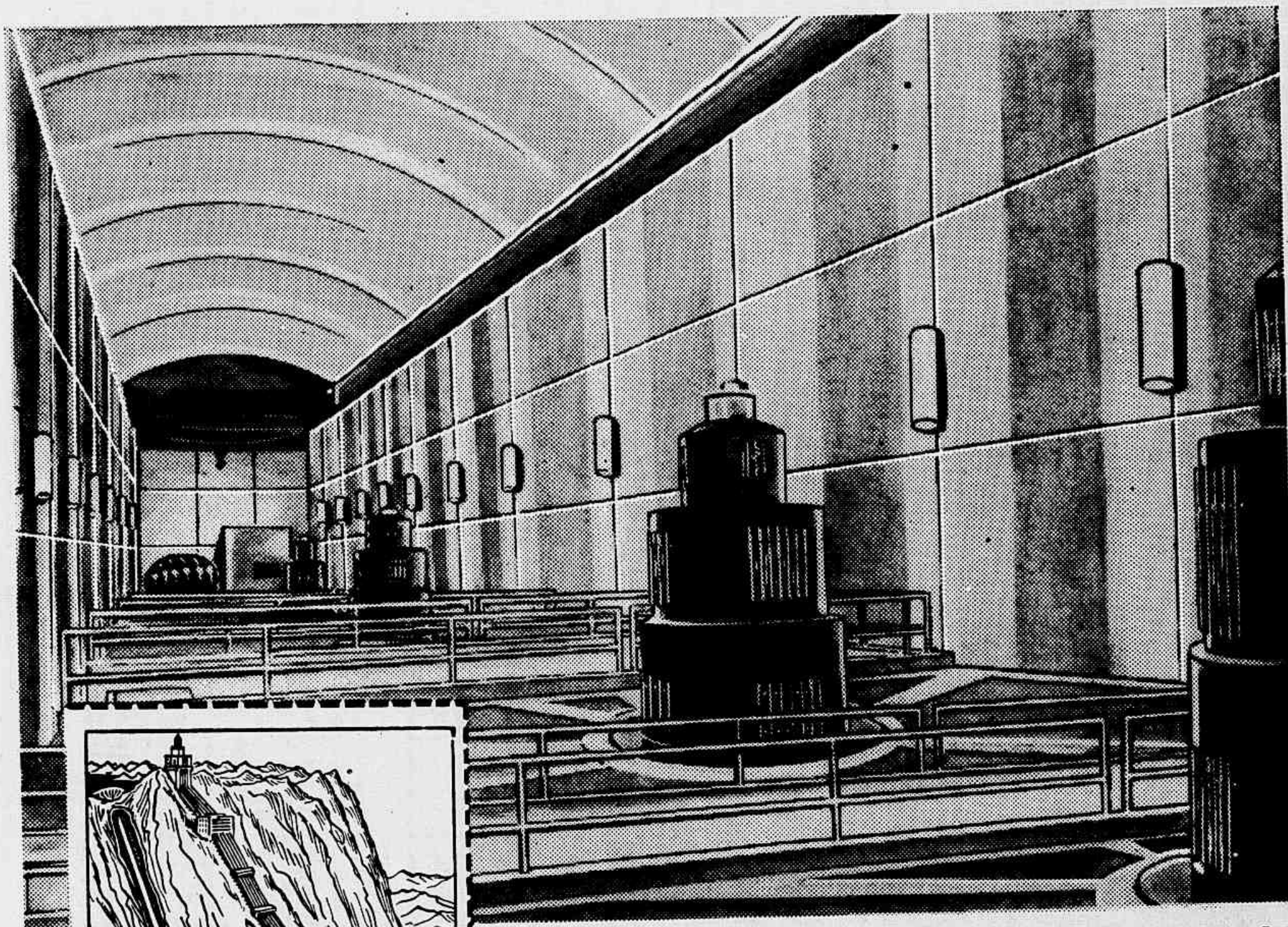
Arthur Goulart

O RISO

Ao Toletano de Araujo

♦ Nem sempre, por mais expressivo que seja o Riso, quer bailando nos vermelhos e perfumados labios de noivas; nos puros de mães imaculadas; nos castos de esposas virtuosas, nem sempre, o Riso estribilha alegria e sonorisa almas, como aves, bandos de aves, nos jasmineiros em flor, nas manhãs coruscantes de Primavera, plenas de Hymnos, cheias de Luzes. No Riso que deixamos escapar, as pessoas que assistem ficam convencidas religiosamente de que temos concepções faustosas, de que galgamos escadarias eburneas, onde os cherubins, os diamantes, as esmeraldas, as saphiras e as opalas irradiam os Sóes da Ventura... Qual! Muita vez esboçamos um Riso e elle vem da Dor, da rocha negra de nossos peitos engrinaldados de Lagrimas, de Lagrimas somente... Recordame alguém ja ter dito que o Riso costuma ser a liquidiação fatal de Lagrimas de sangue abortadas... Ah! Quanta vez não esboçamos o Riso e quanta vez, quanta, Santo Deus!... quanta vez o Riso esboçado não tem por berço o zimbório preto, tenebrosamente preto de nossas amarguras? — DEOCLYDES DE CARVALHO

PELO PROGRESSO DO BRASIL...



INTERIOR DA USINA SUBTERRÂNEA DE CUBATÃO



A Usina de Cubatão é a mais potente da América Latina com a capacidade instalada de 744.000 kW.

...A GRANDE USINA DE CUBATÃO

Esta grande usina brasileira, parte do sistema Rio-São Paulo, conhecida mundialmente como uma notável realização de engenharia, produziu em 1955 mais de 2 bilhões e 300 milhões de kWh para suprir indústrias e populações da área servida pela São Paulo Light. Com a entrada em operação da sua seção subterrânea, a usina registrará novos recordes de produção de energia elétrica, continuando assim a contribuir de maneira apreciável para o desenvolvimento econômico do Brasil.



O BRASIL MARCHA COM A ELETRICIDADE

NO FESTIVAL DE TANGLEWOOD



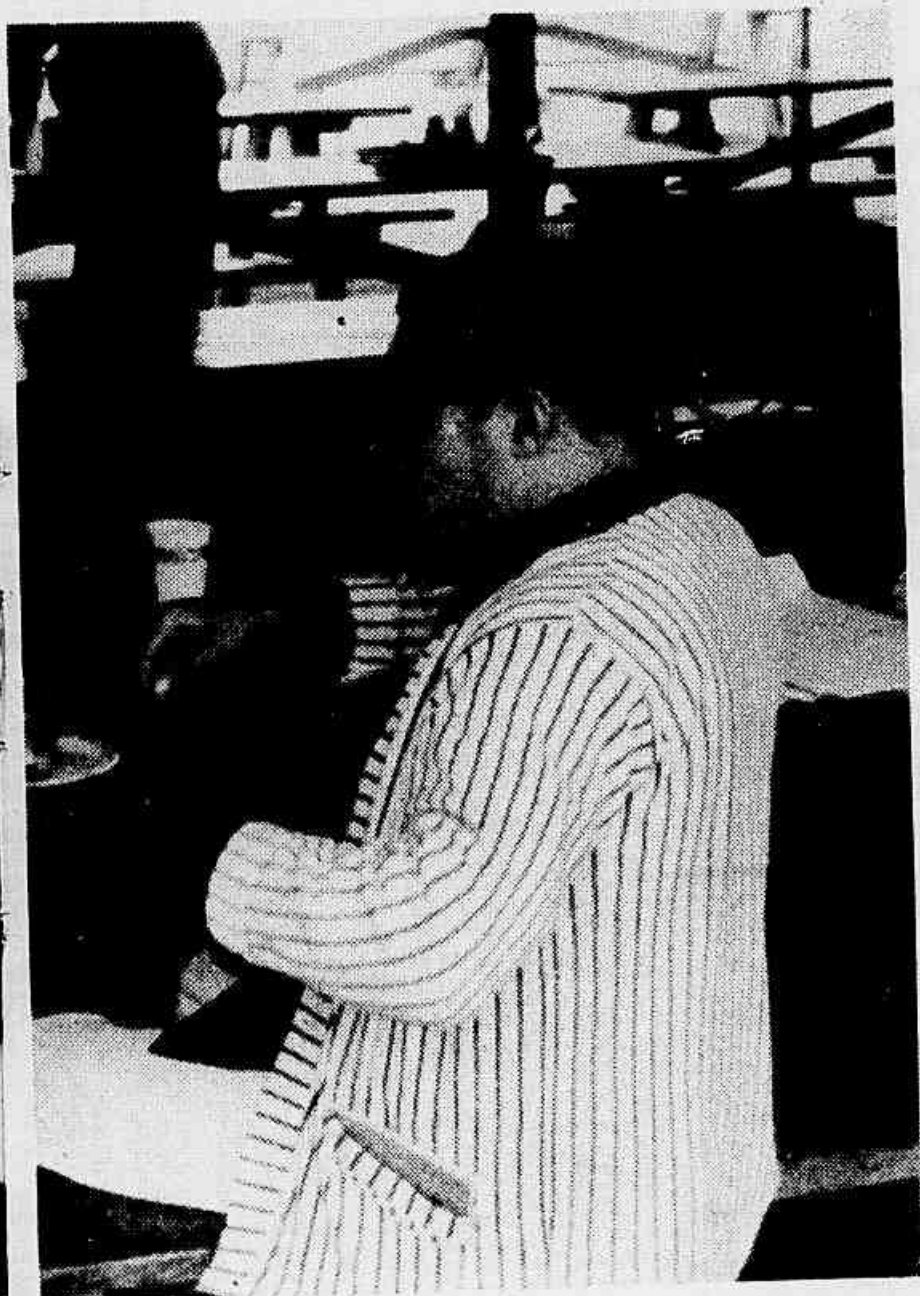
♦ Quem já não ouviu falar da pequena cidade americana de Tanglewood? Sua fama vem de há algumas décadas e está ligada ao nome do célebre maestro Sérgio Kussevitsky, que ali fundou o «Berkshire Music Center». Tiveram início, então, os cursos de verão para os quais o regente russo sempre convidava os grandes nomes da música. E durante meses a fio, dezenas de milhares de estudantes provenientes de todos os recantos do mundo, tomavam lições de composição, regência, canto, instrumentos, estética, história, e até filosofia da música. A morte de Kussevitsky não interrompeu a tradição do famoso centro musical. Há sempre um grande dirigente de orquestra ocupando o lugar do mestre russo. Entre os mais destacados está o nosso Eleazar de Carvalho, que vai, anualmente, a Boston, onde permanece durante os meses de julho, agosto e setembro à frente da cátedra de regência. Eleazar, que é o sucessor direto do fundador, dos cursos de verão, é figura por demais conhecida em Tanglewood. Seu prestígio e popularidade, a par de refletirem o valor pessoal do maestro cearense, estão ligados à memória da grande amizade que outrora existiu entre ele e Sérgio Kussevitsky. Quando este dirigia a Orquestra Sinfônica de Boston Eleazar de Carvalho, ainda jovem, era seu assistente e substituto. Mais tarde, como era natural, foi indicado pelo próprio regente russo, como seu sucessor, não só na direção da maior orquestra sinfônica do mundo, como na cadeira de regência do «Berkshire Music Center». E como bom discípulo, o nosso maior diretor de orquestra leva avante a obra de Kussevitsky, polarizando, anualmente, as atenções dos estudantes e compositores do mundo inteiro que participam do monumental «Festival de Tanglewood».

O MAESTRO ELEAZAR DE CARVALHO É FIGURA POR DEMAIS POPULAR NO FAMOSO «BERKSHIRE MUSIC CENTER», EM TANGLEWOOD. E NEM PODERIA SER VISTO DE OUTRO MODO O LEGÍTIMO SUCESSOR DE SÉRGIO KUSSEVITSKY. O REGENTE BRASILEIRO ENSINA, FAZ REFEI-





ÇÕES, PALESTRA E BRINCA COM ESTUDANTES DE TODOS OS RECANTOS DO MUNDO QUE PARA ALI ACORREM. ELEAZAR DÁ LIÇÕES DE REGÊNCIA, PORÉM, COMO BOM CONHECEDOR DOS SETORES DA ARTE MUSICAL, DIZ COMO SE DEVE TOCAR TROMBONE, OBOÉ OU FLAUTIM.



Literatura e arte

JOSE' ROBERTO TEIXEIRA LEITE

NOTAS E INFORMAÇÕES

O POETA baiano Telmo Padilha está organizando (e sairá brevemente, pela Livraria Progresso, de Salvador) uma Antologia da Poesia Baiana contemporânea, desde Eugênio Gomes, até aos mais novos poetas do grande e valoroso Estado. Na lista que nos remeteu, entre os nomes de poetas a serem incluídos na coletânea, não figura o de Van Jafa, naturalmente por um lapso.

★

O COLUNISTA vem de ser eleito Sócio Correspondente do Clube de Poesia de Campos, por proposta do poeta Vilmar Ferreira Rangel — conforme comunicação não faz muito recebida, de parte do secretário geral do Clube, Edward Rodrigues.

★

TAMBÉM PASCHOAL Carlos Magno retornou ao Brasil após uma ausência de mais de ano, durante o qual serviu, como diplomata que é, em Milão. Sua recepção, no cais, foi uma apoteose. Paschoal faz de fato muita falta

★

NOS DIAS 8, 9 e 10 de novembro vindouro, em S. Paulo, e por iniciativa do contista Nelson Coelho, será realizado o Primeiro Congresso Brasileiro de Contistas, que já recebeu o apoio de destacados nomes de nossa Literatura, no gênero: Osman Lins, Dalton Trevisan, Saldanha Coelho, Vasconcelos Maia, etc. Do leuário do Congresso, dividido em quatro partes (Generalidades, o Conto Regional, o Conto Urbano e Considerações Práticas — O Conto Vendível), fazem parte, entre outros tópicos: Conceituação do gênero, Função do Conto Regional no registro dialetal, O Conto como registro do homem desligado da Natureza, e O Conto nas revistas e nos suplementos literários. Ótima iniciativa, como vemos, que certamente há de dar os resultados que dela se esperam.

★

ASSIS BRASIL, jovem contista, em artigo sobre "O Verdadeiro Hemingway", estampado no suplemento literário do "Jornal do Brasil" — cada dia melhor, sob a orientação atual de Reinaldo Jardim —, acentuou, com felicidade, certos pontos de contacto existentes entre "O Velho e o Mar", de Hemingway, e "Moby Dick", de Melville.

★

ERICO VERISSIMO volta agora ao Brasil, após cerca de três anos passados nos Estados Unidos, como encarregado de assuntos culturais da União Pan-Americana. Tem, pronto, um livro sobre o México — alguma coisa no tipo de "Gato Preto" em Campo de Neve? —, e terá, provavelmente, agora, tempo para acabar seu ciclo de romances "O Tempo e o Vento".

ARTES

GOELDI NO M.A.M.

HÁ MUITO tempo, seguramente, não apresentava o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (cuja sede definitiva cresce, para satisfação de todos nós, com viço indescrevível, no atêrro de Santa Luzia), uma exposição do quilate da atual, retrospectiva da arte admirável de Oswaldo Goeldi. Esse artista, a nosso ver o mais importante do país, no domínio das artes visuais, é um exemplo raro de trabalho sério e humilde, longe de discussões que nada adiantam, avesso a publicidade tão do agrado de tantos, buscando ocultar o máximo possível seu enorme valor. Há exatamente um ano, a 31 de outubro de 1955, a "Revista da Semana", por ocasião do sexagésimo aniversário do gravador, publicava uma reportagem sobre Goeldi. O trabalho enorme que nos custou convencer Oswaldo Goeldi para posar, diante das câmaras: os argumentos esgotados pelo repórter para certificá-lo de que se fazia verdadeiramente necessária uma reportagem sobre sua pessoa, no exato instante em que o artista completava sessenta anos de vida: o mi-

nucioso cuidado com que fêz, refêz e voltou a fazer diversas considerações sobre Arte e sobre os artistas, por escrito, a nosso pedido, e tantas vezes desculpando-se por aquilo que achava (e proclamava) a sua pequena autoridade, em tais assuntos — ele, o maior gravador do Brasil, dos maiores da atualidade... —, tudo, em Goeldi, é modestia, é recato, é profundidade. Não se lhe conhecem levandades e nem atitudes de que se pudesse, mais tarde, arrepender; jamais expendeu um conceito menos caridoso sobre seus colegas de arte; seu elogio, porém, poucos artistas o mereceram: porque Goeldi é sincero, antes de tudo.

Entremos, porém, no recinto da mostra. Detenhamo-nos, com respeito, diante daqueles trabalhos, testemunho de toda uma existência dedicada à gravura e ao desenho. São esqueletos que o vento carrega, urubus lugubrememente pousados no chão, no meio da rua, ou pelos telhados, como que anunciando, aos homens, novas e iminentes desgraças; que artista melhor compreendeu, entre nós, a tra-

UM LIVRO

"CHÃO ESTRANGEIRO"

◆ A SENHORA Lúcia Benedetti, que passou durante a guerra, alguns anos em Nova York, tentou agora reconstituir, num romance, o cenário da grande cidade sobre o rio Hudson, fazendo com que nele se movimentasse um grupo de personagens (quase todos eles brasileiros) — grupo que abrange o cantor fracassado Augusto, o policial Orlando, o radiologista Vítor com sua esposa, a bolsista Vanda e seu amante — o diplomata Marcos, Rupert, etc., etc. Uniu todos esses flagrantemente por uma trama frágil e pouco convincente, e conseguiu escrever um livro, a nosso ver, sem grande interesse literário (1).

E' verdade que poucos são os romances nacionais que se passam, como esse, em cenário estrangeiro; e só isso, além de constituir uma atenuante, não deixa de ser um mérito do livro da senhora Benedetti. Porque a verdade é que nós brasileiros, muitas vezes, quando queremos fazer ficção, fazemos... geografia. Consulte-se um romance desses que apareceram às toneladas, desde que a "Bagaceira" irrompeu, no Nordeste, e veja-se que parte proeminente tem ali o chão, em detrimento da subjetividade dos próprios personagens. Sempre fomos grandes descrevedores de cenários, raramente nos ocorreu debruçar-nos sobre a paisagem íntima, aquela que se desenvolve na alma de cada um, e é a que dá grandeza aos imensos romances ingleses, por exemplo — os "Tristram Shandy", os "Jude, the Obscure", e tantos mais.

A senhora Lúcia Benedetti não negou a regra geral, e, como descrição do ambiente, seu livro está bem realizado. O que de modo algum nos conseguiu convencer, foi a história em si, foi a trama infantil e ingênua em que se desenrola todo o livro da primeira à última página. Para que possam os leitores ter uma idéia do que seja ela, temos de aqui resumi-la, plagiando, mesmo contra a vontade, o poema de Drummond de

gédia dos peixes, a sua condição de vítimas, exposto aos olhos dos homens e dos gatos — esses dois animais sempre com fome — seu cadáver recém-tirado ao mar? Haverá algo de mais triste do que esse velho mendigo, a quem um esqueleto abraça, sorridente, num canto de rua deserta?

Mas, detenhamo-nos também no excelente prefácio que Otto Maria Carpeaux — esse homem que tudo viu, tudo leu, tudo sentiu e compreendeu — organizou especialmente para a retrospectiva, e que é, no nosso entender, talvez o que de melhor se tenha escrito, até hoje, sobre Goeldi. De início ressaltando a dificuldade que é escrever sobre artes plásticas, excusa-se por não fazer qualquer comentário à técnica do gravador, pois da técnica «só podem falar, com plena autoridade, os próprios artistas; e estes preferem empregá-la em vez de discuti-la». Sábias palavras, logo continuadas por uma análise das influências sofridas por Goeldi, ou melhor, uma análise do grande grupo de expressionistas a que pertence Goeldi e que abrange os Kubin, os Munch, os Barlach e os Grosz, Permeke e Ensor, entre outros. Goeldi, para o ensaísta de

«Origens e Fins», seria um espírito irmão de todos esses homens, um artista onde se cruzam e se entremesclam a influência germânica, atávica, e o meio brasileiro em que se movimenta desde a mocidade.

A retrospectiva Goeldi compreende 50 gravuras e 100 desenhos, além de várias ilustrações realizadas para livros de Dostoiewsky, Cassiano Ricardo e Raul Bopp. Não pode deixar de visitá-la quem quer que, nessa terra, se interesse pela Arte.



Andrade, tão conhecido, «Quadrilha»: Teresa amava Vítor que amava Nanete; Rupert amava Vanda que amava Marcos que não amava ninguém; Orlando amava Manuela, que nem gostava de John; Teresa casou com Orlando, Vítor amigou-se com Nanete, Manuela casou-se com John, Vanda voltou ao Brasil, e Rupert ficou a ver navios, — decerto de guerra, porque a ação se passa numa Nova York às voltas com a última conflagração.

Como vemos, não podia ser mais simplório o enredo de «Chão Estrangeiro». Não podemos negar, contudo, à senhora Lúcia Benedetti, certa habilidade em narrar, em desenrolar sabiamente, o novêlo de sua narrativa. O romance, que apresenta três histórias diferentes mas paralelas, embora guardando semelhança entre si — o amor de Vanda por Marcos, o de Teresa por Vítor e o de Orlando por Manuela —, não chega a cansar, porque todas às vezes que a autora sente estar próximo o momento em que uma dessas histórias irá açambarcar a atenção do leitor, interrompe bruscamente a exposição, para passar ao ponto em que a narrativa anterior ficara interrompida. Cria, dessa maneira, um clima de «suspense», semelhante ao de certos trabalhos cinematográficos, e é isso que dá certo interesse ao volume, que de outro modo morreria de inanição, logo pelas primeiras páginas.

No mais, o livro pode ser lido por quem dispõe de tempo e pachorra, destinando-se exclusivamente a público pouco maduro, que num romance busca somente entretenimento para alguns instantes de ócio. O leitor mais sério, esse fechará o volume à página 30 ao ver que Vítor, após ter sabido que sua esposa está grávida e vai apresentá-lo com uma segunda criança, «ergueu-se, desligou o rádio, sentou-se, ergueu-se outra vez», para afinal formular a pergunta ultra-convencional de tantos maus filmes ianques:

— «É certo?...»

(1) — LÚCIA BENEDETTI — «Chão Estrangeiro», romance. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956. 346 páginas.

O ANDARILHO E A AURORA

*Cada manhã nasce em meus dedos uma rosa
Como nasce a aurora nas mãos do lavrador.*

*Trabalho a vista e transfiguro a árida
Paisagem da calçada onde o vapor é denso
E substitui a grama, o orvalho, a floração.*

*Trago no olhar manadas e pastores,
Os sons remotos de perdidas músicas
E o colorido antigo dos crepúsculos
Que se incendiaram em grandes labaredas.*

*(Cuido da vida em termos de uma fábula
Perdida nos confins da minha infância).*

*Levo em meus pés a condução do sonho
E viajo a lecer as várias côres
Das minhas horas neste imenso tear
Que me descobrirá o azul que busco.*

*Resguardo em meu andar um branco pálio
De luz que me acompanha como a auréola
Do vidente aliciado pelo signo
De suas visões, seus êxtases, seus sonhos.
Que imagens não acendi e queimei nos olhos!
Que multidões não conversei nas minhas falas
Em que vi rostos fulgurados pela espera
Da descoberta de uma rosa construída
Dos sons com que falei e após na orelha
Senti crescer, crescer a grande rosa.*

*E enquanto crescem meus cabelos e se aninham
As aves que cultivo como flores,
Aro a estrada e descubro em minhas vestes
A poeira como um cisne que dormisse
Desmanchado num sono feito de ouro.*

*Meu itinerário é um reino que transporto
Acêso e sem vestígio nos meus passos.*

*«— Exilado», me chamam ou «— pregador
Do silêncio», pois nutrem-me as distâncias
e a elas me encaminho sem palavras*

*(No entanto invade-me uma flor tão necessária
a que atribuo este silêncio que caminho).*

*Sou o visionário que aspirou a ser pássaro
para voar. Sobretudo voar no campo
Integrado no rito da beleza.*

*Ah voar sem o angustiante limite
Que subjuga o bailarino a um salto breve
que vai do sonho à rigidez do chão.*

*Meus olhos são espelhos abertos
e um rio deságua em mim secretamente.*

*(— Quem me lerá esta árvore que cresce
enquanto indagam-me curiosos seu mistério?)*

*Baixa, Orfeu, com tua lira, com teu canto,
lê teu mito, revela-me tua hora
da aparição, dá-me teus sons, teus desalentos,
descobre-me a nudez do adolescente
que dorme como surdo enigma em meu rosto
para eu te consagrar nestas andanças
em que cismo que andando em ti me invento.*

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO, ENTRE OS DIAS 20 E 26 DE OUTUBRO DE 1958
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Os concursos os mais valiosos poderão ser conseguidos no curso da semana, notadamente nos dias 21, 23, 24 e 25. Seu poder de insinuação estará muito aumentado e isto lhe facilitará a atuação.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Vai haver uma atenuação bem pronunciada, no influxo planetário, no seu caso. A ambiência astral, contudo, não lhe será desfavorável. Se agir com a necessária prudência não terá prejuízos nem desilusões.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O leitor ocupará uma posição melhor, na vigência da semana entrante, em face do Céu. Terá facilidade na sua movimentação e não lhe faltarão os recursos financeiros de que necessitar para o bom andamento dos seus negócios.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Apenas uma recomendação devemos fazer ao leitor, em relação ao novo período: Não jogue, não especule. Sua chance será mínima, durante a semana. Nas atividades normais, porém, tudo andarà a contento.
- ★ LEÃO (21/1 — 20/2) — As atividades do espírito recomendam-se, melhor, no caso do leitor. Adie a solução dos negócios de natureza puramente material, em pauta, evitando, assim, insucessos ou mesmo um fracasso.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Haverá muita importunação por parte de parentes, de pessoas íntimas e de amigos, durante a semana e não faltarão ao leitor a boa vontade precisa e os recursos para atendê-los.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — A semana se inicia com um mau aspecto do seu astro, em relação ao Sol e isto poderá significar uma indisposição muito forte, de sua parte, para o trabalho, e uma acentuada má vontade para as soluções legais.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O clima dos dias pares da semana não se recomendará para os assuntos de maior importância e o leitor terá de resolver alguns casos dessa ordem. Previna-se, pois. Os dias 21, 23 e 25 lhe darão chance e um grande poder de observação.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — A semana será muito boa para estudos e para seus projetos. É bom amadurecê-los bem. Com um poder de análise aguçado, nos próximos dias, o leitor descobrirá as falhas existentes nos detalhes das próprias concepções. andamento dos papéis nas repartições do governo e no foro. Os negócios, embora de pequena monta, terão solução rápida e favorável. Os influxos reinantes serão os melhores.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O clima astral da semana propiciará o rápido andamento dos papéis nas repartições do governo e no foro. Os negócios, embora de pequena monta, terão solução rápida e favorável. Os influxos reinantes serão os melhores.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Suas aspirações, seus desejos, tudo o que constitui seu ideal, durante a semana em foco, estará ao alcance de suas mãos. O leitor terá, para alcançar tais objetivos, o valioso concurso das circunstâncias. Os astros conspiram em seu favor.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — A semana propiciará o reencontro com a volta da pessoa amada. Sua vida sentimental estará com o câmbio muito elevado. As satisfações serão fortes e sucessivas, graças a Lilith. Faça à deusa, uma oferenda.

OS NOMES DA SEMANA

Outubro, 20	—	Jacob	—	Josefa.
" 21	—	Ítalo	—	Lindalva.
" 22	—	Ismael	—	Cinira.
" 23	—	Clodoaldo	—	Dulce.
" 24	—	Dilermando	—	Jurema.
" 25	—	Jacinto	—	Clotilde.
" 26	—	Augusto	—	Martha.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol, ao meio dia de Greenwich

Outubro, 20	27° 4' 24"	(Signo da Libra)
" 21	28° 4' 5"	" " "
" 22	29° 3' 47"	" " "
" 23	00° 3' 32"	(Signo do Escorpião)
" 24	1° 3' 18"	" " "
" 25	2° 3' 7"	" " "
" 26	3° 2' 58"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.



O diretor Jair de Oliveira apresentando a Cora Lopes os seus cumprimentos.



Um flagrante do brinde de honra feito pelo diretor da Central à jornalista Cora Lopes.

A FESTA DO CORAÇÃO

★ Por ocasião da passagem de sua data natalícia, a nossa colega Cora Lopes, chefe de Divulgação do Departamento de Relações Públicas da Central do Brasil, recebeu expressivas demonstrações de carinhosa amizade de todos os jornalistas acreditados junto ao gabinete do diretor da nossa principal ferrovia, bem como do próprio diretor, dr. Jair de Oliveira, que, comparecendo em pessoa à Sala de Imprensa, onde lhe foram tributadas as homenagens merecidas, quis significar o aprêço e o reconhecimento da alta direção da Central pela boa orientação e desempenho que Cora Lopes dedicadamente, vem dando aos serviços confiados à sua chefia.

Estiveram presentes, também, vários chefes de serviço, altos funcionários e amigos de Cora Lopes, todos exaltando, no ambiente de cordiali-

dade em que se desenrolava aquela inesquecível festa de aniversário, as invulgares qualidades de inteligência e coração da homenageada. Cora Lopes foi saudada pela jornalista Nely Van Pruppten em nome dos seus colegas da Sala de Imprensa, que lhe ofereceram lindo presente. Em seguida, Cora agradeceu, comovida, as homenagens de que estava sendo alvo, recebendo, ao terminar e ao champagne, os cumprimentos do engenheiro Jair de Oliveira, diretor da Central, e dos presentes, sob palmas calorosas.

Nesta página estampamos alguns dos mais expressivos flagrantes colhidos durante as homenagens tributadas à nossa colega Cora Lopes, às quais nos associamos com grande prazer.



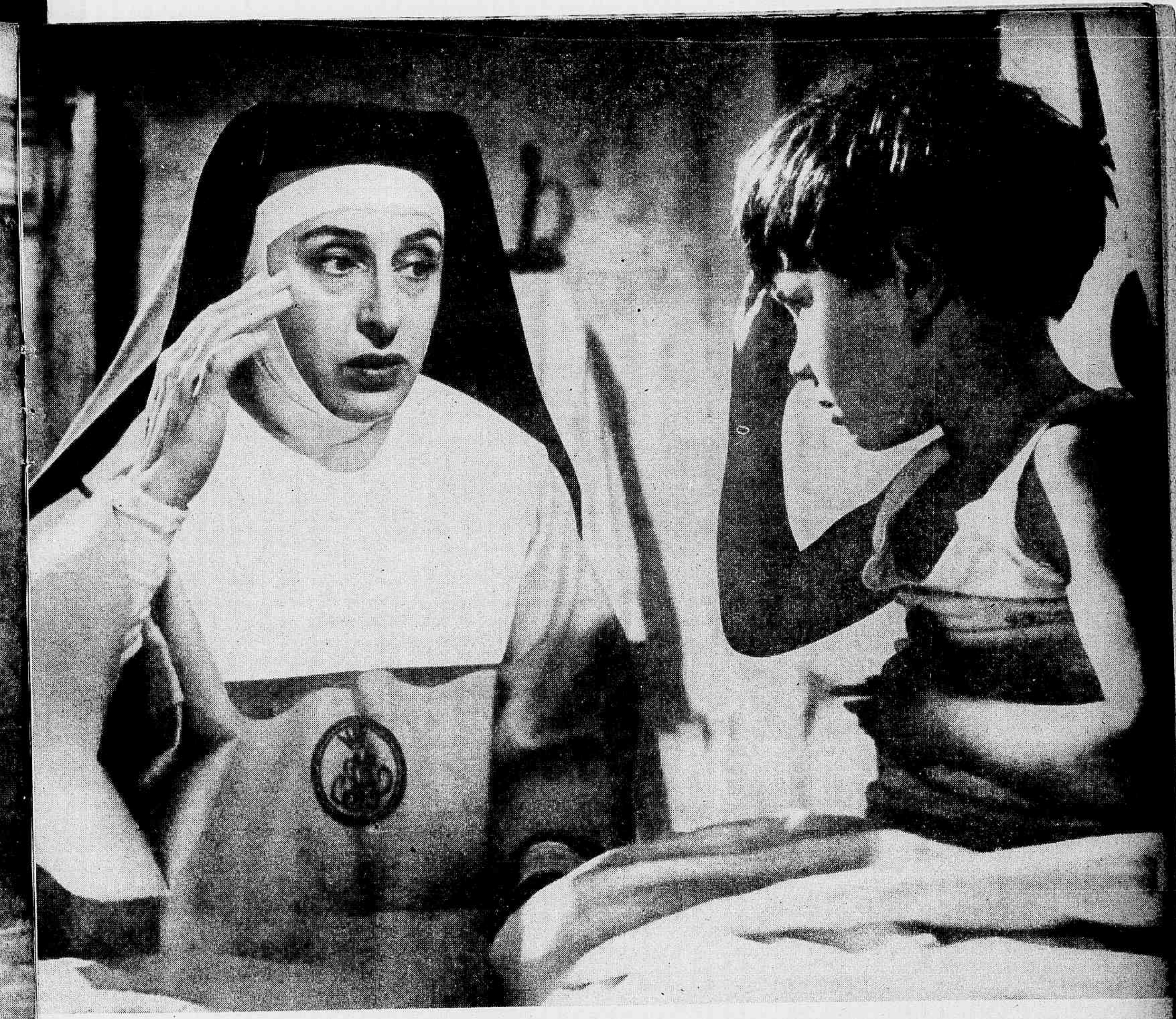
Ao terminar a saudação que fez em nome dos seus colegas, a jornalista Nely Van Pruppten entrega a Cora Lopes o lindo presente que lhe ofereceram. Ao lado da aniversariante vê-se o dr. João Massuranga, secretário do diretor da Central. À direita: Cora Lopes corta o seu artístico bôlo de aniversário tendo à sua direita o dr. Jair de Oliveira, diretor da Central.



TALVEZ SEJA ESSE O MELHOR DESEMPENHO DE ANNA MAGNANI EM SUA CARREIRA: O DA FREIRA QUE ADOTA UMA CRIANÇA ABANDONADA.



“IRMÃ LETIZIA” MERECE UM PRÊMIO



TÃO GRANDE FOI A TRANSFORMAÇÃO DE ANNA QUE NÃO SE RECONHECE. SOB AS VESTES CLERICAIS, A MULHER APAIXONADA DE «VULÇÃO».

O ÚLTIMO filme de Anna Magnani, "Suor Letizia", apresenta-a sob as roupagens de uma freira, tal como "Rosa Tatuada" a mostrava como uma viúva inconsolável, e "Roma, Cidade Aberta", como uma mulher do povo. Talvez seja essa caracterização a mais difícil por que já passou a famosa atriz, detentora do último **Oscar**, concedido anualmente pela Academia Cinematográfica de Hollywood, graças a seu desempenho justamente em "Rose Tatuado". Aparentemente, ninguém mais diferenciável da calma e pacata figura de uma freira, do que essa italiana impulsiva e arrebatada, cujos lábios traduzem volutuosidade e decisão. Os que já viram o filme, porém, são unânimes em reconhecer a autenticidade de "Suor Letizia", embora se admirem de ver como a "Tigre" — que é como a chama o teatrólogo Tennessee Williams — domou, sob as vestes clericais, seu temperamento vulcânico. O filme foi dirigido

do por Rizzoli e Palavicini, e com ele, todos esperavam vencer o cobiçado "Leão de Veneza", que é o mais importante prêmio cinematográfico da Península. Anna, principalmente, cujo desempenho da freira humilde e abnegada está ainda acima do de Seraphine, em "Rosa Tatuada", merecia ganhar a láurea, e tinha-a como certa, praticamente. Assim não entenderam, porém, os juízes e organizadores do último Festival Cinematográfico de Veneza, que, muito embora deparassem com quatro filmes de grande valor, entre os quais o de que estamos tratando, preferiram não premiar a nenhum deles, talvez buscando, desse modo, valorizar um pouco o prêmio veneziano, que em anos passados fôra por vêzes atribuído a películas de menos valia. A história de irmã Letizia e do garoto Salvatore, e o amor de Assunta (Eleonora Rossi Drago) e Peppino (Antonio Cifariello) merecia sorte melhor, em Veneza.

GASPARINO DAMATA

JORGE DE CASTRO



O TIO ALUISIO

◆ O acadêmico Aluísio de Castro — meu tio Aluísio, como era tratado por todos os nossos irmãos, na intimidade, residia um casarão colossal, meio «belle époque», meio fim-de-século, na praia Vermelha. O ambiente deste dito casarão impunha respeito: as silenciosas salas todas atapetadas, os criados de libré, as paredes cheias de quadro de parentes mortos... O gabinete de estudos do tio Aluísio, então, era uma dessas coisas... Ali menino treloso, bulhento, não entrava, pior ainda, nem se aproximava de perto, era logo corrido por um serviçal, para outra sala. Ali o poeta passava horas a fio, trancado, escrevendo poemas em francês, quando não sentado, meditando... sonhando com as musas... Uma das raras vezes que o lobriguei neste êxtase foi um choque... O poeta, de chinelos turcos, metido num roupão estampado, vestia ceroulas, que vinham até o tornozelo. E usava bigodeiras — um troço feito de couro, que prendia com um elástico negro atrás das orelhas, para assentar os seus longos e bem tratados bigodes. Vocês não imaginam como lutei anos e anos para imaginar o tio Aluísio doutra maneira — de fardão, por exemplo. Mas todas as vezes que pensava nêlo, lá me vinha a imagem do homenzinho como o lobriguei naquela manhã, de roupão estampado, de cerou-

las até os tornozelos, com as malditas bigodeiras...

Ai por voltas de 1927 eu me emancipei: e quem tratou disso foi o Oscar Saraiva, filho do desembargador Jorge Saraiva, amigo íntimo do meu pai e do tio Aluísio. O Oscar Saraiva um dia me perguntou: «E o que você pretende fazer agora, Jorge?» Então eu disse que gostaria de aprender pintura... Mas que não sabia com quem, que se ele soubesse de um bom professor... O Oscarzinho então falou com o pai, que era amigo do velho Jorge, da Galeria Jorge, e este prontamente mandou lá em casa o Portinari. A Galeria Jorge, naquela época, era a galeria de arte mais forte, mais conceituada do Rio. Ficava na av. Rio Branco, entre a Assembleia e a 7 de Setembro, à direita de quem desce. O velho Jorge era o fornecedor oficial do governo, mandava metros e metros de quadros (carneiros, vacas pastando, cenas bucólicas) para tudo quanto era palácio daqui e dos Estados. Assim, por este sistema, vendia quilômetros até de quadros, tapetes e estamparias, sendo que um dos seus melhores e mais credenciados fregueses sempre foi o Altino Arantes!

Apreendi as coisas rudimentares da pintura com o Portinari, mas depois, vendo que não dava mesmo para a coisa, desisti, pensei em fazer

teatro. E a conselho do meu tio Aluísio, resolvi então ir passar uns tempos na Europa. Ainda hoje não posso esquecer o dia em que, na sua companhia, fui tirar o passaporte. O tio Aluísio, como muitos sabem, possuía um carro histórico, que era apelidado de «liteira-automática»; um desses bichos medonhos, de palhinha, dividido ao meio — o chofer na frente, separado por um vidro, o dono atrás. E cada vez que este desejava transmitir uma ordem, gritava por um cano de metal, o bicho sacolejando, toc-toc-toc... Vocês já devem ter visto algum nestes filmes franceses de reconstituição da época. Pois bem, passamos mais de três horas — ou mais? — da praia Vermelha, até a repartição onde eu iria tirar o dito passaporte. A viagem, foi um suplício. O chofer, de instante a instante (eu era pessoa de pouca importância, viajava ao seu lado), pegava no tubo de metal e pedia ordens: «Agora, para onde, doutor?» E o meu tio Aluísio, por sua vez, agarrado ao curioso tubo de metal, alisando antes os bigodes, respondia: «Agora, pela rua tal, sr. Júlio». E lá se ia a «liteira automática», chamando a atenção de todos, despertando curiosidade em todos, pelas ruas do Rio. Atrás, no assento traseiro, meu tio Aluísio, pernas cruzadas, a mão no queixo, meditando, ladeado pelo acadêmico e poeta Alberto de Oliveira, de bastos cabelos brancos e um dos seus melhores amigos, também de pernas cruzadas, em posição idêntica, fazendo «pendent»; uma dilícia!

Ao regressar da Europa, com idéias próprias, meio revolucionárias, como é natural, principalmente para um rapaz de minha idade e naquela época, que tudo aqui ou era francês ou cheirava à francesa, fui imediatamente visitar o tio Aluísio. Ao saber que eu desistira de pintura, que agora me interessava por fotografia, estrilou, escandalizado: «Ora! meu filho, disse visivelmente mal-humorado, esse negócio de fotografia é para turistas... Para turistas, você compreende? E na nossa família só há artistas!» Aconteceu, porém, que anos mais tarde, quando comecei a aparecer, e que fiz a minha primeira exposição, ele ficou bastante curioso. A imprensa me elogiava, os meus trabalhos eram admirados pelos amigos, era uma arte nova que surgia... E uma tarde, quando eu menos esperava, lá me apareceu o tio Aluísio, muito bem trajado, de bengala, torcendo os bigodes, admirando a amostra. E houve uma reconciliação...

A maior do meu tio Aluísio é porém esta, que todas as vezes que contava a amigos, só faltava morrer de rir (e não era para menos!). Após o temporal que levou metade da casa que morava o Manuel Bandeira, em Santa Teresa, o poeta veio residir num apartamentozinho gostoso, bem em cima do meu, aqui no Beco dos Carmelitas (hoje rua Moraes e Vale), na Lapa. O Bandeira, que já naquela época pensava em entrar para a Academia, decerto que andou.

como é de praxe, sondando alguns acadêmicos... O certo é que lá um belo dia recebi um recado do tio Aluísio, que queria muito falar comigo. Ao chegar à sua residência, o homenzinho puxou-me por um braço, muito apreensivo, cheio de mistérios, e levou-me para o seu famoso gabinete de trabalhos. Eu fiquei assustado, pois julgava tratar-se de uma coisa grave. O tio Aluísio então perguntou-me, alisando bem os bigodes, todo circunspecto: «Você conhece o poeta Manuel Bandeira, hem menino?» Eu respondi que sim, que o conhecia... mais ou menos... Ele então atalhou: «Um grande poeta, aliás. Um grande poeta... moderno...!» E olhando para os quatro cantos, curvando-se todo, os olhos meio arregalados, indagou todo cerimonioso: «É verdade meu filho que ele mora numa rua excusa?» Eu levei um bruto susto, pois o Bandeira era meu vizinho, morávamos na mesmíssima rua. E não perdi tempo, atalhei um tanto atrapalhado, disfarçando o embaraço: «Uma rua excusa, meu tio? Que rua excusa que nada! Uma rua muito pacata, muito honesta, que só mora gente de família... O sr. pode acreditar na minha palavra!» Acho que foi com esta «mentira» minha, que no fundo era também uma defesa, que o poeta ganhou o seu voto para a Academia... Uma rua excusa... não é mesmo da gente estourar de rir, me digam?

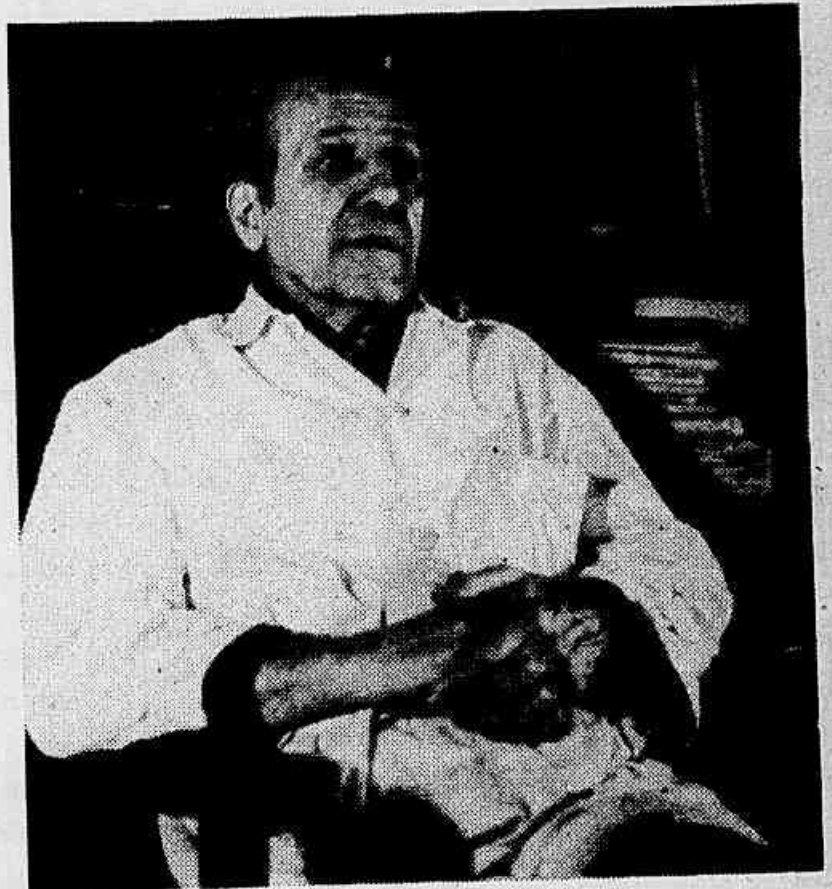


A INESPERADA PAISAGEM

◆ O poeta Manuel Bandeira, como vocês todos sabem, morou durante muitos anos aqui no Beco dos Carmelitas (atualmente rua Moraes e Vale), na Lapa. E' desse tempo aqueles seus célebres versos — «A última canção do beco», que todo intelectual de espírito um tanto boêmio sabe de cor e salteado... Pois bem, antes de vir morar aqui no beco e ser vizinho meu, o poeta residiu em Santa Teresa, perto do convento, numa rua bastante ladeirosa. E conta o seguinte, que não deixa de ser muito interessante: uma noite, um pouco antes de deitar-se, começou a cair um daqueles temporais brabos. A chuva caía forte, e cada vez mais forte foi caindo pela noite a dentro. Até parecia — confessou-me depois o poeta, que o mesmo vinha abaixo! Pois bem, na manhã seguinte Bandeira levantou-se, lavou o rosto, fez a barba, sem saber, sem suspeitar de nada. E quando, minutos depois, abriu a porta, que dava para a cozinha (era uma cozinha baixa, de janela e porta apenas) levou um verdadeiro susto! O que se descobriu diante de seus olhos foi a paisagem... A chuva havia carregado com tudo! E o poeta não teve outro jeito senão ir imediatamente procurar casa...

A GRAVATA

◆ A vida dessa gente está sempre cheia de passagens curiosas, crivadas de anedotas... E' o caso do meu particular amigo, o saudoso Roquette Pinto. O velho era muito amigo nosso, isto é, de minha família, e eu costumava visitá-lo freqüentemente. Ora, um dia tive necessidade de falar com ele e fui procurá-lo. Mas a empregada disse que ele estava no Museu, na Quinta da Boa Vista. E para lá me dirigi... O velhinho recebeu-me, como sempre, cordialmente, com muita amabilidade. E contou-me a seguinte história. Ao entrar no Museu, naquela tarde, deparou-se com o porteiro «barrando» um gurizote, que se mostrava muito desapontado. Aproximou-se e perguntou o que havia... O porteiro explicou então que nada havia de anormal; apenas «barrara» o gurizote, porque no Museu não se permitia entrar sem gravata... O gurizote, livros debaixo do braço, olhava-o muito desconfiado, contrafeito, como que lançando a culpa do seu insucesso sobre ele... E que ele não teve dúvida (contou-me isso sorrindo), perguntou ao gurizote: «Então o sr. quer visitar o Museu, não é? E não tem gravata?...» E para o porteiro: «A lei manda que os visitantes usem gravata, para visitar o Museu, não é?» O porteiro balançou a cabeça afirmativamente. «Está

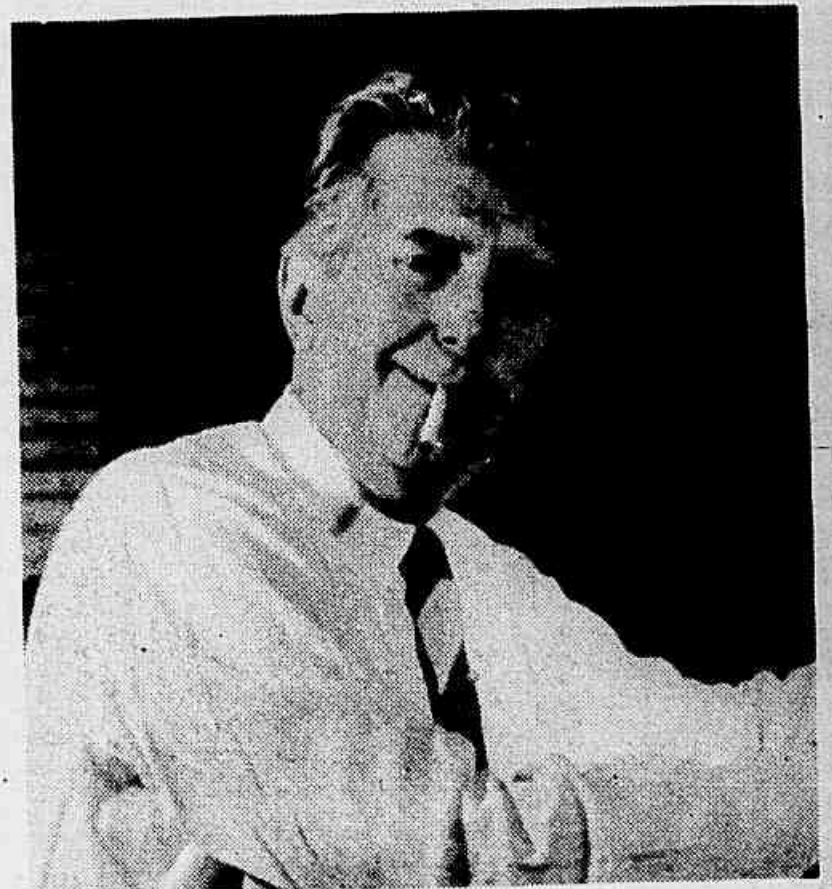


bem, continuou o mestre, já tirando a gravata, a lei não obriga ao diretor do Museu usar ou não gravata... E nesse caso, virando-se para o gurizote, o sr. põe a minha e visita o Museu... está bem assim?» E resolveu a questão!

EN LA TRAMPA

◆ O acadêmico Olegário Mariano, que antes e até um pouco depois de 30 era uma das figuras mais prestigiadas das nossas letras — espécie de deus-todo-poderoso, costumava oferecer aos domingos, em sua residência, em Copacabana, um lauto almoço aos seus correligionários e amigos. A primeira vez que fui à sua residência, levou-me o Candinho Portinari, que naquela época era um dos seus apadrinhados. E lá deparei-me com diversos acadêmicos (sem o fardão, lógico!), entre os quais o meu tio Aluísio (de Castro). Os ditos almoços dominicais do Olegário Mariano, que eram sempre muito concorridos e festejados, tinham via de regra, como convidado de honra, uma personagem internacional, fôsse ela intelectual ou não por aqui de passagem. Assim, tocou a vez à Berta Singerman, declamadora argentina muito em voga, que viera dar uma série de recitais no Municipal. O almoço, como vocês podem imaginar, decorreu num ambiente de falsa admiração pela arte da «insigne» declamadora argentina, que mais parecia uma Walkiria, muito opulenta de formas, a comer e a falar... E, diga-se de passagem, entre os velhotes da academia (meu tio Aluísio não se cansava de alisar os bigodes, cheio de um indistigável respeito pela «Sra. diseuse», lançando para a mesma olhares furtivos), a mulherzinha alcançou um sucesso enorme. Acho que apenas eu e o Candinho Portinari, durante todo o almoço, nos mantivemos calados, trocando olhares significativos, prendendo o riso... Até que chegou a hora do cafézinho. E após o mesmo, para a grande surpresa dos presentes, surgiu lá de dentro a empregada com um belo prato de porcelana com um belo ovo estrelado no meio, e colocou silenciosamente diante da insigne declamadora... Ante a fingida surpresa desta, o anfitrião passou a explicar que se tratava de um velho e tradicional costume brasileiro. O ovo era o princípio da vi-

da, porque mais isso, porque mais aquilo... E a assustada «diseuse» não teve outro jeito senão espetar o garfo... O ovo era pregado no prato! Ai a mulherzinha com a mão no alvo colo, soltando um gritinho de susto profissional, exclamou: «Ay que cai en la trampa!» Os acadêmicos, ruborizados, imediatamente entreolharam-se! E o silêncio caiu pesado sobre a anteriormente alegre e festiva mesa. A peça por ele pregada à ilustre senhora, resultara num perfeito e inesperado tiro pela culatra. E' que em bom português — perceberam? — a palavra espanhola «trampa» tem um outro significado...



PROGRAMAÇÃO MATUTINA

SPECTATOR

♦ A TV-Tupi, pioneira na apresentação da programação matutina diária da TV carioca, há já algum tempo vem levando ao ar exibições variadas, no horário compreendido entre 7.30 e 9.30. Durante muito tempo esse horário foi preenchido quase que exclusivamente com a projeção de filmes, geralmente já muito conhecidos dos telespectadores, uma vez que eram exibidos repetidamente e a curtos intervalos. Acontecia que, a não ser os jornais falados e noticiários de momento, além das aulas de ginástica, sempre bem conduzidas e de grande utilidade, nada de mais interessante era exibido aos espectadores que permanecem em casa pela manhã e que procuram alguma distração através da TV. Com o decorrer do mês de setembro a programação nesse horário apresentou sensíveis alterações com a introdução de novos e variados programas e a completa abolição dos cansativos filmes de curta metragem e documentários.

Celestino Silveira com as suas produções «Portugal em TV», «Cine-Jornal TV», e «Ele e seus cigarros», apresentada esta última com grande sucesso, devido às ótimas atuações de Maurício Sherman, tem oferecido aos espectadores atrações movimentadas e de grande interesse. Sivuca, antes conhecido do público somente por suas grandes interpretações ao acordeão, agora, aos sábados, brinda-o com um pequeno recital de órgão, ocasião em que atende a todos os pedidos de músicas que lhe são solicitados, dêsse modo mostrando uma outra faceta do seu trabalho, na qual surge igualmente como exímio organista.

Muraro também aparece no video tocando composições de sua autoria ou executando interessantes arranjos e tem alcançado grande sucesso.

As telespectadoras que, dentro da programação do Canal 6, têm várias oportunidades de assistir a programas a elas inteiramente dedicados, têm agora em «Faça você mesma», ocasião de aprender a confeccionar os mais variados objetos com material que podem conseguir em suas próprias casas, como também resolver pequenos problemas de decoração, seguindo os conselhos que lhes são dirigidos por Pernambuco de Oliveira, que tem sempre uma sugestão oportuna, útil e de fácil execução. As aulas de inglês e os programas de ginástica exibidos em dias alternados para homens e senhoras, o que é muito importante devido à necessidade da execução de exercícios adequados para cada um dos sexos, continuam sendo atrações das mais interessantes na programação matutina do Canal 6, programação que é feita com cuidado, visando a exibição de programas que interessem a todo o público.

6 — O uso de armas de fogo deve ser restringido ao essencial.

7 — O tráfico ilegal de mercadorias nunca poderá ser apresentado.

8 — Cenas de paixão só devem ser exibidas quando forem essenciais ao desenvolvimento da trama.

9 — Nenhuma religião poderá ser ridicularizada.

10 — O uso de pavilhões nacionais só poderá ser feito de maneira muito respeitosa.

11 — nudez completa é proibida, assim como roupagens indecorosas.

Há ainda um código especial que deve ser observado para os programas infantis e que brevemente apresentaremos.

Dentro desses aspectos gerais vê-se que há um controle nas transmissões de TV, como acontece com os filmes cinematográficos. Os produtores para TV devem ter sempre em consideração que enquanto o teatro e o cinema são divertimentos que permitem maior liberdade, uma vez que só serão presenciados por aqueles que realmente apreciem os diversos gêneros que são exibidos, a TV é um entretenimento que penetra nos lares, sendo portanto assistido pelo público de todas as idades e também por aqueles de espírito mais fraco e que se deixam influenciar com facilidade por tudo o que presenciam.

PRINCÍPIOS GERAIS

Transcrevemos alguns dos princípios gerais que regem as transmissões de TV, realizadas pela NBC. Muitos deles precisam ser empregados com urgência pelas nossas emissoras, a fim de que alguns dos senões constantemente repetidos possam ser definitivamente abolidos.

1 — Nenhum programa pode ser produzido com o fim de atingir os princípios morais daqueles que irão assisti-lo. A simpatia da audiência nunca deverá ser conduzida para o lado do crime, mal ou pecado.

2 — A lei, natural ou humana, não pode ser ridicularizada, a fim de que não se crie um clima favorável à sua violação.

3 — Crimes contra a lei nunca devem ser apresentados de maneira que a justiça seja olhada com rancor, a fim de que não inspirem imitações.

4 — Assassinatos brutais não devem ser exibidos com detalhes.

5 — A vingança nos tempos modernos, não pode ser justificada.

PROGRAMAS EDUCATIVOS

♦ Dentro dessa categoria estão incluídas todas as apresentações que visam a disseminação da informação ou o desenvolvimento de novas habilidades, utilizando os grandes recursos que o som e a imagem podem oferecer.

Nos Estados Unidos tal tipo de apresentações é cuidado com muito carinho e cada vez é maior o número de programas do gênero dos que a Universidade de Michigan apresenta em cooperação com a WWJ-TV, visando apresentar cursos de extensão universitária como parte integrante dos chamados «Cursos caseiros».

Entre nós tais produções ainda não alcançaram tal desenvolvimento, mas não podemos deixar de afirmar que programas como «O céu é o limite», «Responda ao Rei da Voz», as aulas de inglês que são oferecidas semanalmente pelo Canal 6, bem como a divulgação de novas conquistas no campo da ciência como aconteceu há pouco quando uma operação feita no coração foi televisionada por uma emissora paulista, não deixam de concorrer em muito para levar ao público conhecimentos sobre vários assuntos especializados, bem como oferecer-lhe constantes oportunidades para a ampliação da sua cultura geral.

Esse é mais um amplo campo de ação que a TV oferece e que pode ser explorado sem limites, havendo ainda grandes possibilidades a serem utilizadas, principalmente no setor que vise incentivar na juventude o gosto pelos estudos. Dessa maneira a TV deixará de ser, como infelizmente acontece, um veículo de distração prejudicial às obrigações escolares, aparecendo como uma grande impulsionadora de novos trabalhos e atividades.



As audições de Angela Maria constituem um dos pontos altos da programação da TV-Rio.

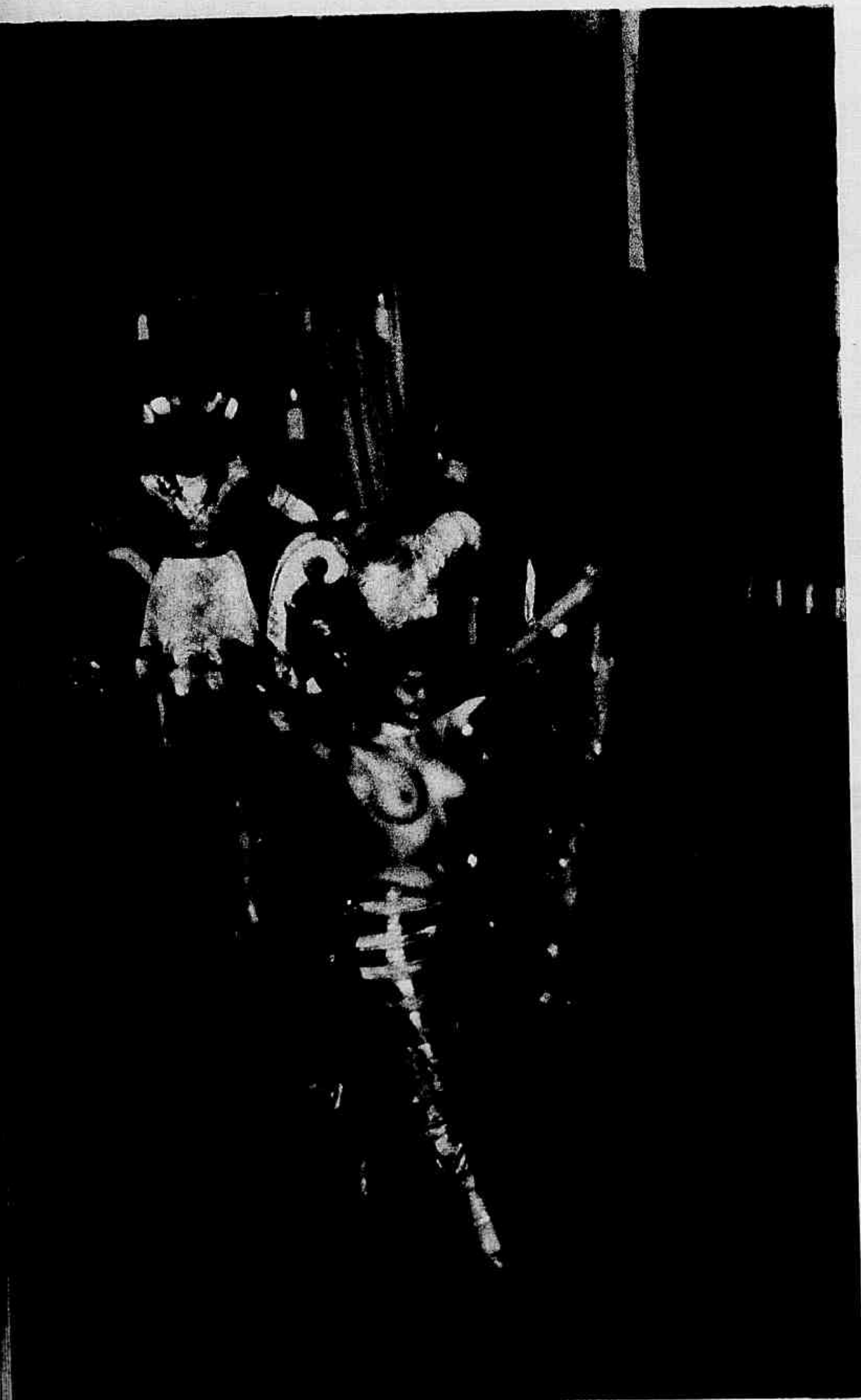


CARLA NELL É ESSA BELEZA QUE TODOS CONHECEMOS E ADMIRAMOS. É UM DOS PONTOS ALTOS DO ELENCO DE «BOTANDO PRA JAMBRAR».

BOTANDO PRA JAMBRAR ▶

BOTANDO PRA JAMBRAR

BOTANDO PRA JAMBRAR, o último sucesso do teatro de revista carioca, é um «show» ameno, sem compromissos, feito quase que exclusivamente à custa de belas garôtas e músicas alegres. Angelita Martínez, que vem de ser eleita Miss Objetiva, após renhido concurso, faz parte do elenco — e só isso é já uma garantia de êxito para qualquer espetáculo. Também Carla Nell — esa outra beleza da ribalta carioca, toma parte no espetáculo, um dos bons e sadios divertimentos com que conta, ultimamente, a cidade. Essa palavrinha «Jambrar», porém, é que não conseguimos até agora entender. Mas que ela deu certo sabor ao título, lá isso deu mesmo. No mais, a revista segue o ritmo comum a tantos espetáculos semelhantes. Talvez seja um pouco luxuosa, mais do que as outras, mais bem cuidada, do ponto de vista dos ensaios. E' algo que se pode ver sem susto, na certeza de que alguns momentos interessantes se passarão. (Kodachromes A. VIEIRA).







QUE DIZER DE ANGELITA MARTINEZ. QUE NÃO FAZ UM MÊS FOI ELEITA MISS OBJETIVA? SÓ ELA JÁ VALE POR UM «SHOW», DENTRO DO OUTRO.

CRONISTAS "DE PASSAGEM"

Fernando LÔBO

★ De repente deu para chover cronista noturno. A noite ou estava ficando cara ou animada demais. A verdade é que cara ela estava ficando e quem podia montar numa coluna de bons elogios e fazer dela imunidades foi tratando de imprensar quem estava e locar para frente. Chegou mesmo a ser formado um núcleo do pessoal do elogio. O que um dizia outro arrematava. Mas a noite foi morrendo e ficando apenas como assunto, um assunto só, aquele do já batido reinado noturno. De repente uma virada se processa. Jacintho de Tormes — um dos nossos mais acreditados colunistas e culpado pelo nascimento prematuro de muitos que por aí andam — largou o "Diário Carioca". Ali fizera tempo e tivera direitos. Mas saiu assim mesmo, por questões conhecidas. Vai daí que muito antes um outro cronista largava a pedido dos "da noite" a sua coluna no "Diário da Noite". Era o Mr. Eco. João Rezendo tendo ido para os Estados Unidos viu sua coluna ocupada por Pomona Politis, lá na "Última Hora". Enquanto isso Heron Domingues reforçava as suas hostes e ficava só em "A Noite". Um jogo de quatro cantos, de quem vai "pró vento perde o assento". Agora as coisas se reajustam. No momento em que estamos trabalhando Jacinto deve estar escrevendo para uma fôlha das boas e a mais sensacional de tôdas as notícias é a da ida de Mr. Eco, outra vez para o "Diário da Noite". Sem dúvida muita cabeça vai arder, muito cigarro vai ser fumado, muita catucação tem que ser outra vez feita por baixo das mesas noturnas, para que se demita outra vez o bom baiano Eustorgio. Mas, os de imprensa estão cansados do jogo e conhecedores do mesmo e, nesta altura em que jogo está nas mãos do Padilha, quem anda fora da lei que abra seu olho, porque a cana pode ser dura. A verdade é que são poucos os mandantes noturnos e cada vez mais desacompanhados. Nesta última semana, já Ibrahim Sued e Luis Alipio não falaram com tanto agrado do "grande produtor" do maior "rei" que há na terra, do maior e maior de todos os cidadãos vivos! Pelo contrário baixaram a lenha ficando somente ao lado do "empresário" Heron, talvez, unicamente, por ser gaúcho.



CARMÉLIA ALVES no velho mundo cantando o velho baião.



ROSEMARIE SULQUER, cada vez mais coruja do corujão.

◆ ABRE O «NIGHT-AND-DAY» — Abriu tímidamente a «boite» «Night-and-Day» para uma festa de caridade patrocinada pela sra. Paulo Sampaio. Naquela noite houve a pretensão de se fazer desfilar alguns dos quadros do «grande» «show» que por aí vem cambaleando ainda sem nome. A verdade é que pela amostra o que vem vindo por aí é um «abacaxi» cheio de penas doiradas, muita côr e pouco brilho. Quem contou foi quem lá esteve!

◆ ANIVERSARIO — Dia 27 último o mais gordo Manézinho Araújo fez aniversário. Os amigos vieram chegando sem convites e sem levar fotógrafos. Era gente de imprensa que quer bem ao dono do «Cabeça Chata». Havia um violão, vozes e uma conversa tão boa que a gente nem sabia que existia outras noites lá fora.

◆ AMÁLIA — Primeiro tivemos uma feijoada bem brasileira, numa casa bonita de um amigo bom que mora lá em Ipanema. Amália Rodrigues sentada no chão fez de toda aquela gente um bem querer só. E cantou sem ninguém

pedir. E provou de tudo o que era nosso, sem saber quem eram todos. Depois saiu e agora já está no Copacabana Palace.

◆ PETER — Conta na sua coluna da «Tribuna da Imprensa» um «baixo» dado no dia da festa de caridade, no «Night-and-Day» quando o «mestre» discursando se referiu a «patronesse» como a senhora do presidente de uma companhia de aviação. Perdão foi feita pra gente pedir...

CONVITES

◆ Recebemos: «Top Bar» do «Magazin Mesbla (vide Soutinho e seus «drinks» maravilhoso). No dia 28 último houve «cocktail» a «Miss Cinelândia 1956». Gente de rádio, cinema e TV. *** Arnaldo Rebelo chamou a crônica especializada para um «cocktail» na Sinter, 11 de outubro.

RESUMO DA PARTE JÁ
PUBLICADA

♦ Sandy McKenzie vem pela enseada com o seu rebanho, quando uma manada de búfalos espalha o gado. Sandy quase é ferido por um búfalo, quando Charles Gilson, atira no animal e o mata. Charles, que adora atirar de revólver, propõe se associar com Sandy. Sandy, que já fôra um caçador de búfalos, declara que detesta matar seja o que fôr, mas pelo fato de ter seu gado sido dispersado pelos búfalos, entra em acôrdo com Charles. Os dois juntam-se ao velho Woodfoot e a Jimmy.

(THE LAST HUNT)

CAPITULO II

ELENCO

Charles Gilson	ROBERT TAYLOR
Sandy McKenzie	STEWART GRANGER
Woodfoot	LLOYD NOLAN
A India	DEBRA PAGET
Jimmy	RUSS TAMBLYN
Peg	CONSTANCE FORD
Ed Black	JOE DeSANTIS

Dirigido por RICHARD BROOKS — Produzido por DORE SCHARY.

Em CinemaScope, Technicolor, da M.G.M.

A ÚLTIMA CAÇADA

RESOLVERAM acampar. Charles, Sandy e Jimmy cortaram inúmeras árvores e construíram uma barraca, um curral para as mulas e cavalos, e uma canieada para secar a carne. Woodfoot improvisou uma cozinha e uma porção de coisas mais.

— Você com uma só perna trabalha melhor do que nós outros que temos duas — disse Jimmy.

— Os homens trabalham com as costas e não com as pernas.

— Como foi que você perdeu a perna?

— A perna? Numa tempestade de neve. Eu estava bêbedo e caí desacordado. Fiquei no

gêlo durante mais de duas horas. Sandy carregou-me nas costas uns oito quilômetros. Ele salvou a minha pele. Mas perdi a perna.

Charles, sempre inquieto resolveu não ouvir o conselho de Sandy no sentido de que esperasse que o vento diminuísse um pouco para poder dar caça aos búfalos. Montou em seu cavalo e partiu devagar. Lá adiante, desmontou, meteu duas cartucheiras debaixo dos braços, apanhou seu rifle e sua pistola, e desceu a colina a procura dos animais.

De repente apareceu um búfalo à sua frente. Charles parou e esperou que o animal voltasse para onde se achava o bando. Prosse-

guiu em sua caminhada colina abaixo. Mais uma vez o búfalo levantou a cabeça. Agora nervoso e com medo de haver perdido a sua presa, Charles deitou-se no chão e apoiou o cano de seu rifle sobre uma raiz de árvore descoberta. Fêz logo contra o búfalo. Não acertou. Mas espantou os búfalos que começaram a se movimentar. Charles começou a correr de colina abaixo, mas tombou e caiu. O rifle foi arremçado longe. Os búfalos correram na sua direção. Ele tornou a subir a colina e escapou detrás de algumas moitas de árvores.

Naquela noite, após a rejeição, os homens sentaram-se ao redor do fogo e começaram a

aquecer suas cartucheiras. Charles, enraivecido por causa do seu fracasso daquela tarde, batia violentamente nos mosquitos que lhe picavam o rosto. De repente, voltou-se para Sandy e perguntou porque os mosquitos não o morderiam.

— Bem que eles me picam, Charles. Agora o que não faço é dar esse caráter pessoal que você dá. Acha que tudo e todos estão simplesmente contra você. O frio... o calor... os índios — mesmo Woodfoot e eu todos contra você... Após um curto silêncio, começaram a falar a respeito de búfalos e Charles disse:

Aposto que nenhum de nós viverá o suficiente para o último desses búfalos.

— Eles estão se acabando — disse Woodfoot.

— Não acredito — falou Charles.

— Da maneira como os caçadores de búfalos estão fazendo, os que daqui saíram não voltarão tão cedo — continuou Woodfoot.

Com voz pausada Sandy disse que se recordava do ano de 1873, época em que os búfalos não se acabavam mais. Porém, um ano depois, não havia mais um só todos se tinham ido ou morrido.

— Só restavam ossos — disse em voz baixa e num tom rememorativo. — Milhões de ossos e uma infinidade de carcassas fedorentas. Uma coisa vergonhosa... terrível mesmo. O homem ainda chegará a condenar isto, pois não há motivo para orgulho.

— Da maneira como você fala é um verdadeiro crime se matar um búfalo — falou Charles despeitado.

— E talvez seja, Charles — disse Sandy.

Nisto, um tropel barulhento veio do curral das mulas. E, em seguida, um ruído de animais em correria. Charles puxa imediatamente a sua pistola e corre para fora... porém, tarde demais. Os índios haviam roubado quatro de suas mulas. Charles preparou-se para ir a procura dos ladrões. Charles não ouviu o conselho de Sandy para ir só na manhã seguinte. Cavalcou até onde pôde ver uma fogueira, num acampamen-

to, situado no fundo do vale. Aproximou-se ousadamente e viu dois índios ao redor do fogo examinando as mulas roubadas. Levantou o rifle, fez pontaria, mas estava demasiado escura para poder acertar os ladrões. Sentou no chão e esperou que o sol nascesse.

Na manhã seguinte, ele sentia frio e fome, mas tudo isto nada valia ante o seu intenso desejo de aniquilar os índios. Em dado momento, viu uma fumaça subir do acampamento deles, e notou que uma índia assava carne no fogo. Quando o sol iluminou o fundo do vale, Charles levantou o rifle e fez pontaria. Um dos índios foi atingido. Um outro correu para onde se achavam as mulas. Um segundo tiro e este índio tombou. Charles carregou a arma e atirou novamente, a face vermelha e os olhos em fogo. Desta vez ele atingiu uma mulher. Mas havia uma outra. Charles atirou e ela caiu; em seguida, se ergueu sobre os joelhos e engatinhou na direção do fogo. O objetivo dela era conseguir chegar a uma moita próxima; porém antes disso, caiu por terra.

Charles montou e rumou para o acampamento. Preparou o seu revólver, mas não precisou dele. Todos estavam mortos, exceto uma das mulheres, que levava consigo uma criança chorando. Seu vestido de pele estava manchado de sangue nas costas. Quando Charles aproximou-se, ela colocou a criança no chão e procurou protegê-la, tocando a cabeça no solo, quase rente aos pés de Charles. Este, com a pistola na mão, apontava para ela, sem saber o que fazer.

Era uma mulher jovem e muito bela. Tinha bem torneado o corpo e os cabelos negros caíam sobre os ombros em longas tranças.

— E' seu filho? — Perguntou Charles àsperamente.

Não recebeu resposta.

— Levanta — ordenou ele e fez que ia levantá-la pela força.

A seguir, Charles reuniu as mulas, a mulher montou uma delas, e partiram.



Protegendo-se contra o frio, Charles espera uma oportunidade para atirar.

Sandy teve sorte com uma manada de búfalos. Matou uma boa porção e Woodfoot tirava-lhes as peles. Woodfoot estava tão preocupado com a sua tarefa que não viu quando um lobo começou a uivar nas proximidades. O animal saltou sobre o velho, mas foi atingido em pleno ar por uma bala que saiu da pistola de Sandy.

— Se você andar sempre armado — falou Sandy — talvez ainda viva muito tempo.

(Cont. na página 58)



O PERNETA FORNECE A BEBIDA QUE DÁ CORAGEM E EVITA AS VACILAÇÕES NA HORA H.

A qualquer hora
do dia
ou da noite

a
RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

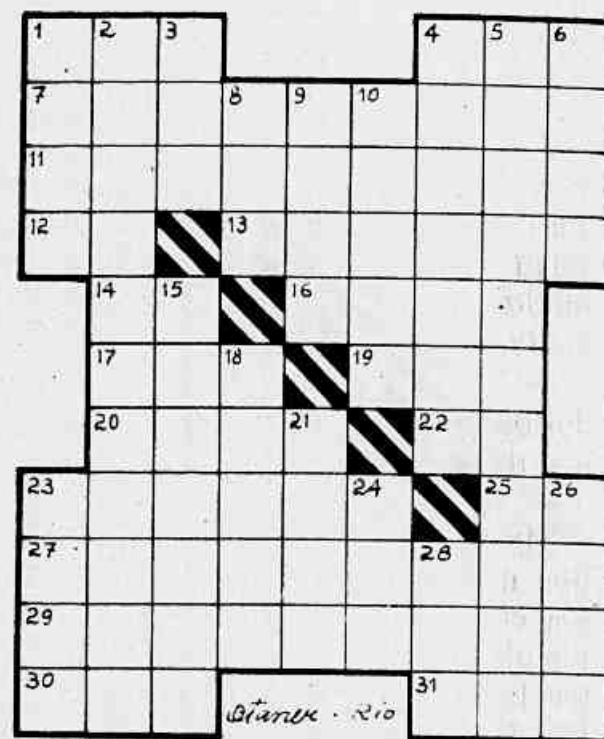
Record

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 141

PARA VETERANOS

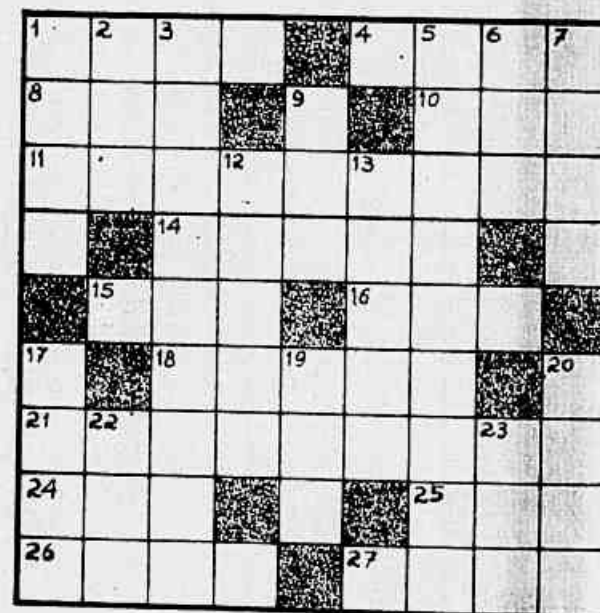
HORIZONTAIS: — 1. Planta umbelífera, semelhante à cenoura — 4. Diocese na Dinamarca — 7. Amoedar — 11. Construção em que não se ligam as palavras como exige a sintaxe — 12. Sobrenome — 13. Impedimentos — 14. Símbolo do metal de peso atômico 85,45 — 16. Espaço descoberto na frente das igrejas — 17. Chefe supremo em alguns países asiáticos — 19. Cidade dos Estados Unidos — 20. Espécie de mangueira do Gabão (pl.) — 22. Grande massa — 23. Dolorosas — 25. Grama — 27. De tijolo — 29. Relativo à ordem dos celenterados a que pertence a alforreca — 30. Abundância — 31. Construção plural.



VERTICAIS: — 1. Montão — 2. Inimigo do governo absoluto — 3. Nome de mulher — 4. Entidade diabólica e molesta — 5. Relativo ao estudo inútil de assuntos superiores ao alcance da inteligência humana — 6. Rei de Tróia — 8. Simpatia — 9. Mergulhão da família dos Sulídeos — 10. Refúgio — 15. Apalpar — 18. Padreador — 21. Corrija — 23. Desenvolver (o trabalho) — 24. Deusa escandinava, mulher de Thor — 26. (Johann Henrich), pintor alemão (1631-1685) — 28. Pássaro canirrostro, espécie de verdelho.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Querer bem — 4. Guardar de abas — 8. Seguiam — 10. Camareira — 11. Natural de Olinda — 14. Gênero de plantas onoteráceas — 15. Acrescentei — 16. O mesmo que anão — 18. Perfume — 21. Molecagens — 24. Cólera — 25. Nome de homem — 26. Mulher formosa — 27. Fazer uso.



VERTICAIS: — 1. Camareiros — 2. Moléstia — 3. Tonsilas — 5. Doce de banana (pl.) — 6. Gemidos — 7. Vassourar o forno depois de aquecido — 9. Juruva — 12. Militar nobre entre os hindus — 13. Em má hora, o mesmo que aramã — 17. O mesmo que amir — 19. Vazia — 20. Empunhar — 22. Rezo — 23. Pedra do altar.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 140

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: capa — gata — are — Pec — peristase — asinários — orate — gofradura — amontoais — pás — Dno — ereo — coas.

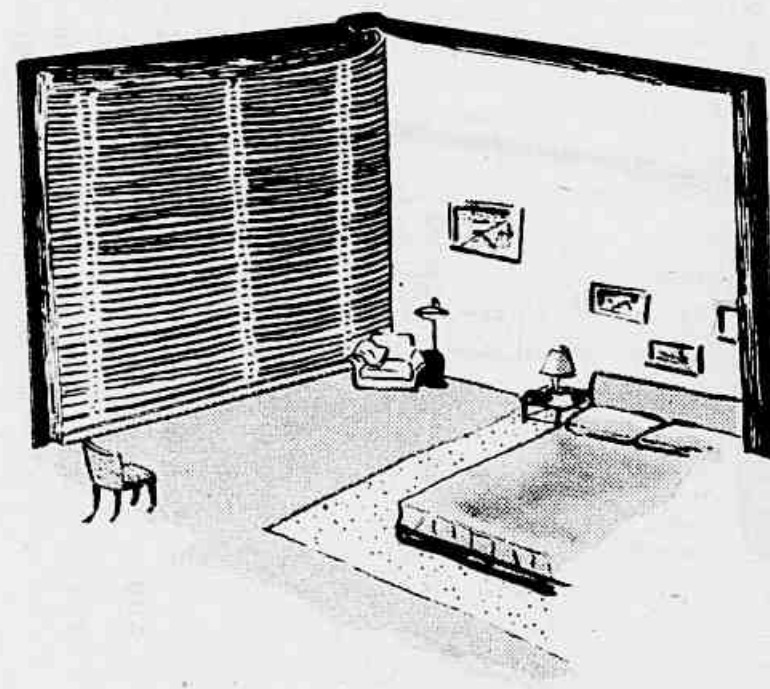
VERTICAIS: capaz — ares — perimorfose — apaideguado — teso — aceso — in — Sarabat — tr — ágape — casos — Omar — Rn — dó — rina.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: aca — ama — amar — saca — populacho — Ari — ras — terno — anu — cal — malagueta — oram — trás — ara — aos.

VERTICAIS: amor — capitular — aru — asa — macrótero — acha — Apa — aos lar — amo — nara — atas — lãs — ama — uta.

O que lhe oferecemos



Apartamento com vestibulo, dormitório, banheiro, completamente mobiliado, atapetado e cortinado.

O Hotel Beira-Mar assegura para sempre o gozo de suas férias, graças ao plano econômico de quotas-partes de propriedade mobiliária

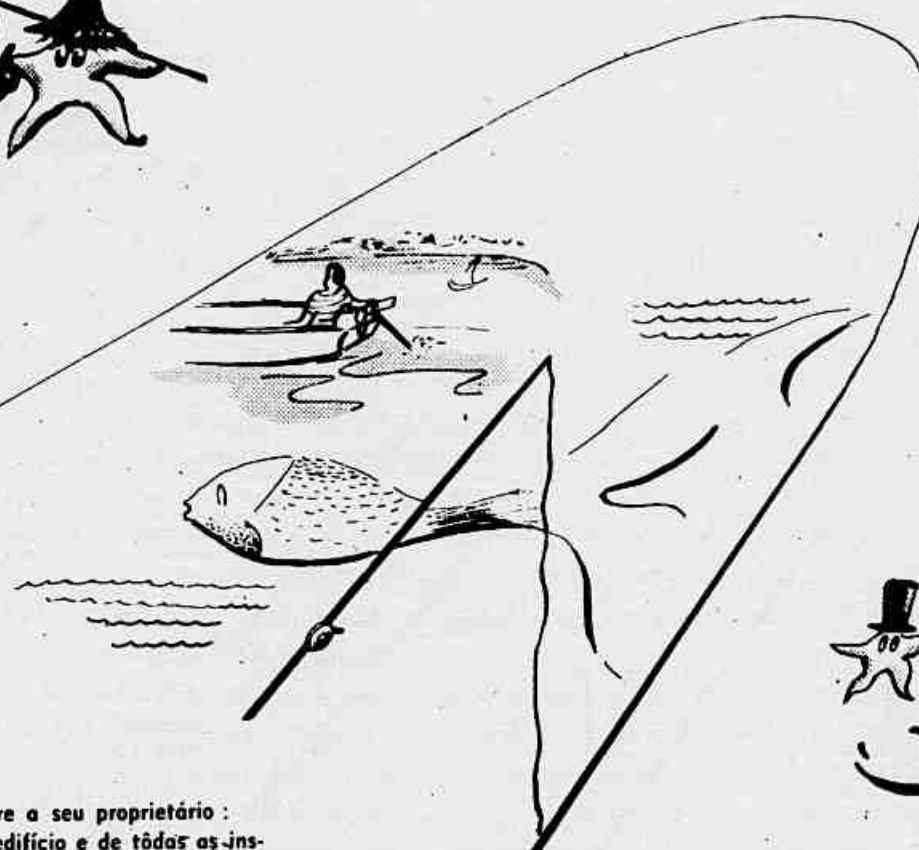
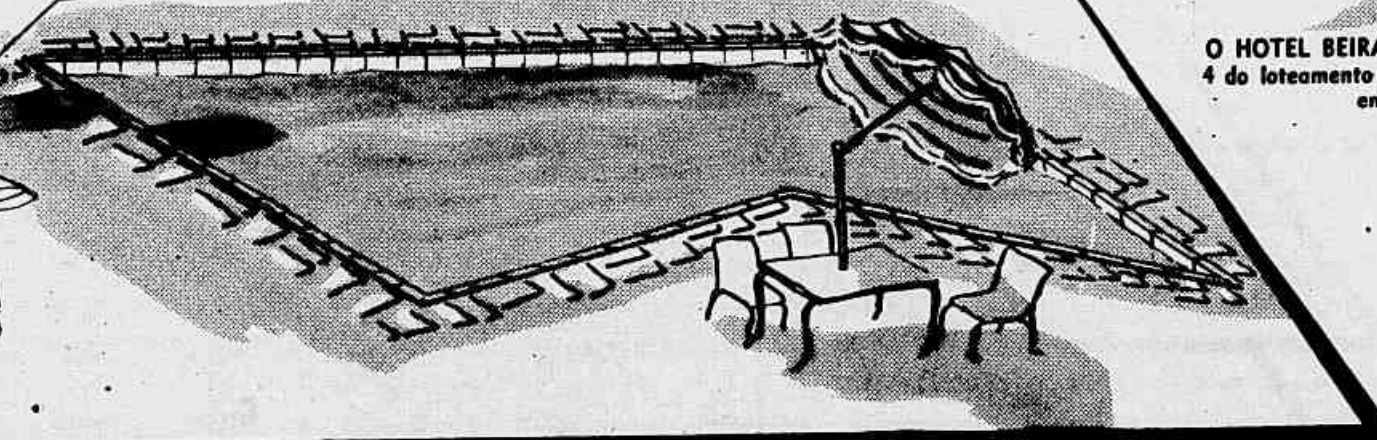


Cada quota — parte do HOTEL BEIRA-MAR confere a seu proprietário :

- Posse e domínio de uma parte ideal do terreno, do edificio e de todas as instalações do HOTEL BEIRA-MAR.
- Uso e gozo de um apartamento do HOTEL BEIRA-MAR durante uma quinzena anual, máximo 4 pessoas.
- Direito de vender, transferir ou hipotecar em qualquer tempo a sua quota — parte que é transmissível aos herdeiros.
- Abatimento de 30 por cento nos serviços do Hotel.
- Direito à cessão de seu período de férias.
- Participação nos lucros da exploração do Hotel Beira-Mar.

Planejamento e Vendas da
PREDIAL CRUZEIRO DO SUL, S/A
 Rua da Assembléia, 36 11.º andar. — Telefone 22-7930
 Incorporação da
HOTELEIRA MONTE MAR LTDA.
 RUA ARAÚJO PORTO ALEGRE, 56
 S/loja, 2 — Telefone 32-9933

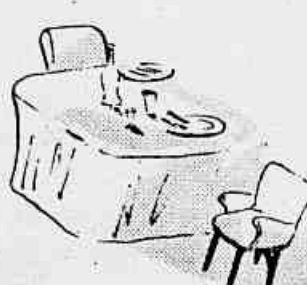
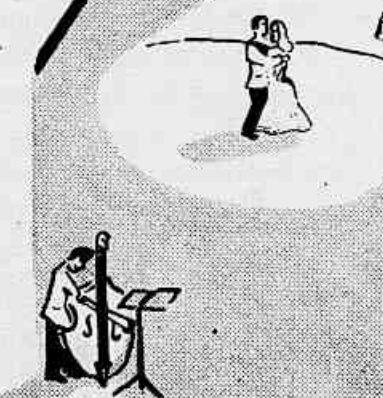
Barra de São João, suas belissimas praias e sua pesca abundante, tornou-se um convite para os dias de repouso e férias



Preço de 25 mil cruzeiros com 2 mil cruzeiros de entrada e 46 prestações de :

500,00 mensais!

Todas as diversões de um grande centro de turismo: Cinema, Teatro e "Boite"



O HOTEL BEIRA-MAR, já em franca construção, está localizado nas quadras 3 e 4 do loteamento Cidade Beira-Mar, em Barra de São João, Est. do Rio de Janeiro, entre a rodovia Amaral Peixoto e a praia das Ostras.

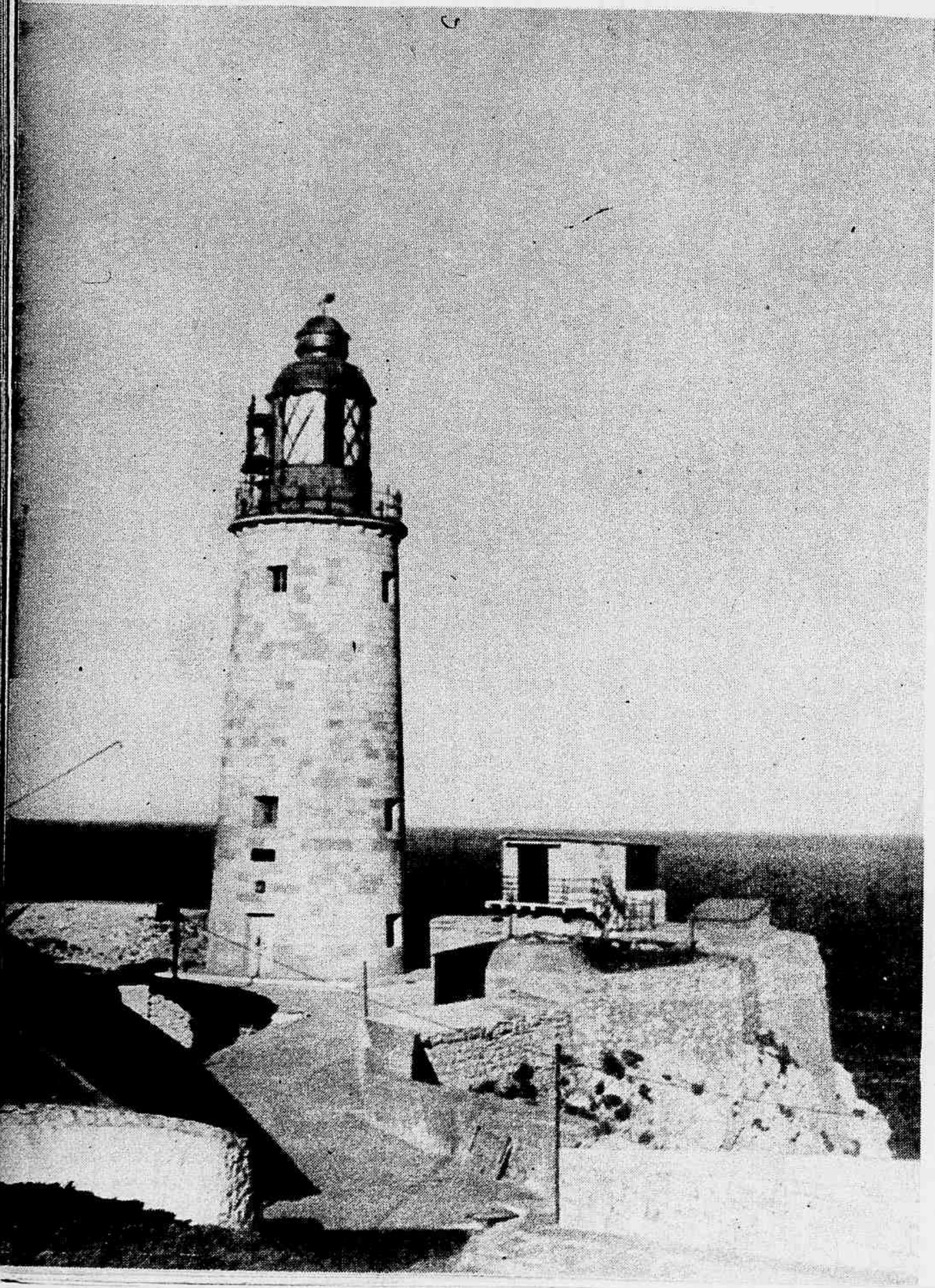
Para informações e detalhes escreva-nos

NOME
 ENDEREÇO
 CIDADE ESTADO

GIBRALTAR

A PORTA DO

MEDITERRÂNEO



GIBRALTAR, OU "GIB", COMO JÁ LHE
SIMPLIFICARAM OS INGLESES O NO-
ME, VELA A ENTRADA DO MEDITER-
RANEO COMO UMA IMENSA SENTINE-
LA, É INGLESA DESDE 1713, MAS OS
ESPAÑHÓIS SONHAM COM O DIA EM
QUE ELA VOLTE PARA SUAS MÃOS.



VINTE MIL HABITANTES TRABALHAM PELA RECONSTRUÇÃO DE GIBRALTAR. QUASE ANIQUILADA DURANTE A GUERRA — MAS, DESDE MADRID, OS OLHOS COBIÇOSOS DE FRANCO ESTÃO POSTADOS NA SENTINELA DO MEDITERRÂNEO... VOLTARÁ ELA À ESPANHA?

QUANDO OS árabes, conduzidos por Djabr Al Tarik, invadiram a Espanha, vindos da África, de inopino sentiram toda a importância do enorme rochedo de Gibraltar, uma das Colunas de Hércules dos antigos hierógrafos, e ali se estabeleceram por muitos anos, até que seu poderio, na península, periclitou e logo apagou-se. Pelos séculos afora, Gibraltar, como tantos outros pon-

tos estratégicos localizados pelo mundo afora, mudou de dono inúmeras vezes, até ir parar às mãos da Grã-Bretanha, mãos em que se debate ainda hoje. Ocorreu a ocupação britânica do rochedo (que mede apenas alguns quilômetros quadrados de superfície, e eleva-se a uma altura de cerca de quatrocentos metros) em 1704, quando a Espanha, ocupada com as lutas pela sucessão real, não podia reagir contra as investidas inglê-

sas e holandesas a Gibraltar. Inglêses e holandeses foram, portanto, durante alguns anos, os controladores de Gibraltar, até que o Tratado de Utrecht, em 1713, atribuiu somente aos inglêses o domínio do sítio. Quantas vezes tentaram os espanhóis recuperar a rocha? O certo é que, de todas, foram derrotados. Mas não só os espanhóis já a desejaram de volta: na última guerra, por exemplo, os alemães e os italianos tudo fizeram para con-

GIBRALTAR



DURANTE A guerra de 1939-1945, aviões nazistas quase destruíram totalmente o baluarte de Gibraltar. Hoje, porém, o trabalho de seus vinte mil habitantes já a reconstruiu completamente. Grande parte dos habitantes possui nas veias sangue espanhol, e muitos deles desejam para a forta-





leza um governo autônomo. O ditador Franco, por sua vez, sempre encarou com otimismo a possibilidade de Gibraltar vir a ser novamente espanhol. Depois de Suez, a Grã-Bretanha terá, quem sabe, de resolver o caso de Gibraltar?... Já existe, na Espanha, um movimento no sentido desta reivindicação.

trolar a gigantesca fortaleza postada no ponto de junção entre o Atlântico e o Mediterrâneo, e muitas toneladas de explosivos foram despejadas sobre ela, a ponto de Gibraltar ter sido, praticamente, arrasada, em 1940. Hoje, porém, já estão praticamente fechadas as feridas da guerra, e a cidade de Gibraltar, que se levanta aos pés do promontório, retomou de há muito o seu ritmo antigo de vida. Moram nela cerca de vinte mil habitantes, quase todos empregados nos serviços de docas, e vivendo dos direitos alfandegários e portuários da grande cidade-la, que, como pôrto livre, recebe a visita de centenas de navios, de todas as nacionalidades, anualmente. Também são cultivados, em Gibraltar, a vinha, a ceva-

da, o petróleo é refinado, e há razoáveis plantações de café, tabaco e chá.

A criminalidade é pouca, em Gibraltar; porém, há bastantes contrabandistas, a despeito do controle severo das autoridades britânicas. Esses contrabandistas procedem de dois locais principais: Alger, na África, e La Linea, na Espanha. Muitos cidadãos espanhóis trabalham em Gibraltar, e têm permissão dos guardas de fronteira para atravessarem, diariamente, para Gibraltar.

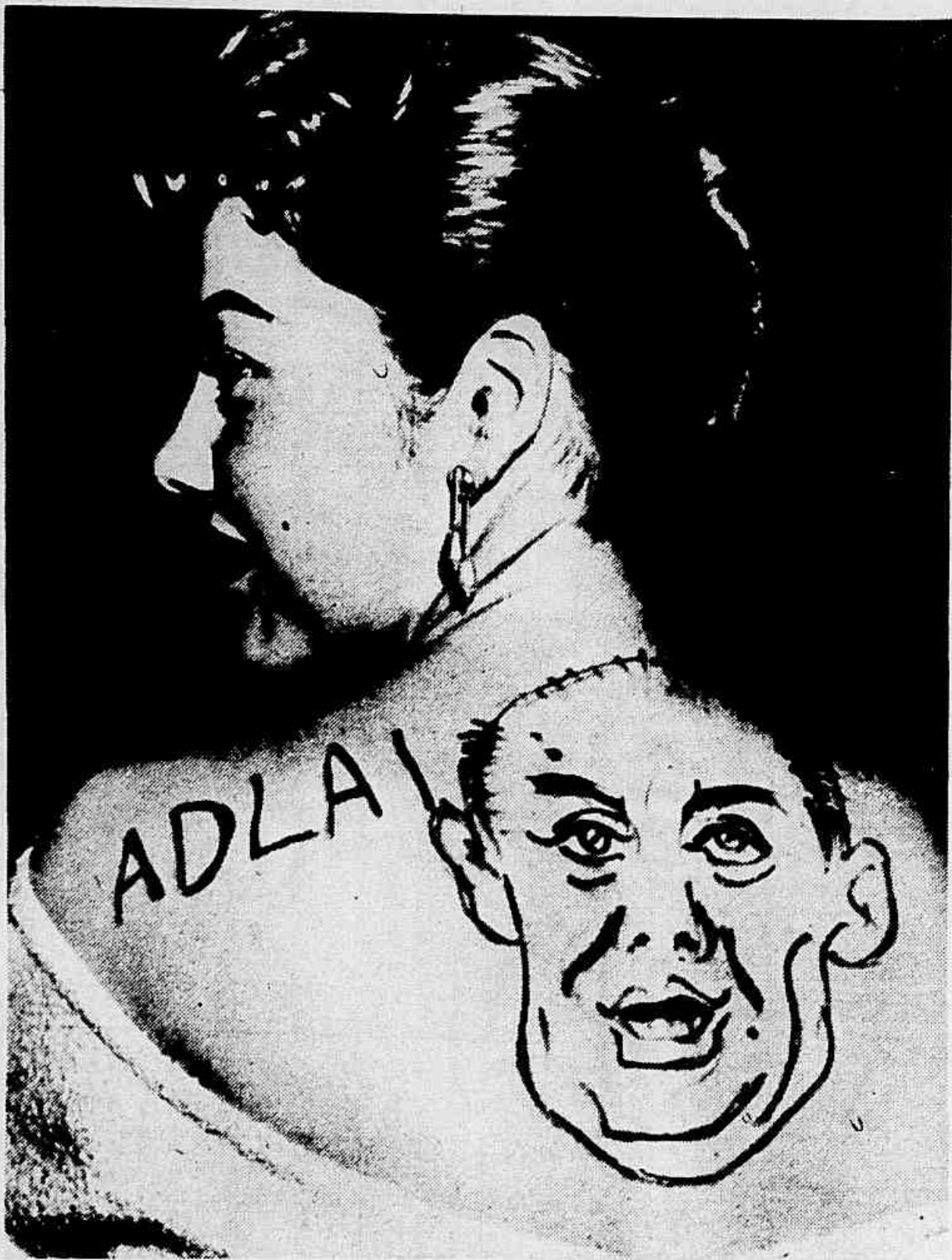
Existe um aeroporto, em Gibraltar, servido por linhas regulares de aeronaves comerciais. Londres fica a somente hora e meia de distância, e já há um movi-

mento turístico considerável, tendo por meta o rochedo famoso.

O nacionalismo, porém, de há muito deseja, para a cidade, o governo próprio. E a Grã-Bretanha não se opõe, abertamente, ao plano. Apenas afirma que, antes de terem um governo próprio, devem os gibraltarianos provar que estão aptos a arcar com a enorme responsabilidade de manter a fortaleza contra as investidas dos cobiçosos. É de se recordar, aliás, que Franco jamais escondeu seus desejos de recuperar, para a Espanha, o pedaço de pedra que, há mais de duzentos anos, ingleses de cabelos louros e fala arrevezada arrebataram a um soberano em apuros...



EM CHICAGO, esse pesado caminhão, ao fazer uma manobra desastrada, precipitou-se do alto de uma ponte, tombando sobre um vagão. Felizmente não houve vítimas a lamentar, limitando tudo a danos materiais.



STEVENSON É cotado, entre as mulheres. Por isso mesmo é que essa jovem, Jane Dolan, modelo profissional, ofereceu-se para fazer-lhe a publicidade, utilizando, para tal, o próprio dorso formoso que Deus lhe deu.

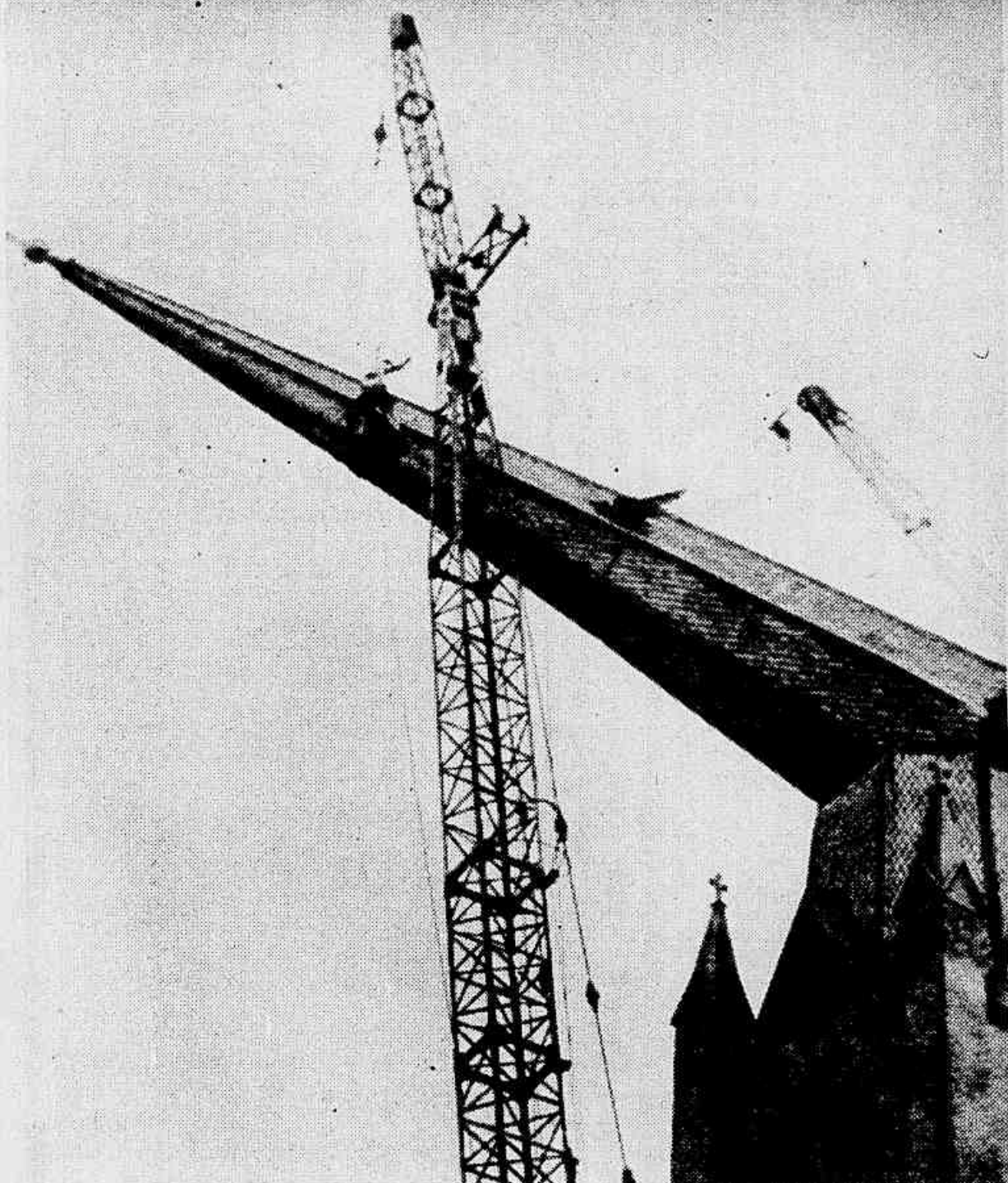
POR ESSE MUNDO DE DEUS

ESSA JOVEM italiana, vista em companhia da mãe, é Maria Luiza Caroppo, que respondia, na televisão, a pergunta sobre literatura grega. Teve de ser afastada das câmaras por seu busto de avantajadas dimensões.

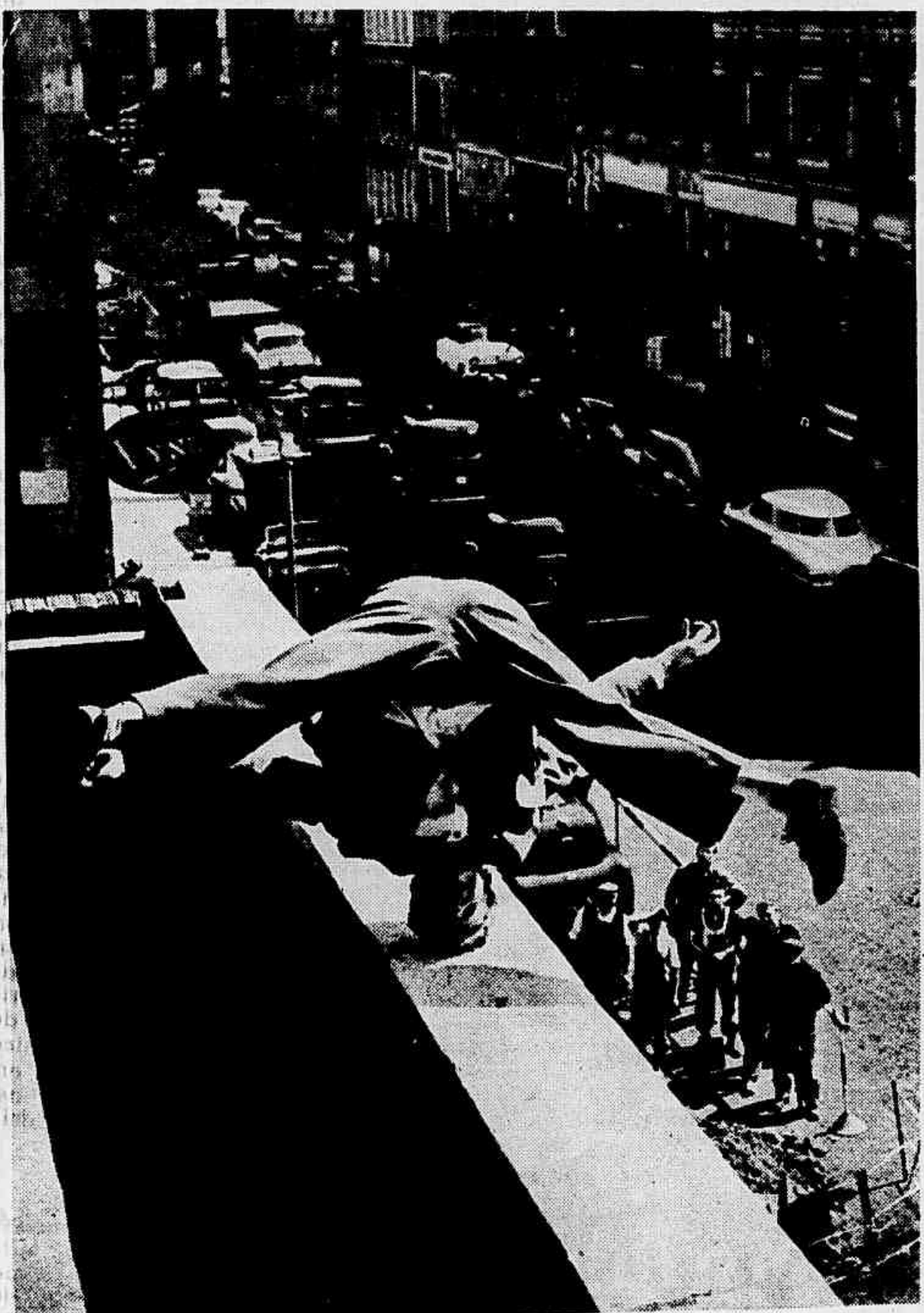




MARILYN BELL, jovem nadadora britânica, ao atravessar o estreito de Juan de Manca, entre os EE.UU. e o Canadá, sentiu que as forças lhe faltavam. Ei-la, ao ser recolhida, já desfalecida, por um barco patrulheiro.



NA CIDADEZINHA de Troy, nos EE.UU., rachou-se a torre mais alta da igreja católica de S. Agostinho, passando a oferecer perigos. Em vista disso, os bombeiros tiveram de retirá-la, por meio de um guindaste.



NO PARAPEITO de sua residência, em Londres, o acrobata Eddie Fish dá mostras de sua serenidade, equilibrando-se de cabeça para baixo, sobre uma altura de 15 metros. Porém, isso é sopa, para esse artista australiano.



ERROL FLYNN e sua 3ª esposa, Patricia Wymore, aqui aparecem quando, a bordo de seu iate, «Zarka», conversavam. Errol experimenta um novo capacete para pesca submarina. O casal está na Europa, em férias.

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



MÚSICA

BOLIVAR COSTA

NOTAS

Leonide Massine, famoso coreógrafo russo, que no momento dirige o corpo de baile do Teatro Municipal, pronunciou interessante conferência intitulada «Aspectos do Ballet Norte-Americano». Além de analisar separadamente cada um dos grandes valores da dança nos Estados Unidos desde a figura excepcional de John Durang e George Balanchine, Massine falou sobre os ensinamentos de coreografia ministrados em 600 escolas

nas principais cidades americanas. O maestro Eleazar de Carvalho dirigiu a Orquestra Sinfônica de Berlim, tendo executado, pela primeira vez na Alemanha, a «Sinfonietta Brasileira» do compositor germânico Ernst Krenek e o «Choro Nº 10» de Heitor Vila-Lôbos.

x x x

Realizou-se no dia 29 de setembro, no Teatro Municipal, o Décimo Quinto concerto da presente temporada da Orquestra Sinfônica Brasileira para o quadro de sócios.

Dêle participou com brilhantismo, o violinista norte-americano Berl Senofsky, que executou o concerto para violino e orquestra de Brahms. A regência esteve a cargo do maestro Bernardo Federowsky. As outras obras do programa foram as seguintes: Sinfonia Clássica — Prokofieff; Souvenir — Alberto Nepomuceno; Dois Noturnos — Debussy; Tannhauser — Wagner.

x x x

Prosseguindo nas comemorações do bi-centenário de Mozart, a Rá-

dio Ministério da Educação e Cultura em colaboração com a Academia de Música Lourenço Fernandez, realizou o segundo programa dedicado à ópera de Mozart. Os comentários foram feitos por Otávio Bevilacqua.

x x x

O violoncelista Carmem Braga Bourguoy deu um recital no salão do Hotel Glória, sob o patrocínio da Associação Brasileira de Concertos.

x x x

O próximo concerto da ABC e PRO-ARTE, para o quadro social, será um Festival Mozart, em comemoração do bi-centenário de nascimento do genial compositor de Salzburgo.

O programa estará a cargo do violinista Christian Ferras, que termina por estes dias uma «tourné» de 60 concertos na Austrália, de onde seguirá diretamente para o México e Cuba. O referido concerto só será realizado em novembro, quando o jovem artista terminar os outros compromissos que já assumiu. Da Austrália nos chegaram críticas reveladoras sobre a arte de Ferras: «No concerto de Brahms Christian Ferras mostrou, não somente um estilo impecável, mas também tôdas as qualidades superiores que pode ter um violinista de primeira linha. Pela primeira vez nesta cidade, um solista foi obrigado por insistentes aplausos, a dar um número extra, e o artista escolheu um trecho de uma sonata de Bach, obtendo idêntico sucesso».

Para este concerto que encerra a temporada do corrente ano, os sócios devem apresentar o ticket número 10.

x x x

Realizar-se-á no dia 10 de outubro, no auditório do Conservatório Brasileiro de Música, em comemoração do 20º aniversário de fundação do aludido estabelecimento, a terceira conferência cultural da série de 1956 a cargo do sr. Rod W. Horton, sob o título «A Influência Negra na Música dos Estados Unidos».

x x x

Dentro de mais alguns dias, o público carioca terá oportunidade de conhecer um dos mais famosos conjuntos folclóricos da Europa. Trata-se do Grupo Lucnica, de Bratislava Tchecoslováquia, composto de cerca de 45 moças e rapazes, em sua maioria universitários das escolas de ensinamento artístico do país. Com um magnífico repertório de cantos e danças típicos da Tchecoslováquia, o Grupo Lucnica vem obtendo grande sucesso em tôdas as cidades por onde tem passado, em sua excursão pelo Brasil.

x x x

Realizou-se, no auditório Vila-Lôbos, do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, a sexta e última audição de recentes gravações do maestro Heitor Vila-Lôbos, comentadas e ilustradas pelo autor, com o seguinte programa: Choros (violino e violoncelo), Quinteto de Sopro, Três Marias (piano e solo), com a pianista Guiomar Novais, e Imperador Jones, com a Orquestra Sinfônica da N.B.C.

QUE É UM DISCÍPULO DE CRISTO?

Por JAMES E. CRAIG

Sacerdote da Igreja Cristã de Park Avenue, de Nova York

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

OS DISCÍPULOS acreditam que Cristo tenha nascido de uma virgem? É provável que 99 por cento deles pensem assim. É possível que outros duvidem. Mas não existe autoridade alguma — exceto nas congregações individuais — capaz de aceitar uma crença como ortodoxa e rejeitar outra como herética.

Que pensam os Discípulos acerca do pecado e da salvação? Nenhuma resposta pode abranger o pensamento de todas as congregações. Mas de uma maneira geral os Discípulos rejeitam a doutrina do pecado original. Porém, a grande maioria crê que todos nós somos criaturas pecadoras, a menos que estejamos redimidos pelo sofrimento salvador de Jesus Cristo.

Nos primórdios desse movimento religioso, a concepção que ganhou terreno foi a de que Deus racional não deixaria Suas criaturas sem um plano racional de salvação susceptível de ser compreendido e seguido por qualquer pessoa.

Walter Scott, o grande romancista inglês, foi, talvez, o primeiro notável expoente desta idéia. Ele sugeriu um plano constante de cinco pontos: fé, arrependimento, batismo, iniciação de vida, e bênção do Espírito Santo. A fé é a crença sincera no poder e na bondade de Deus. O arrependimento não é simplesmente a tristeza pelo fato de haver pecado no passado mas uma perfeita contrição, acompanhada da resolução de não tornar a pecar. Pelo batismo se obedece à uma ordem do Senhor e, ao mesmo tempo, segue-se o exemplo dos Apóstolos. Pela iniciação de vida, evita-se ofender a Deus e escandalizar a Igreja. E finalmente, é na bênção do Espírito Santo que o homem vive com olhar fixo nas promessas confortadoras do Evangelho.

Walter Scott acreditava que quando um pecador preenchia honestamente esses requisitos, ele não tinha necessidade de procurar a graça salvadora em qualquer manifestação mística interior.

Os Discípulos acreditam no Céu e no Inferno?

Também neste ponto há muita dificuldade em se dar uma resposta que possa enquadrar todos os membros da religião. Quase todos crêem na imortalidade da alma e numa bem-aventurada reunião aqui na terra, após a morte, de todos os fiéis que morreram no Senhor. Muitos outros acreditam literalmente no Céu e no Inferno. Outros ainda deixam que as futuras recompensas e punições à mercê de Deus.

A fé dos Discípulos em geral é matéria de convicção pessoal, enraizada na confiança que desperta o Reinado de Deus.

Como se originaram os Discípulos?

A religião dos Discípulos teve sua origem na confluência de duas grandes correntes do pensamento religioso. Uma, proveniente da Igreja Cristã, desenvolveu-se em Kentucky e no Ohio sob a direção de Barton W. Stone. A outra, que o cerne da religião dos Discípulos, nasceu nos Estados da Pensilvânia e Virginia, e inspirou-se em Thomas Campbell, seu filho Alexander Campbell, e Walter Scott. Todos esses homens, conhecidos como os Quatro Grandes, tiveram antecedenças presbiterianas; todos eram finamente educados de acordo com os cânones da época, que davam mais atenção ao ensinamento do grego, latim e hebreu.

Esses estudiosos e estadistas religiosos lançaram suas idéias entre os pioneiros. Em princípios do século XIX, teve início a grande corrente migratória. Homens e mulheres de vários credos religiosos encontraram igrejas próximo às suas casas. Muitos outros eram nômades sem religião. Esta foi a grande oportunidade. Mas a idéia desta religião não pode ser descrita para nenhuma pessoa. Por volta de 1803, Stone e seus seguidores começaram a propagá-la, em Kentucky. Em 1809, Thomas Campbell deu-lhe expressão literária na sua «Declaração e Proclamação». Scott e pregadores populares tais como «Raccoon John» Smith (Batista) de Tennessee cumularam-na com o fervor evangélico. E Alexander Campbell, hábil panfletista, deu-lhe expressão jurídica e teológica.

Simplem em sua programação, a prática, entretanto, encontrou enormes dificuldades. Era bastante fácil dizer que havia credos, mas, somente Cristo pode adotar o sacramento do batismo (por imersão) e a observância semanal da Ceia do Senhor. Depois que o Novo Testamento foi declarado o guia para a prática e fé cristãs, parecia logicamente possível guardar uma estrita fidelidade aos pontos essenciais da fé, permitindo uma completa liberdade de opinião com relação aos pontos não essenciais. Aqui, naturalmente, está o problema: Como saber quais são os pontos essenciais e quem é capaz de decidir? Esta distinção tem perturbado os Discípulos desde a fundação da religião.

Os Discípulos de Cristo, a Igreja Cristã e as Igrejas de Cristo são a mesma coisa?

Em 1832, os Discípulos do Oriente e os Cristãos do Ocidente, uniram-se. Desde essa época, o termo «Igreja Cristã» tem sido mais usado no Centroeste e no Sul; enquanto a denominação «Discípulo de Cristo» é mais comumente usada no Leste. Na Convenção Internacional, e em muitas congregações, as palavras são usadas num sentido intercambiável. Dois outros grupos primitivos chamavam-se «Igrejas Cristãs». Uma delas, o grupo de James O'Kelly, denominava-se Metodistas Republicanos, mas depois mudaram o nome para Cristão. Um grupo de Nova Inglaterra uniu-se aos Congregacionalistas, passando a se chamar Igreja Cristã Congressional.

Um ramo da família dos Discípulos e Igrejas Cristãs, chama-se congregações das Igrejas de Cristo. Seus membros formam uma corporação religiosa profundamente conservadora, seguindo literalmente o Novo Testamento. Não acreditam na música instrumental usada nas igrejas, nem nas sociedades missionárias ou em qualquer outra matéria que não encontrem autorização específica no Novo Testamento. Outras congregações conservadoras não participam da Convenção Internacional por razões diretamente ligadas à interpretação do Novo Testamento.

Os Discípulos têm sacerdotes ordenados?

Exceto em algumas seções muito remotas onde não existem ministros ordenados, quase todas as igrejas dispõem de pastores ordenados. Em casos de emergência qualquer um leigo pode subir ao púlpito. O mesmo acontece com a Comunhão.

Outrora, a desconfiança no clericalismo era tão grande que os ministros eram chamados «Oficiais Superiores» e não «Reverendos», e o uso de gorros ou barretes no púlpito desaconselhável como gosto clericalista. (Esses preconceitos hoje desapareceram).

Não havia distinção fundamental entre os leigos e o clero. Na verdade, qualquer «Oficial» podia realizar os mistérios de um ministro da igreja, com exceção das cerimônias matrimoniais que eram regulamentadas pelo Estado. Mas as deficiências deste sistema começaram a se tornar evidentes. E as congregações passaram a exigir pastores ordenados, especialmente treinados para as funções religiosas. Hoje, mais de 34 Colégios, Universidades e Escolas de treinamento bíblico se acham em funcionamento a fim de atenderem à grande procura de pastores.

Que pensam os Discípulos a respeito do divórcio?

Não há manifestação da igreja central sobre este assunto. Na prática, os ministros e as congregações encaram o problema de diferentes maneiras. Alguns acham que as perguntas feitas a Jesus pelos Fariseus, eram perguntas «enganosas», baseadas nas leis judaicas, e que as respostas de Jesus devem ser analisadas sob esta luz. Enquanto outros pensam que a resposta do Mestre indica claramente sua oposição ao casamento de pessoas divorciadas.

Muitos admitem novo casamento do cônjuge inocente em divórcio obtido sob a alegação de adultério. Ainda outros, provavelmente a grande maioria, pensam que o divórcio tornou-se uma função legal do Estado, e não hesitam em casar novamente qualquer pessoa para quem o poder civil concede o direito de recasamento.

Que acham os Discípulos do Controle da Natalidade?

Existe um velho princípio difundido no meio dos Discípulos que diz que onde as Escrituras falam, nós também falamos; onde elas silenciam, devemos silenciar. Entretanto, não se pode duvidar que a maioria dos pastores Discípulos acham que, em certas circunstâncias o controle da natalidade é justificável.

Prova isto o fato de que nenhum ministro Discípulo pode ser silenciado, quer pelos companheiros, quer pelas próprias congregações. Ninguém pode censurá-los por suas ações individuais. De uma maneira geral, os Discípulos deixam assuntos tais como o controle de natalidade a cargo da consciência individual do marido e da mulher.

Como se realizam as cerimônias religiosas?

As cerimônias religiosas dos Discípulos são levadas a efeito nos domingos pela manhã. Com ou sem procissões, com a participação ou não de órgãos, as cerimônias têm início com os hinos. Seguem-se as leituras sacras, recitações da Oração ao Senhor, leitura das Escrituras, oração pastoral, um ou dois cânticos de alegria, sermão, incitação ao companheirismo, colheita de presentes e oferendas, cerimônias da Comunhão, bênção e hino final.

Algumas vezes, a Comunhão precede ao sermão. Numa ou noutra ocasião, o sermão pode ser suprimido, mas a Comunhão nunca. Muitos Discípulos atribuem a conquista de novos membros à prática semanal e ao hábito de darem a mão direita a todos aqueles que desejam se juntar à congregação.

(Continua na página 58)

CORRETORES (AS)

Predial Cruzeiro do Sul S.A. para lançamento do sensacional Plano Novidade, convida os snrs. e sras. que tenham vendido loteamentos, para venda externa, sem horário, de formidável mercadoria imobiliária, que virá revolucionar o mercado de imóveis.

Tratar diariamente das 9 às 18 horas, em sua sede, à Rua da Assembléia, 36 — 11º andar

N.B. — Não se trata de loteamento, nem capitalização.

NARIZ PERFEITO FÁCIL DE CONSEGUIR



O retificador francês (invenção patenteada) transforma em pouco tempo e de modo definitivo sem dor qualquer nariz defetuoso; emprega-se somente durante a noite. Informações gratuitas. Pedi-las por via aérea a DIFFUSION SCIENTIFIQUE N.º 12, ANNE-MASSE (Haute-Savoie), FRANÇA.

REVISTA
DA
SEMANA
7 CRUZEIROS
EM
TODO O BRASIL

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO



TUDO SOBRE ESPORTE
AS QUARTAS-FEIRAS
CR\$ 5,00

CORREIO DA REVISTA

Recebemos a seguinte carta e anotamos a sugestão:

♦ Curitiba, 18 de setembro de 1956

Distinto patricio,

Li, num dos últimos números de «Revista da Semana», uma reportagem intitulada «O pai da aviação não se matou», na qual é posta em dúvida a possibilidade da **autoquira** de Santos Dumont, aduzindo argumentos vários em favor dessa tese, todos respeitáveis, embora discutíveis. Mas, este um dos lados bons dos homens cultos: poderem discordar sem que, por isso, se venham a desconsiderar.

Explico o porquê de minha intervenção, no caso. Professor, universitário, no Paraná, sou um velho estudioso do auticídio tendo mesmo um livro — «O suicídio, em face da Psicopatologia, da Literatura, da Filosofia e do Direito» (Livraria da Revista Forense — Rio) — no qual procuro estudar, a fundo, o assunto. Verifica-se, assim, através do mesmo, que todo suicida é anormal psíquico; anormal, ou temporariamente anormalizado. Mesmo naqueles casos em que se mata com lucidez (lucidez, aqui, no sentido estritamente psiquiátrico), não se pode falar que se achasse **compos mentis**, no seu juízo perfeito. A existência de documentos, escritos perto do instante auticida, que aparentem segurança, firmeza de ânimo ou mesmo aparente equilíbrio mental não basta, por si só, a infirmar a tese. Não podemos, nos estreitos limites desta, recordar toda a imensa casuística médico-legal a respeito, através da qual vemos que análise mais aprofundada de documentos assim **perfeitos**, acaba por demonstrar que seu autor não se achava tão eufórico assim.

Mas — note-se — não vai nisso a afirmativa de que Santos Dumont fôsse um louco, na expressão vulgar da palavra. Preferiríamos antes dizer que, combatido pela enfermidade, trabalhado por toda uma vida de lutas e canseiras, cansado, estenuado, no último estágio da exaustão, teve, na Revolução Paulista, e no bombardeio a que assistiu, a derradeira gota d'água que fez entornar a taça. Diríamos que Santos Dumont foi vítima do que chamamos um **raptus** ansioso e que, não se podendo conter, matou-se. Não houve, nisso, um ato de covardia, nem, muito menos de valentia! Quem se auto-elimina não é corajoso, nem, muito menos, desertor da existência. E', sim, um doente — pelo menos no instante em que se imola — doente que é preciso compreender e do qual se deve ter compaixão. Não há condenar, em casos assim. Em horas dessas, de nada valem convicções filosóficas ou religiosas; quando a idéia suicida domina a mente e polariza toda a vida mental, impetuosa, avassaladora, soberana, não há o que a contenha: seria o mesmo que tentar domar o tufão.

Têm sido tantos — tantos! — os homens fortes que se matam! E sua vida foi, toda ela, um rosário de lutas, de entreveros contra as forças adversas do destino, uma sequência de batalhas de conquistas, de vitórias. Chega, porém, um dia, em que a fortaleza rui, como um castelo de cartas. Cobardia? Ter-se-ia tornado de repente, um túbio, aquele que se mostrou um titã a vida inteira? Difícil compreender. Caberiam lembradas, a esta altura, palavras do grande psicólogo Maurice de Fleury, o estudioso máximo da angústia humana, ao analisar o suicídio desses titãs que, inopinadamente, fogem da vida pela porta negra do desespero: «Analisai», diz Maurice de Fleury, «com cuidado, ao passado desses belos conquistadores; interrogai as testemunhas das suas vidas, e descobrireis que viram sua vitalidade soçobrar miseravelmente, por alguns dias, por alguns meses, numa fase depressiva. Venha o violento choque aniquilador da ruína; sua potência desfeita! u'a amante que os abandona; a deserção dos amigos; a solidão... — e eis a queda até o fundo do abismo, onde a angústia mortal os espera!» E, em verdade, quantos exemplos disso: nem um, nem dez, nem cem, nem mil, mas dezenas de milhares. Pena não os podermos analisar, a todos.

Paro por aqui, para não me tornar enfadonho. Apreciaria que, na mesma revista, se publicasse algo, à guisa de melhor esplanção do assunto. «Revista da Semana» (das melhores que temos, por seu equilíbrio e respeito às normas éticas do limpo e sadio jornalismo), deve fazê-lo. E' nossa sugestão.

Cria-me atento admirador **Napoleão L. Teixeira** — Rua Buenos Aires, 243 — Curitiba — Paraná.

DANDO AO SISTEMA FERROVIÁRIO BRASILEIRO UM SENTIDO DE UTILIDADE E BELEZA

COM a presença do Presidente da República foi inaugurado recentemente, pelo ministro da Viação, comandante Lúcio Meira, o Salão Ferroviário, que contou com a inscrição de 222 trabalhos.

Falando sobre o grande acontecimento, antes da entrega dos prêmios conferidos pelo júri, composto da sra. Niomar Moniz Sodré, srs. Cândido Portinari, Santa Rosa, Henrique Cavalcheiro e Wolfgang Pfeiffer, o ministro Lúcio Meira declarou: «O Salão Ferroviário, agora apresentado no Ministério da Viação e Obras Públicas, é uma oportunidade para que nossos artistas aproveitem, em seus trabalhos, um tema que está no fundo das recordações de todos nós: o trem de ferro. Os trilhos, a locomotiva, a estação, os sinais luminosos, o movimento de ida e vinda dos vagões tudo isto está ligado ao homem e à sua luta por uma vida melhor. A ferrovia não é apenas um conjunto de atividades técnicas e administrativas a exigir sempre soluções novas e planos de aperfeiçoamento. Ela é também um conjunto de formas e cores, a que a presença do homem dá um toque de beleza e um signo de utilidade. E é por isto que, nas pinturas, gravuras e desenhos que o Salão Ferroviário exhibe, pode ver-se, com nitidez, o outro lado da estrada de ferro, aquele que o homem sempre foi capaz de sentir em todos os utensílios e máquinas de que se tem servido: a beleza da coisa útil».

Estiveram presentes à sonelidade, entre outras autoridades e personalidades, o dr. Demerval Pimenta, diretor da Rede Mineira de Viação, poeta Antônio Olinto, diretor de Divulgação do Ministério de Viação, dr. Jair de Oliveira, diretor da Central do Brasil, Coronel Naldir Laranjeiras Batista, diretor da Leopoldina, o dr. Cleantho Leite, chefe de Gabinete do ministro Lúcio



O dr. Jair de Oliveira, diretor da Central do Brasil, entrega o prêmio da Central ao sr. Inimá J. de Paula, autor do quadro «Composição Azul». Neste flagrante vêem-se, da esquerda para a direita: ministro Lúcio Meira, Presidente Juscelino Kubitschek, dr. Demerval Pimenta, dr. Jair de Oliveira, poeta Antônio Olinto, sr. Inimá de Paula e Cel. Naldir Laranjeiras Batista.

Meira e o comandante Pavan, secretário do ministro da Viação. São os seguintes os prêmios conferidos pelo júri aos concorrentes inscritos e participantes do SALÃO: **Pintura**: — 1º prêmio: «Composição Azul», de Inimá; 2º prêmio: «Oficina de Engenho de Dentro», de Tiziana Bonazzola; **Gravura**: — prêmio: «Guarda Freio», de Poty; menções honrosas: Fayga Os-

trower, Vera Tormenta e Darel; **Desenho** — prêmio dividido entre «Estação», de Lêda S. Rodrigues e «Construção da Estação D. Pedro II», de Geza Heller.

A nota simpática do Salão foi dada pelo júri ao conceder menção honrosa ao auto-retrato de um ferroviário, único representante da classe a concorrer aos prêmios.



O ministro da Viação discursando ao ser inaugurada a Exposição Ferroviária. Cercando o orador, vêem-se o Presidente da República, o dr. Cleantho Leite, o dr. Jair de Oliveira, o comandante Pavan, altas autoridades, jornalistas e convidados.



O Presidente Juscelino Kubitschek, tendo ao lado o ministro Lúcio Meira, contempla o maravilhoso trabalho «Composição Azul», de autoria de Inimá J. de Paula, 1º prêmio da Exposição, oferecido pela E.F.C.B.

Ao chegar à porta do apartamento, ouviu o telefone retinir lá dentro. Desajeitada, abriu a bolsa e os embrulhos que trazia, pequenos uns, maiores outros, começaram-lhe a escapar pelos braços incapazes de retê-los. De alguns ainda conseguiu impedir a queda mas os menores, mais difíceis de sustentar, foram ao chão. Agachou-se para recolhê-los, com atenção, para que no esforço não lhe corresse o fio da meia.

Por esse tempo, o telefone que havia parado, recomeçou a tocar. Deveria ser engano, pensou ela, quem haveria de telefonar aquela hora? A criada que vinha para limpeza, saíra desde o almoço e agora quase hora do jantar, só poderia ser engano.

Abandonara há pouco a repartição onde trabalhava e não quisera marcar encontro com nenhuma colega naquela noite. Sentia-se fatigada, exausta e abençoava este estado de esgotamento físico que a impedia de pensar, desejar ou mesmo refletir. Queria estar só, de cabeça vazia, parada, ôca.

Já então de pé remexia a bolsa em busca da chave. Não conseguia descobri-la, no meio de tanta coisinha pequena lá dentro. Lápis, baton dourado, borracha, caixa de pó, tudo misturado naquela confusão. E o telefone insistindo lá dentro. Que importa que toque? Como vou poder entrar? Ainda se fôsse antigamente quando havia quem lhe falasse, teria pressa em encontrar a chave que teimava em sumir no meio dos outros objetos. Mas não agora que vivia só, sem ninguém para se lembrar dela. No entanto, há alguns anos atrás, fôra quase uma escrava do telefone. Sua vida dependia dele e permanecia magnetizada olhando-o, implorando que tocasse para poder ouvir a voz amada do outro lado do fio:

— Querida, és tu? Estive ocupado, mas vou já para aí.

Se soubesse com que ânsia, com que emoção esperava sempre o seu chamado... Mas tudo isto terminara e teve até ódio de não poder repetir as recordações que lhe chegavam tão nítidas.

Novamente a campainha parara de tocar. Eu logo vi, não podia ser para mim, pensou consigo. Neste momento sua mão conseguiu segurar a chave. Sentindo-se triunfante depois de tanta busca, empunhou-a como vencedora e colocou-a decididamente na fechadura, abrindo a porta. Levou até um susto quando outra vez o telefone tocou. Acendeu a luz, empurrou a porta com o pé e jogou os embrulhos no divã ao lado.

— Alô, falou com voz cansada.

— E's tu, querida?

— Tens o que fazer esta noite?

— Não, nada, respondeu com o coração batendo forte no peito, tão forte que sentia as pancadas ressoarem-lhe nos ouvidos.

— Queres te encontrar comigo?

Quis gritar-lhe que sim, mas respondeu simplesmente:

— Quero. Mas estás só? perguntou hesitante.

— Não te preocupes. Estou só e preciso ver-te, respondeu impaciente. Não posso desde já marcar a hora. Telefonarei mais tarde, jantaremos juntos e tudo será como antigamente. Espera, eu chamarei depois.

Desligou o telefone e Lia, ainda atônita, continuava com o fone no ouvido. Afinal, mais calma, colocou-o no gancho e em pé no meio da sala, olhou como sonâmbula para todos os lados. Mil vezes compusera em sua imaginação o que acabara de se passar. Mil vezes disse a si mesmo, que ele voltaria a procurá-la exatamente como se dera momentos antes. Sabia de cor as palavras que lhe diria. Mentalmente recompunha a cena e as frases meigas de amor, que por tanto tempo guardara em seu coração. Que ainda o amava e que sua vida não tinha significação sem que ele estivesse ao seu lado. Contaria como sofrera, o abandono em que ficara, as horas solitárias e angustiadas, os dias tristes, monótonos, sempre iguais uns aos outros sem a sua presença querida. O tempo que quedara ao lado do telefone, esperando, esperando sempre que ele a chamasse novamente. O apartamento silencioso as noites sem beijos, as manhãs sem ninguém a desejar-lhe bom dia...

Mas ao invés disso, ficara fria, solene, incapaz de mostrar seus sentimentos e as frases tantas vezes compostas lhe escaparam de súbito do pensamento. Não podia compreender o que se passava cada vez que o via. Sentia-se tolhida, impossibilitada de contar-lhe o que lhe ia na alma. Não era misteriosa, não, mas só de ouvir-lhe a voz, seu organismo negava-se a agir normalmente. O coração disparava a bater, a boca tornava-se seca e as mãos geladas. E perguntava a si mesma que poder teria Carlos para desnortear-la daquele modo.

Como então contar-lhe o que se passara nos longos anos de ausência? Nunca, tinha certeza, seria capaz de falar-lhe daquela visita ao médico desconhecido. Bem que se esquivara por muito tempo, na esperança de que tudo não passasse de simples susto. Mas os dias iam correndo e precisava certificar-se. Quando o médico, depois de exame minucioso, não lhe deixou mais dúvidas, voltou a casa presa de terrível incerteza. Deveria revelar-lhe a verdade ou ocultar-lhe tudo até que não houvesse outra solução senão ficar para sempre ao seu lado? Repugnava-lhe fazer



Renúncia

Conto de GUIDA HOPPE

Desenho de J. RAMOS

Não pôde responder de pronto. A garganta repentinamente recusou-se a emitir qualquer som e uma sensação de gelo tomou-lhe o corpo.

Do outro lado a voz de homem insistia, quente, meiga e envolvente:

— Lia, querida, sou eu. Não reconheces minha voz? Também há tanto tempo não é?

Um silêncio triste, prolongado, aflito...

— Tens razão em não queres mais falar comigo. Vou desligar.

Não, meu Deus, não é possível que se vá, sem poder dizer-lhe quanto o amei e ainda o amo apesar de tudo, de tudo. Num esforço tremendo, só conseguiu murmurar, quase num balbúcio:

— Carlos...

— Tu respondeste afinal. Sabes, por minuto, pensei que não quisesses falar. Afinal tens toda a razão.

— Não falemos nisto, por favor.

— Tu sempre boa, compreensiva e misteriosa...

E mudando bruscamente de assunto:

isto, pois sabia que não poderia prendê-lo contra a vontade. Várias vezes, ele dissera:

— Não penses que um filho viria resolver a nossa situação. Não te iludas, se tiver que te deixar, irei da mesma maneira.

Lia não estava enganada. Mas era preciso decidir e não se sentia com coragem. Obstinação não cessava de esperar que a criancinha aninhada em suas entranhas fôsse o elo que os uniria para sempre.

Mas Carlos transformava-se. Ficava horas absorto, sem pronunciar palavra, pensativo, solitário. Lia apreensiva, brincou sorrindo:

— Carlos, até parece apaixonado!

A simples frase, uma onda de mau humor tomou vulto.

— Afinal eu sou livre, não sou? Quando tivermos de romper nada há de impedir, bem sabes disto.

Talvez agora pudesse dizer-lhe que seu filho vive em mim, pensou ela, talvez agora seja o momento. Mas a intuição feminina advertia-lhe que nem agora, nem nunca deveria falar.



Um dia êle se fôra. Não houvera cenas, nem frases, nem nada, simplesmente se fôra. Lia teve ódio da criança que sentia agitar-se dentro dela. Tôla fôra em deixá-la viver.

Ao saber, por acaso, do casamento de Carlos, decidiu vê-lo pela última vez. Assim mesmo disforme e pesada esperou para vê-lo passar. Só tinha olhos para fitá-lo, a fim de guardar para sempre sua imagem querida. Se lhe perguntassem como era a espôsa, não saberia responder. Ele sim, sorria aquêle sorriso que lhe iluminava os olhos, dando-lhe à fisionomia uma beleza estranha. Nem a viu e ela pôde contemplá-lo perdidamente.

Dáí por diante acompanhou-lhe os passos pelos jornais, o único meio de saber-lhe a vida. Tornara-se importante e seus retratos vinham com as notícias. Pacientemente recortava os artigos e aos poucos reconstituía e acompanhava-lhe a carreira. E a esperança teimosa, pertinaz, afirmava-lhe que um dia êle havia de voltar.

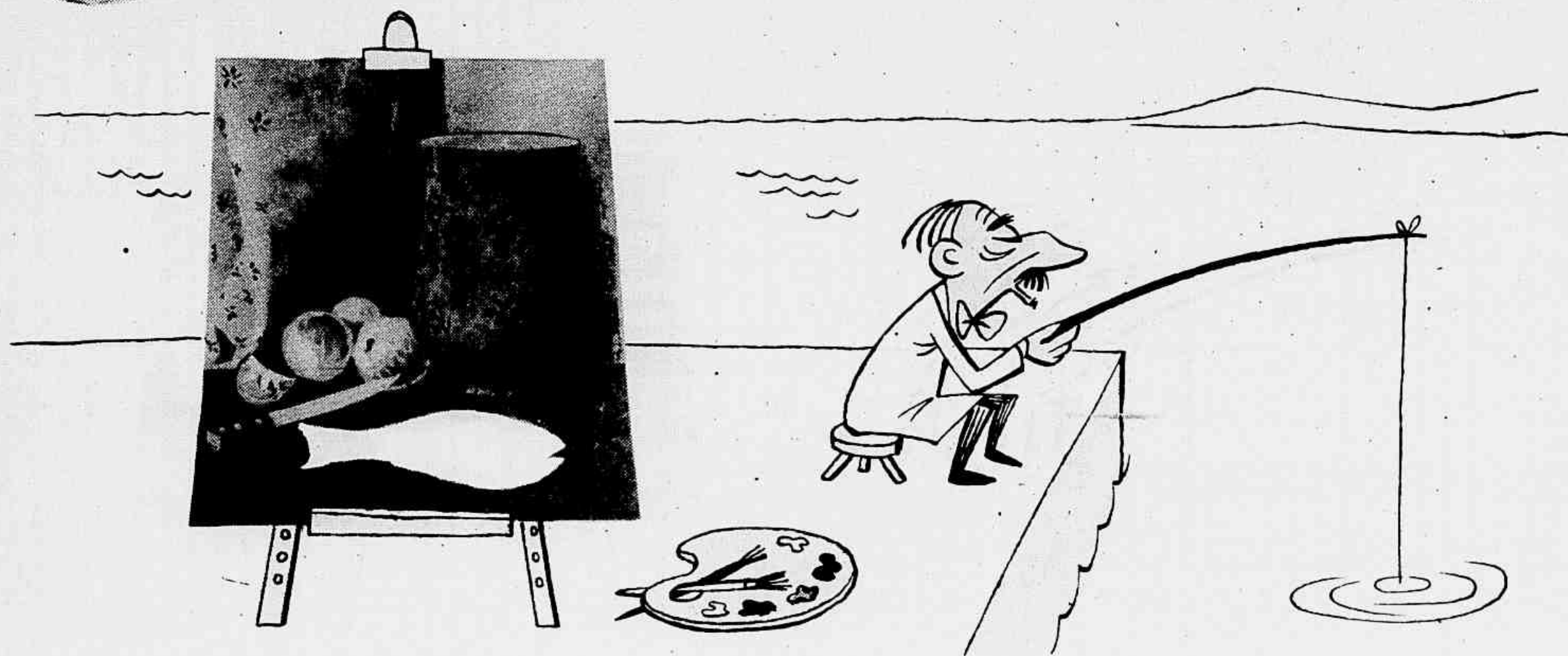
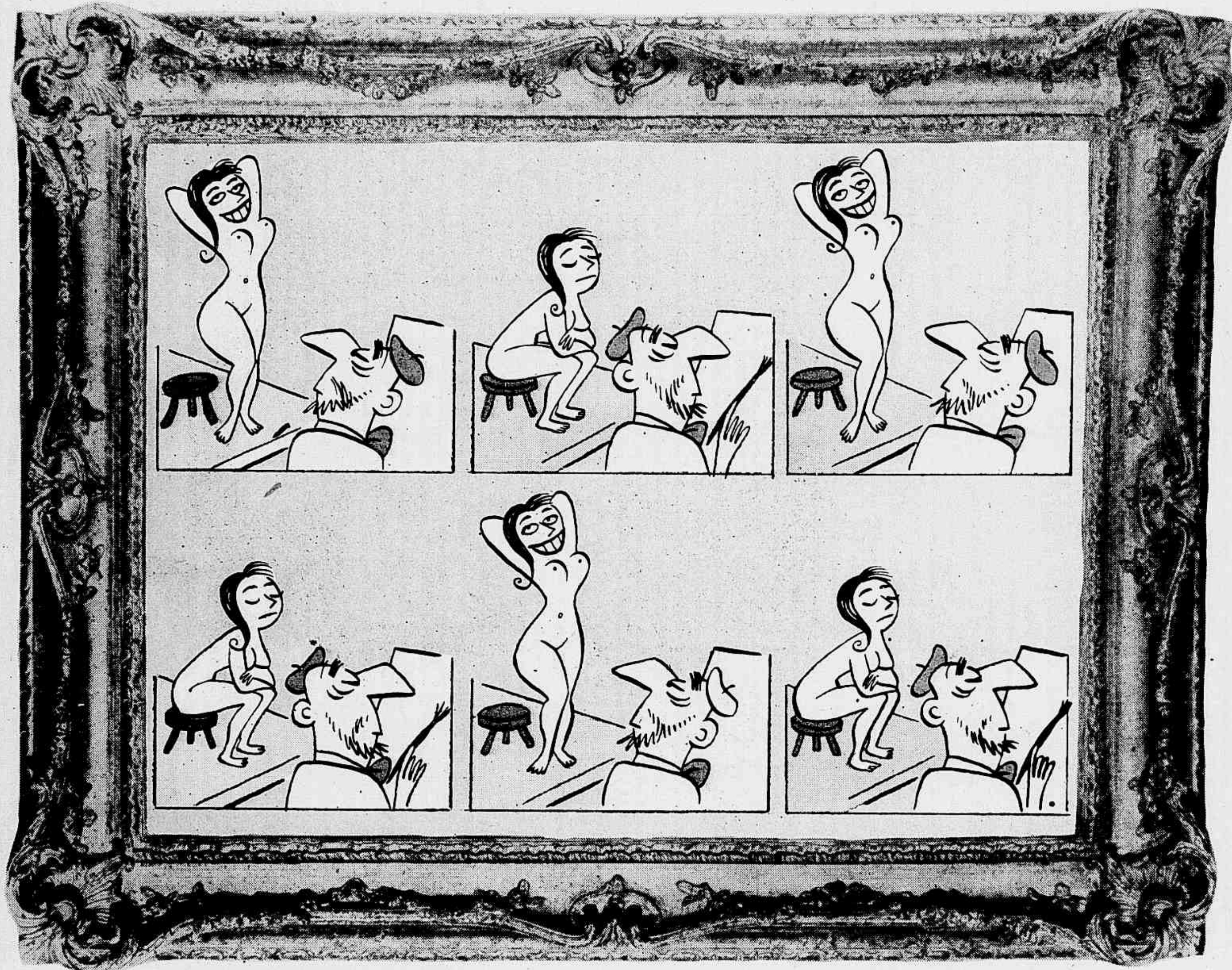
Nasceu a criança. Lia abandonada, sofreu, sôzinha. No apartamento

pequeno, o novo ser começou a dominar. Chorava exigindo cuidados, que ela de mau humor atendia. Mal olhava. Havia um sentimento de mágoa contra o pequenito, e inconscientemente culpava-o do rompimento. Naquela tarde ao voltar do trabalho como se sentisse muito cansada, deixou-se estar ao seu lado enquanto dormia. Ela própria estava tão esgotada que cerrou os olhos por uns minutos. Ao abri-los teve um sobressalto. A criança acordara e fixava-a como se tentasse adivinhar-lhe os pensamentos. As mãozinhas rochinchudas agitavam-se em movimento descontrolados, fechando e abrindo os dedinhos rosados e macios, tentando tocar-lhe o rosto. Lia queria desprender os olhos da criança, mas impossível! Era como se a visse pela primeira vez na vida. Súbito as feições do pequenino transformaram-se. O narizinho franziu e arrebitou, as faces salientes tornaram pequenos os olhinhos e a boca se abriu num sorriso desdentado. Lia sentiu uma sensação estranha. Irresistivelmente curvou-se sobre o berço e beijou o pequenito como louca.

(Continua na página 56)

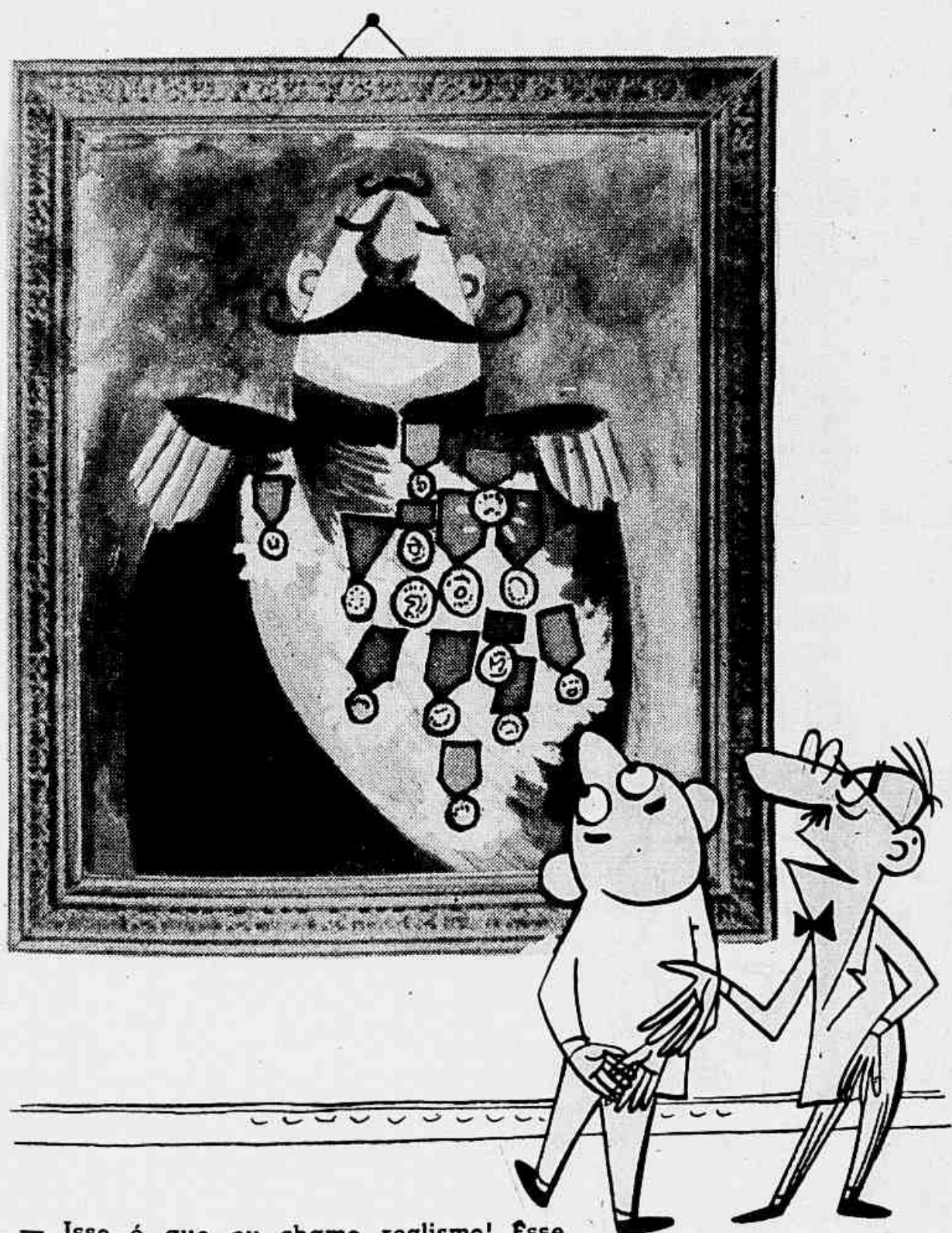
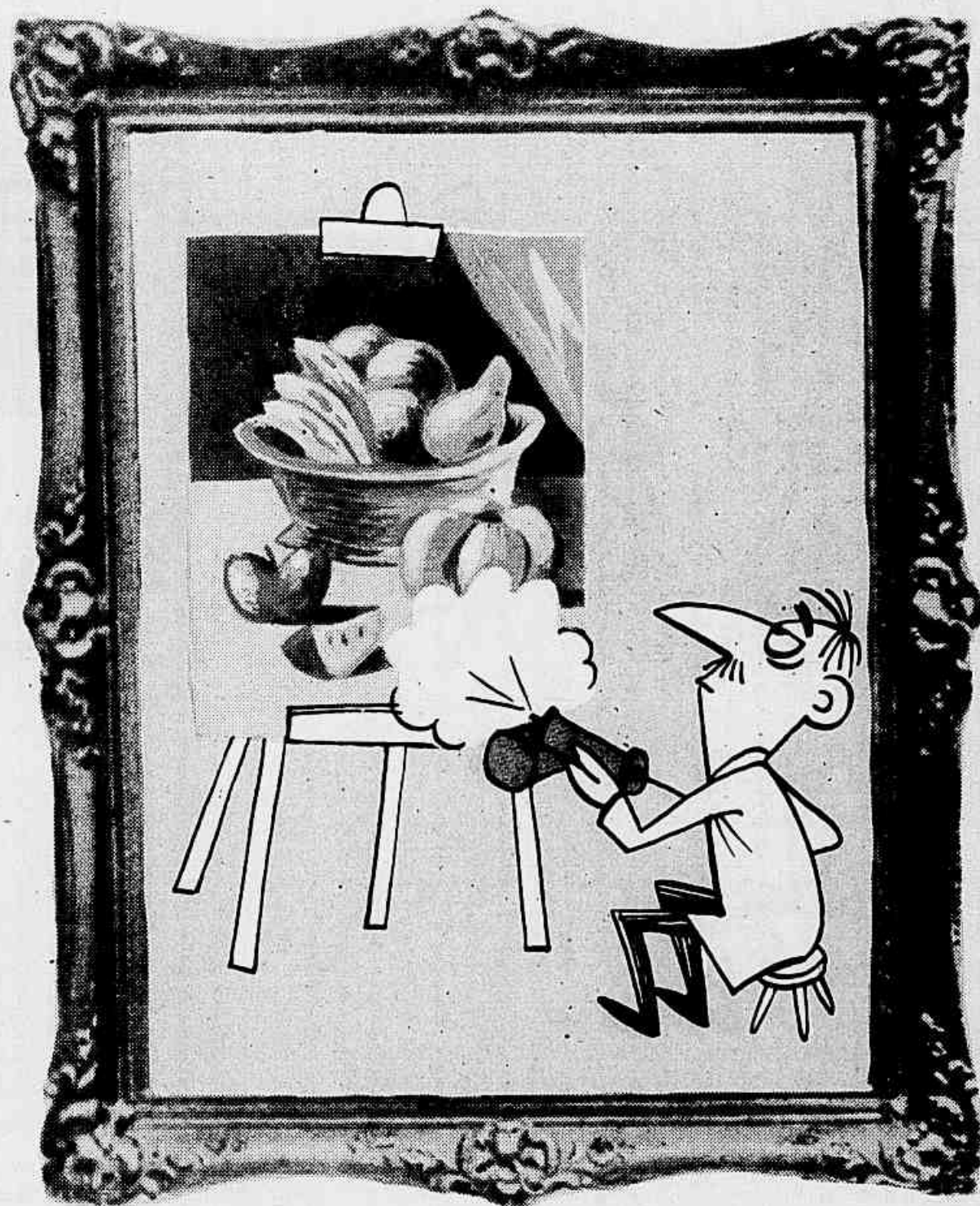
FORTUNA (só faltando falar) **APRESENTA**

CÓPIA DO NATURAL





— Magistral! Que efeito de luz! Que planejamento! Que composição!



— Isso é que eu chamo realismo! Esse quadro ganhou uma medalha, mas ninguém sabe qual.



— Claro, é muito mais difícil ser pintor fotoaráfico.



CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

PROMESSAS DE AMOR

Não acha ridículas as promessas de amor eterno, quando todos sabemos quanto são vãs e insustentáveis? (Estudantes — Rio).

Essa noção da impossibilidade de serem cumpridas as promessas de «amor eterno» deriva de um conceito do filósofo Nietzsche, que afirma textualmente:

«Quem promete a alguém sempre amá-lo, sempre odiá-lo ou sempre ser-lhe fiel, compromete-se a algo que está fora de seu poder; pode, porém, prometer atos que normalmente são os efeitos do amor, do ódio da fidelidade, mas que, também, podem ser derivados de outros motivos: já que são muitos os caminhos que conduzem a uma ação. Portanto, a promessa de amar sempre significa: — «enquanto eu te amar, meus atos serão de amor; quando eu

deixar de te amar, tu continuarás a receber de mim os mesmos atos de amor, ainda que derivados de outros motivos: diante dos outros o nosso amor será aparentemente imutável; sempre igual».

Assim falou Nietzsche e revela nessa sua observação um dos aspectos fundamentais de sua filosofia: a procura no âmago da vida e da consciência humana de uma realidade prosaica que a sublimidade das palavras encobre. Para ele, a expressão «eu te amarei sempre» é apenas lirismo, já que os sentimentos são incontroláveis, autônomos. O único compromisso possível seria o de proceder sempre como se o amor continuasse, substituindo a espontaneidade perdida pela correta observância de uma rotina de vida em comum.

Ora, Nietzsche não deu importância a um fato: ainda que a expressão pareça paradoxal, o lirismo, as ilusões, a crença na eternidade dos sentimentos fazem parte da existência, da rea-

lidade humana. Se se retira do amor todo caráter absoluto, todo lirismo, toda espiritualidade, o amor se transforma em atração física e a vida em comum num acôrdo econômico. Tudo extremamente precário já que nada há mais mutável nesse mundo que situação econômica e mais possível de decadência física que o corpo humano.

As promessas de amor incondicionais e categóricas elevam-no a uma esfera absoluta que é a bela ilusão em que vivem os seres que se amam, desde aos mais célebres na história e na literatura, até aos humildes e desconhecidos, que nem por isso têm um amor menos belo.

Quer queira ou não Nietzsche, quer esclareça-se ou não a humanidade sobre a impossibilidade de sentimentos eternos, as promessas de «amar sempre», «odiar sempre» e «ser sempre fiel» serão trocadas nos momentos de paixão e passarão a ser a norma de toda uma vida a sua própria realidade.



Programa de verão: cuidar dos pés

◆ Quando chega o calor, e com ele o uso de sandálias abertas, os pés ficam mais a vontade, os dedos sentem-se livres dos apertos dos sapatos fechados. É a melhor época para se cuidar dos pés, que merecem toda atenção de sua parte. São os responsáveis pela sua aparência, seu andar, e até a expressão de seu rosto e seu entusiasmo pelas boas coisas desse mundo. Antes de mais nada, esfregue-os com uma escova todos os dias no banho. Estimula a circulação e amacia a pele. Depois do banho enxugue-os bem, para evitar rachaduras entre os dedos. Polvilhe-os com talco antisséptico ou esfregue-os com o mesmo creme que usa para as mãos. Quando sair com sandálias abertas lave-os com sabão antisséptico ao chegar em casa. Se, mesmo assim, apanhar uma dessas infecções tão comuns em que frequenta praias e piscinas, use um pó fungicida ou um desinfetante. É sempre bom consultar um médico nesses casos.

◆ Se transpira muito nos pés use um desodorizante e um talco que evite a transpiração. Espalhe o talco também nos sapatos. Quando usar sapatos fechados sem meias proteja os pés com sapatilhas de malha, que conservam também os sapatos evitando que o suor os danifique. Todos os dias passe pedra pome sobre as calosidades. A melhor hora para isso é durante o banho. Calcanhares ásperos amaciam-se com massagens, feitas com um bom creme. Os calos se combatem com remédios apropriados e... pedra pomes.

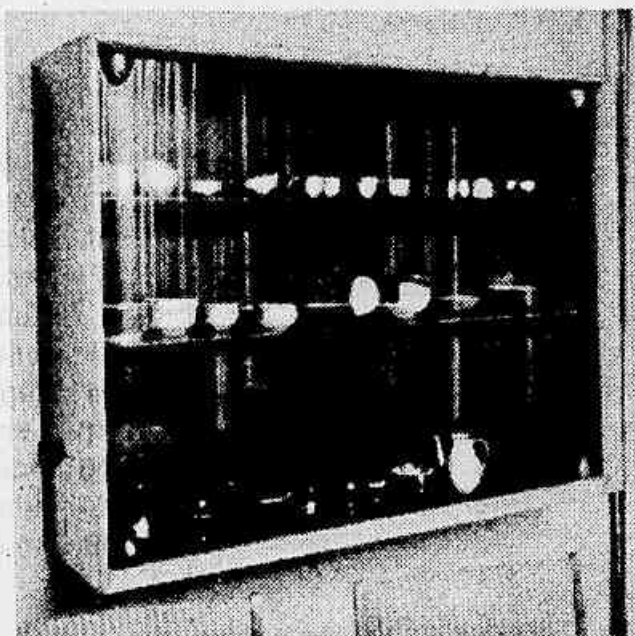
◆ Finalmente, cuide das unhas: corte-as regularmente, não demais, porém, para que não encravem ao crescer de novo. Lixe-as com lixa de esmeril e nunca com lima de metal. Evitará que se rachem. Pinte as unhas como as das mãos, com o mesmo cuidado: retire a cutícula com removedor, lixe as unhas, passe base e esmalte. Quando terminar o verão você estará tão acostumada a tratar de seus pés que não se descuidará no próximo inverno, mesmo voltando ao uso dos sapatos fechados. Seus pés lhe retribuirão ajudando-a a viver com maior prazer e aumentando os anos de sua mocidade. (Na foto: Donna Reed — Paramount).

PARA O LAR

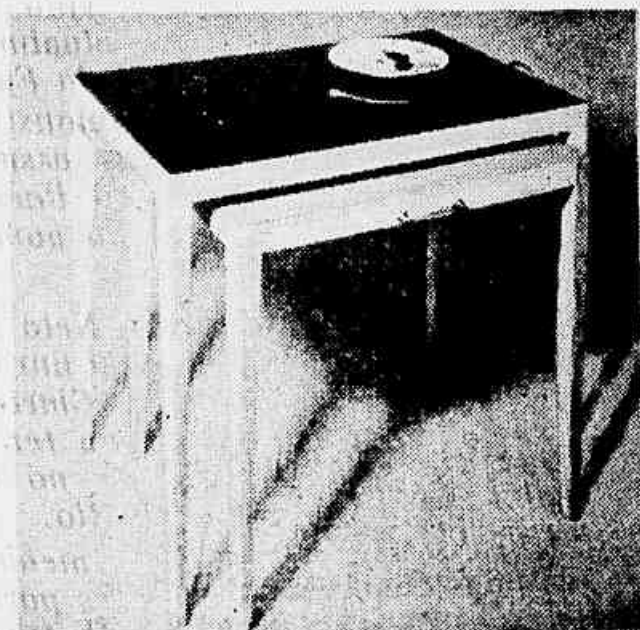
Existem criações verdadeiramente geniais em questão de móveis modernos: alguns pela sua funcionalidade, outros pela engenhosidade de seu inventor, outros pelas suas linhas elegantes.



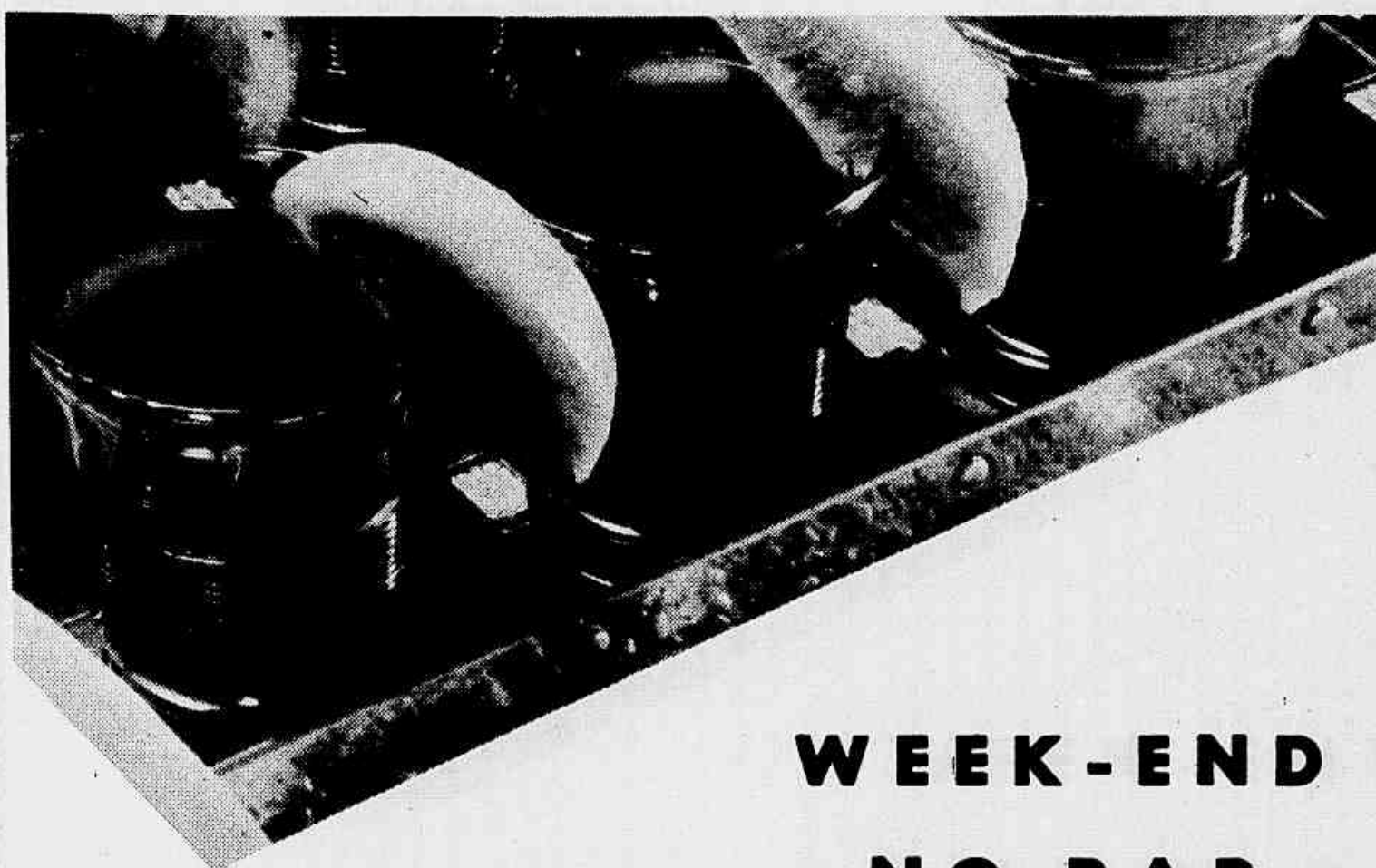
★ Esta bandeja-mesa é bonita e prática. Em pau marfim e jacarandá, numa linda combinação, enfeitará qualquer centro ou canto de sala. Muito leve, é facilmente transportável para onde se fizer mais necessária.



★ Quem não tem espaço para cristaleira e gosta de expor louças, cristais e pratarias, pode mandar fazer uma estante-vitrina como esta, suspensa em algum ponto da parede.



★ Um par de mesas engavetadas, ambas com alças, que facilitam o transporte para um lado e outro. Ocupam o espaço de uma só. Tampo em fórmica, preta e marfim.



WEEK-END NO BAR

◆ Publicamos há pouco tempo uma série de receitas escolhidas de coquetéis e a propósito alguns leitores desta coluna pedem-me indicações para a organização de um «bar» com o imprescindível em bebidas e aparelhamento, para a preparação de bons coquetéis. Há muita gente que tem uma porção de bebidas em casa, compradas sem método, e na hora de preparar uma batida ou um coquetel verificam faltar isso e aquilo. Um verdadeiro bar não se improvisa, mas se organiza.

Vejamos primeiro AS BEBIDAS NECESSÁRIAS:

- dois tipos de vermute, um seco e outro doce;
- gin, uísque, aguardente, conhaque, sherry;
- dois tipos de licores de frutas, licor de menta, de cacau;
- uma garrafa de granadina kúmel, marasquino, bitter (Angostura).

Para começar, chega. Há coquetéis de champanha também, e outros com vinho do Porto e com muito mais ingredientes. Mas a lista acima é para princípio de conversa.

Entre OS «INSTRUMENTOS» de um bar, são imprescindíveis:

- o shaker (ou coqueteleira) agitador de metal que tem a forma parecida com uma garrafa térmica das antigas, e que serve para misturar as bebidas.
- uma colherinha perfurada, um expremedor de limão, uma pinça para gelo, uma «medida» (muito importante até você se habituar com as «doses». Um coquetel mal dosado é um desastre).

Agora, alguns CONSELHOS ÚTEIS de ordem geral:

- o cálice em que servir o coquetel deve ser esfriado previamente, colocando-se dentro gelo picado;
- o shaker deve ser agitado enérgicamente, mas por poucos segundos, para impedir que o gelo torne a bebida muito deluída;
- se a bebida é misturada num copo, faça-o com uma colher e sempre no mesmo sentido;
- a fatia de limão que se põe em certas bebidas deve ser muito delgada;
- o «seltz» é acrescentado por último, rapidamente e sem misturar muito, para que o gás não vá todo embora;
- prepare de uma vez no shaker exatamente o número de doses desejadas e nunca em excesso;
- no shaker põe gelo picado (é o último ingrediente que se põe antes de agitar-lo); quando pôsto nos copos o gelo é em cubos;
- quando a receita indicar suco de limão este é acrescentado por último, depois, mesmo, do gelo;

... e com estes esclarecimentos você estará perfeitamente capacitado a preparar qualquer uma das receitas publicadas em número anterior, ou outras que conheça.



Grand Monde internacional



KIRK DOUGLAS — «Lust for life» e um Oscar em vista.

★ Há algumas semanas atrás anunciei aqui nesta coluna que o jovem lord Ivor Churchill, estava gravemente enfermo. Agora, ao iniciar esta coluna, acabo de ser informado de que o jovem lord faleceu há bem poucos dias em Londres. ★ Vocês sabiam que o conhecido Duque de Kent, primo da rainha Elizabeth, é chamado pelos íntimos de Eddy? ★ Peggy Connelly, que é o atual «date» de Frank Sinatra, tem sido vista em companhia do diplomata Lou Stoecklin. Será que Sinatra vai ser jogado na Prateleira? ★ Em Hollywood, comenta-se que Kirk Douglas será forte candidato a um Oscar por sua atuação em «Lust For Life». ★ A Paramount acaba de contratar a «beaut» atriz Jeanne Crain, para ser a estrêla principal da película «The Joker is Wild». Jeanne, terá como companheiro o fabuloso Frank Sinatra. ★ A notícia sobre a não possível realização do casamento do nobre português, Duque de Cadaval, com Genevieve Fath, foi dada de «preview» por este colunista. O motivo, como já informei para vocês, é em virtude de a nobreza portuguesa não permitir divórcios. ★ Ao que tudo indica a senhora Irene Guinle deverá brevemente casar-se com o costureiro parisiense Jean Dessés. Esse romance teve início há alguns meses atrás em Paris, onde a senhora Irene Guinle reside atualmente. ★ Logo que Elizabeth Taylor, atual senhora Michael Todd, se divorciou de Michael Wilding, as colunas de «gossips» de Nova York noticiaram que o motivo do divórcio foi Montgomery Clift. Agora, essa notícia está sendo desmentida, pois nunca existiu nenhum romance entre Liz e Montgomery. ★ Parece que o romance de Ali Khan com Betina caminha novamente para ficar «gélido». O irrequieto príncipe tem um novo «date». E Betina, vai figurar na Prateleira?

cia sobre a não possível realização do casamento do nobre português, Duque de Cadaval, com Genevieve Fath, foi dada de «preview» por este colunista. O motivo, como já informei para vocês, é em virtude de a nobreza portuguesa não permitir divórcios. ★ Ao que tudo indica a senhora Irene Guinle deverá brevemente casar-se com o costureiro parisiense Jean Dessés. Esse romance teve início há alguns meses atrás em Paris, onde a senhora Irene Guinle reside atualmente. ★ Logo que Elizabeth Taylor, atual senhora Michael Todd, se divorciou de Michael Wilding, as colunas de «gossips» de Nova York noticiaram que o motivo do divórcio foi Montgomery Clift. Agora, essa notícia está sendo desmentida, pois nunca existiu nenhum romance entre Liz e Montgomery. ★ Parece que o romance de Ali Khan com Betina caminha novamente para ficar «gélido». O irrequieto príncipe tem um novo «date». E Betina, vai figurar na Prateleira?

CONCERTO BRASILEIRO DE JAZZ

SERÁ NA "SOIRÉE-SNOB" DO PRÓXIMO DIA 22 NO "GOLDEN" DO COPA, DE "BLACK-TIE", E TODO DEVIDAMENTE ORGANIZADO PELO SENHOR JORGE GUINLE.

Gossips



MARIA EUDOXIA Gualberto decolou para a Bahia.

★ A grega srta. Clio Politis, iniciou, ao que tudo indica, um romance com o sr. João Barbara. Clio, que estava afastada do mapa social voltou agora à pista mais bonita e mais atraente. ★ Plínio de Carvalho continua tendo em Maria Alice Cesarino seu «date» preferido. Fala-se num futuro noivado. ★ Conforme minhas previsões, o romance entre João Batista Amaral Filho com a «glamourosa» Ilde Garavaglia, vai mesmo terminar o noivado, para muito breve subir com decisão ao altar. ★ A jovem morena Sônia Walter, não esconde sua admiração por um jovem diplomata. Eles se conheceram a poucos meses em Nova York, e atualmente ambos se encontram no Rio onde são vistos saindo juntos com uma frequência recorde. ★ O sr. Henrique Tamm, com a «beaut» Léa Gomes, formavam numa recente noite de gala no Copa, o por mais romântico. Como vocês sabem Henrique e Léa, ficaram noivos no começo do ano depois acabaram, e agora resolveram reatar. Casamento à vista. ★ O jovem milionário André Spitzman Jordan, que atualmente tem sido visto em companhia da jovem baronezinha Irene Von Delingshausen. Continua cortejando gregas e troianas. O jovem Spitzman Jordan, é uma das figuras de maior classe do «high-society» carioca. ★ Albino Avelar e Maria Laura Duarte, que foram um par realmente «suspense», já marcaram noivado para dezembro próximo, atendendo a um conselho dado por este colunista. ★ A recém-eleita «Miss Elegante Bangu» Maria Sônia Araújo, disse-me outro dia pelo telefone, que estava sem «date». Isso é mesmo verdade Mary? ★ Ainda não consegui descobrir quem é o «date» do conhecido sr. Homero Lopes. Pois o Homero, que é sempre visto em todas as festas, ainda não surgiu com nenhum «date». Parece que o rapaz é muito discreto.

Pequenos Flashes

NO COUNTRY CLUB. Na noite de domingo no Country tivemos mais um jantar-dança ao ar livre, que esteve devidamente povoado por um grupo da «nova-geração» do «high-society» carioca. A exemplo dos anteriores observei que tudo estava muito esportivo, pois o atual «saison» está fazendo um calor dos diabos. No Bar, o simpático Cláudio Silveira (um dos solteirões mais cobicados do Rio) tomava pousa numa mesa para jantar juntamente com o Sr. e Sra. Francisco Filgueira de Melo e com o jovem casal Carlos Eduardo de Lima Rocha, que comemoravam dois anos de casados. Circulando pelas mesas verifiquei que a «Beaut» senhora Liza Veiga, que estava toda de vermelho, e muito elegante; a conhecida e já comentada mesa das «Celebidades» está ficando «Gélido» devido figuras anônimas estarem agora nela pousando sem autorização desse Colunista. Bob Lacerda, onde está sua força? O Country, que é o Club mais «high-society» do Brasil está fazendo um sucesso realmente «Suspense» nesses domingueiros jantares-danças.

★ O senador Sá Tinoco e o Sr. Renato Bandeira jantavam em um grupo no Bife



HENRIQUE TAMM com seu «date» Léa Gomes. Casamento em vista.

de Ouro. O Renato dentro de breves dias vai «decolar» para o México, onde funcionará como Chefe do Escritório-Comercial do Brasil.

★ O Sr. Sebastião Paes de Almeida, Presidente do Banco do Brasil, vem atualmente ocupando como interino a pasta da Fazenda, onde tem perfeitamente demonstrado que é profundo conhecedor dos assuntos econômicos do país. Meu amigo Paes de Almeida é a maior descoberta do governo do Presidente Kubitschek.

★ Em São Paulo, o Brigadeiro Neto Reis ofereceu na terça-feira que passou um corrido «cocktail» no Hotel Claridge. Merci pelo convite. Lamento não ter podido comparecer em virtude de no momento não poder me afastar do Rio.

★ O restaurante Bistro com seu menu internacional, é um dos bons lugares para se jantar no Rio. Na frente, o Scotch funcionando sempre cheio.

★ P. S. O Jornalista Dirceu Ezequiel de «O MUNDO», está escolhendo as «DEZ PERSONALIDADES DO ANO», e ainda no deste mês Dirceu vai homenagear com um banquete no Hotel Glória, as referidas personalidades.



Sônia Carneiro passa sua última noite de reinado como «Miss Elegante Bangu». Soninha na foto conversa com Jeff Thomas.



Ilde Garavaglia com seu «date» João Batista Amaral Filho, formavam o jovem par mais «suspense» do «high-society».

Mary é a nova "suspense" Miss Elegante Bangu.

♦ FOI NA RECENTE «soirée-snob», de sábado, que a jovem Maria Sônia (Mary) Soares de Araújo, que representava o Fluminense, conquistou o cobiçado título de MISS ELEGANTE BANGU de 1956. Coisa que aliás não foi nenhuma surpresa para este colunista pois seu tipo raro de elegância e beleza justificam plenamente sua escolha diante de suas concorrentes. Essa noite que culminou o final de um concurso de elegância brasileira hoje já mundialmente conhecido, teve seu início às 21 horas com um «cocktail» que a direção da Bangu ofereceu ao «high-society» carioca e paulista, como preliminar dessa grande parada de elegância do ano. Tudo como vocês sabem aconteceu nos senhoriais salões do Copacabana Palace, dirigido pelo sr. Ribeiro Martins. Como eu já havia previsto, as senhoritas Maria Sônia Soares de Araújo, Zaida Saldanha e Glòrinha Drumond eram as três candidatas de maiores possibilidades para abiscoitar o título. E tudo aconteceu assim, quando elas apareceram na passarela deixaram o público presente e júri num verdadeiro «suspense», e receberam logo toneladas de aplausos. Cinquenta e quatro «elegantes-bangu» estiveram no «vai-e-vem» da passarela por mais de três horas, sendo logo em seguida feita a votação, onde o sr. Herbert Moses, presidente do júri foi ao microfone para pronunciar o veredicto final, sob uma grande expectativa do público presente. O júri agiu acertadamente, apenas se não me engano a candidata Zaida Saldanha obteve maior votação do que sua concorrente Glòrinha Drumond. Essa «soirée-snob», sem dúvida uma das maiores paradas de elegância já realizadas no Copacabana Palace, foi em benefício da Pequena Cruzada

Assim Mary foi escolhida a nova MISS ELEGANTE BANGU



Harry Stone, um dos componentes do júri, conversa com a bonita e loura senhora Peggy Sales, momentos antes do decisão final.



O elegante sr. Cláudio Silveira tem ao seu lado a elegante sra. Corina Camargo de Almeida, que já foi «Miss Elegante Bangu».



Sob as vistas do colunista Jeff Thomas o prefeito Negrão de Lima coloca a faixa de «Miss Elegante Bangu» de 1956, em Maria Sônia de Araújo.

Ha quasi UM SECULO
MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFEREM ESTE
CALÇADO



Calçado SOUTO
UMA TRADIÇÃO DE ELEGÂNCIA E QUALIDADE



Processo patenteado. Êxito garantido. Aumenta vários centímetros de estatura. Dá **FÔRÇA e SAUDE** aos homens. **ELEGÂNCIA e BELEZA** às mulheres. Informações gratuitas. Pedí-las por via aérea a **INVENTIONS PRATIQUES N.º 12 ANNEMASSE (Haute-Savoie), FRANÇA**

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use **BÉL-HORMON n.º 1** e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use **BÉL-HORMON n.º 2**. **BÉL-HORMON**, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsão Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N.º

NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

RENÚNCIA

O corpo pendido agitava-se em soluços dolorosos, mas o coração abria-se para um novo amor. E a sua vida mudou. Com impaciência esperava a hora de deixar o escritório e voltar a casa. Repetia às vezes baixinho: — Meu filho, — como se esta frase fosse o talismã que lhe trouxera a felicidade.

A criança crescia devagarinho, dizendo frases incompreensíveis, sorrindo para o mundo feliz. Em suas divagações, Lia sonhava que um dia Carlos havia de conhecer seu filho. Era uma idéia insensata, por certo, mas não impossível.

Uma tarde, voltou mais cedo. A empregada achara a criança febril, desassocegada e temeu a responsabilidade. Foi tudo rápido. O médico chamado às pressas desvelou-se em cuidados, mas em vão.

QUE É UM DISCÍPULO...

Como são dirigidos os Discípulos? Em geral, as igrejas dos Discípulos são dirigidas por um pastor, um oficial superior, diáconos, diaconizas e representantes da Sociedade das Mulheres Cristãs. As mulheres desempenham um importante papel nas atividades religiosas.

Os oficiais velam pelo bem estar espiritual dos membros. Os diáconos providenciam os negócios eventuais. Enquanto a participação dos leigos se faz sentir de maneira cada vez mais crescente. Atualmente, cerca de 50 leigos prestam serviços religiosos com grandes pre-

Lia não chorou. O coração parecia ter-se transformado em pedra. Começou novamente a existência vazia e triste e agia qual autômata. A princípio tentou falar com Carlos em busca de consolo. Precisava tanto, ao menos, de ouvir a sua voz adorada... Inútil porém. Secretárias industriadas, mantinham-lhe a tranquilidade.

No entanto, agora ele voltara espontaneamente. Queria vê-la, como nos antigos tempos. Valeria a pena? perguntava a si própria. Conseguira criar em si um estado em que o sofrimento não mais a atingia. A volta de Carlos em sua vida significava outra vez, sofrimento e luta. Outra vez viver dominada por ele e querer estar sempre ao seu lado. Mas isto agora seria irrealizável. Teria de se contentar apenas com as poucas horas que

lhe pudesse dar. Seria um amor partilhado. Recomeçaria a espera atenta e fatigante, que ele a chamasse. Será que ele vem hoje, meu Deus? Terá chamado enquanto estive fora? Quando, quando irei vê-lo novamente?

Neste mesmo instante o telefone tocou. Lia chegou a levantar-se para responder, mas deteve-se em meio. A campanha chamava insistentemente. Ela olhava-o como fascinada sem se mexer, na boca um rito amargurado. Precisava decidir, agora ou nunca. Todo o seu mundo, toda a sua vida dependia dum simples gesto que não veio.

Desesperada, levou as mãos aos ouvidos para não mais ouvir e deixou que o telefone tocasse muito tempo, até que por fim emudeceu.

(Cont. da página 47)

juízos financeiros para eles próprios. A Sociedade das Mulheres Cristãs e a Sociedade dos Homens Cristãos estão cada qual, com cerca de 200.000 membros de excesso.

Todas as matérias de fundamental importância, devem em última análise, ser decididas pelas congregações reunidas em sessão. Os julgamentos por heresia são quase desconhecidos entre os Discípulos, mas expulsões de companheiros por conduta imoral ou escandalosamente anti-cristã, são assuntos da alçada da congregação. Não obstante, os Discípulos acreditam

que somente o Senhor tem poderes para expulsar qualquer pessoa da Igreja Universal.

Os Discípulos crêem que a sua religião é a única verdadeira?

De modo algum. Eles crêem, isto sim, que a sua religião está mais próxima das primitivas igrejas cristãs. Acreditam que a sua mais importante missão na vida é conduzir os cristãos de todas as religiões, unindo-os numa única Igreja de Cristo. Os Discípulos costumam dizer: «Nós não somos os únicos cristãos, mas somos unicamente cristãos».

CONCLUSÃO

(Cont. da página 15)

— Dois meses e uma semana.
— Que pena não o ter conhecido há mais tempo. Gosto de boa conversa, principalmente com homens indefesos.

Otávio admirou o espírito de humor da companheira, e deixou que os olhos ávidos escapassem no passeio preguiçoso pelo vestido amarelo. Margarida ampliou os seios numa gargalhada vibrante e sonora.

— Está batendo sol aqui, quer que o conduza para a sombra?

— Muito obrigado. Espero a enfermeira para levar-me de volta à enfermaria.

— Se me permitir, eu o ajudarei.
— Seria muito cansativo para a senhora.

— Absolutamente, assim aproveito para conhecer o caminho.

O heptágono admirou a sedutora companhia de Otávio ao invadir a

morbidez do 315-B. Otávio apresentou-a aos colegas, enquanto Edson ajudava-o a ancorar-se.

— Quando necessitar de companhia virei buscá-lo para passear. Quero levar boas recordações para onde for.

Uma expressão interrogativa ampliou os olhos dos hóspedes, que acompanharam a mancha amarela que se desfazia no retângulo da porta.

Diante de Otávio vaga inquietude tomou forma, apagou a lembrança piedosa de Rosa e foi-se adelgçando imprecisa, o amarelo-limão cromatizando-se no verde imperecível que envolvia o corpo de Madalena. As mãos fecharam-se sobre o encosto do carro de rodas, e o contacto morno ressuscitou as mãos convexas de Madalena, repondo o violino nos dedos ágeis do homem de negro.

(Cont. no próximo número)

(Cont. da página 37)

desta mulher, pergunte se a criança é sua filha.

Jimmy falou em sua língua nativa com a mulher, que respondeu mediante simples movimentos de cabeça.

— Diga-lhe que vá para o interior da barraca — falou Charles.

Jimmy permaneceu em silêncio durante alguns instantes. Depois olhou seguidamente para a mulher e para Sandy. Mas Sandy lhe disse que não mandasse nada.

— Diga-lhe também que eu tenho fome — continuou Charles, com voz insinuante.

(Cont. no próximo número)

A ÚLTIMA CAÇADA

— Talvez eu já tenha vivido o bastante — replicou Woodfoot. — Um revólver é uma atitude, filhinho. Um estado de espírito.

Interrompeu o seu trabalho e tomou um trago. Ofereceu um pouco a Sandy.

— Quantos animais a gente não mata só para tirar um pedaço de couro — continuou ele. — Milhares de quilos de carne perdidos por causa de alguns quilos de peles. Assim, é melhor que os lobos comam toda ela. Depois dos lobos virão os corvos e os vermes. E se ainda ficar alguma coisa, as formigas farão uma verdadeira festa.

Tudo isto por causa da espécie humana.

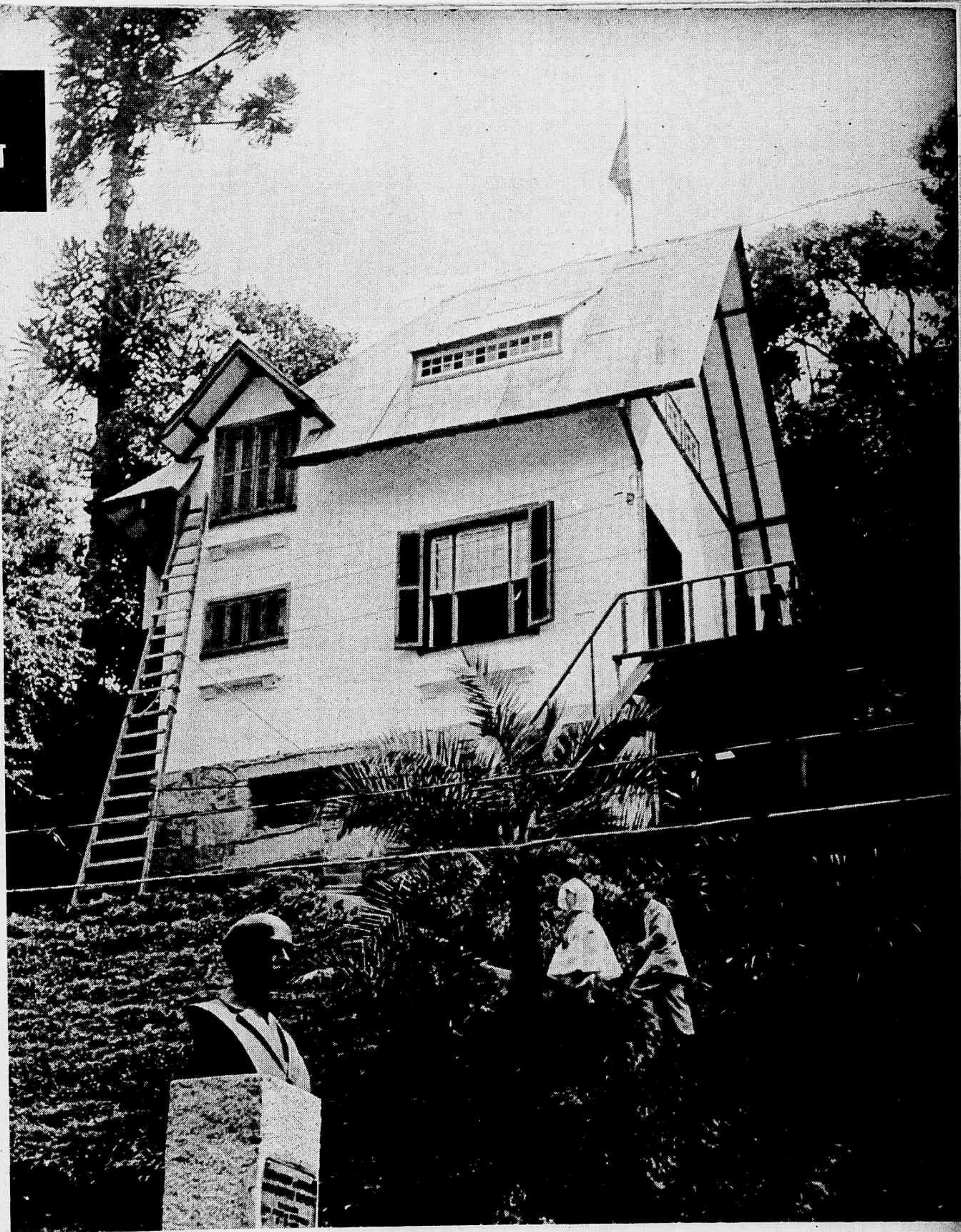
Ao cair da noite, voltaram ao acampamento. O rosto de Sandy contraiu-se quando viu a índia e a criança.

— Eu trouxe de volta as nossas mulas — disse Charles.

— E porque não matou-a também? — perguntou Sandy, em voz baixa, controlada.

— Não foi preciso. E depois, eu julguei que ela não estava com a criança. Mas talvez não seja filho dela. — Charles voltou-se para Jimmy. — Você que fala a língua

**NO ANO
SANTOS DUMONT**



NO CORAÇÃO de Petrópolis, numa suave elevação do solo, ergue-se um «chalet» normando — a «Encantada» — em que Santos Dumont passou a maior parte de seus momentos de repouso. A casa é hoje um museu.

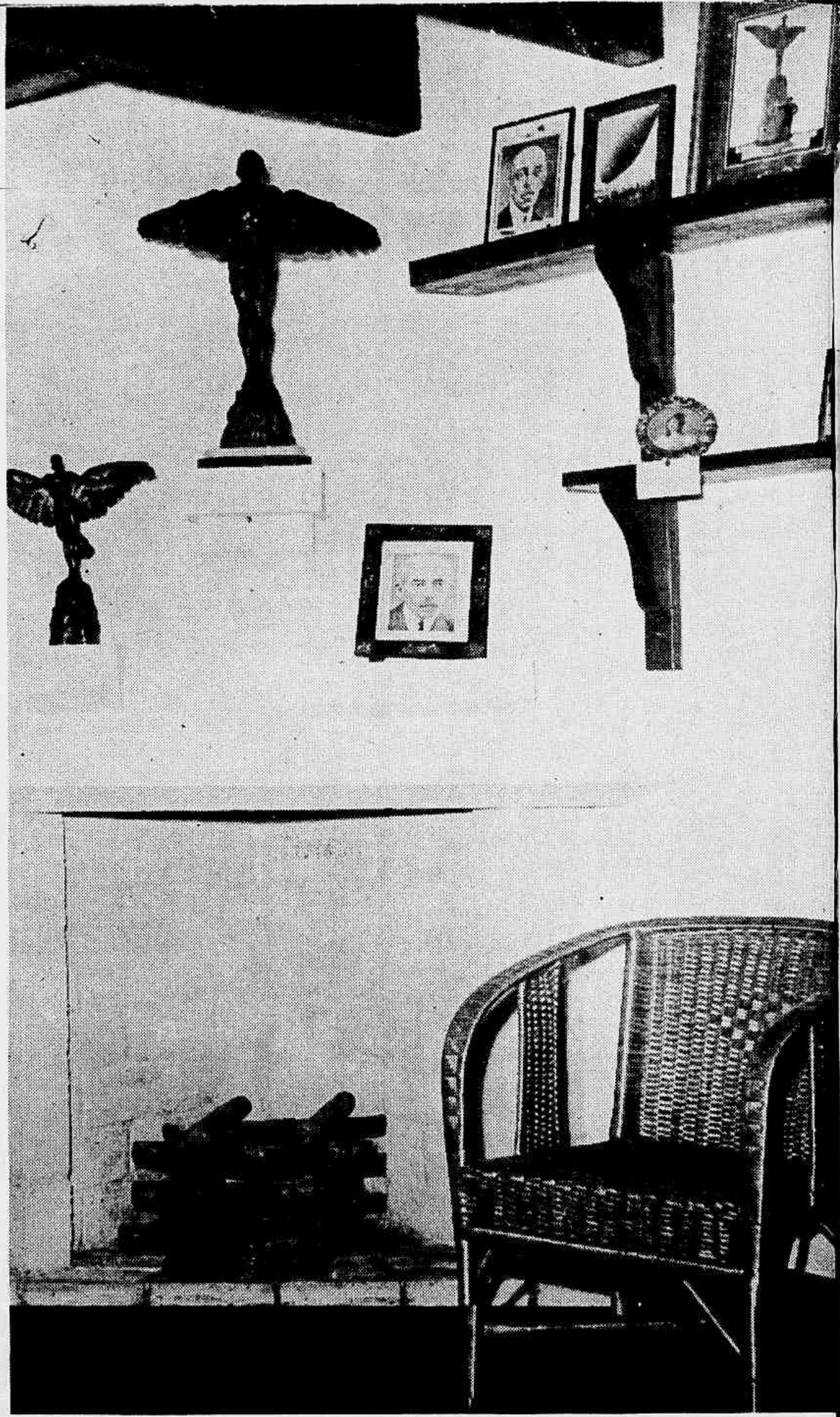
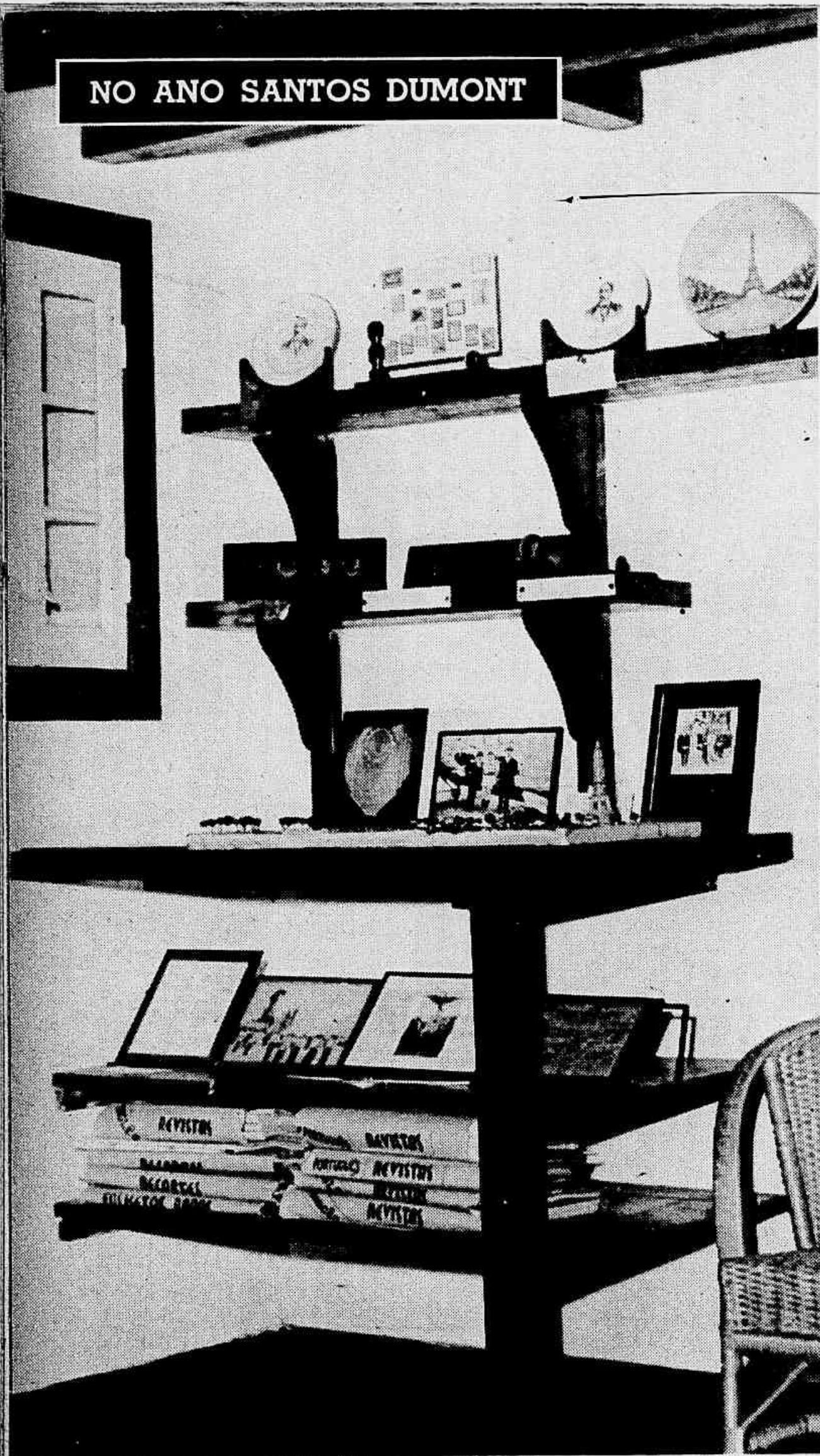
“A ENCANTADA” HOJE É UM MUSEU

ONDE A PRESENÇA DE ALBERTO SANTOS DUMONT É OBJETO DE VERDADEIRO CULTO
★ PARTICULARIDADES DA NOVEL INSTITUIÇÃO ★ ONDE APARECE UM CHUVEIRO «SUI-GENERIS», DE AUTORIA DO MESMO INVENTOR DO MAIS PESADO QUE O AR

Reportagem de ALBERTO LIMA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

NO ANO SANTOS DUMONT



EM PETRÓPOLIS, no interior da «Encantada» — a casa que o Pai da Aviação construiu ele mesmo, para seus momentos de lazer —, podem ser vistos inúmeros objetos e troféus. Nas fotos vemos alguns recantos do primeiro andar, onde se acumulam lembranças de uma vida gloriosa.

O GÊNIO inventivo de Alberto Santos Dumont diante do qual a orgulhosa cabeça européia se curvou mais de uma vez, concedeu ao homem a oportunidade de voar por meios mecânicos até então completamente ignorados, a despeito de inúmeras tentativas terem sido antes levadas a efeito, pela conquista do ar. Porém, nem só no vasto campo mecânico encontrou Santos Dumont motivos para dar vazas a seu talento inventivo: também para o conforto de sua pessoa, após a conquista de gloriosos triunfos imaginou ele a construção de um pequeno retiro — «A Encantada» — no coração de Petrópolis, local ameno onde o ruído não chega.

A fim de tomarmos contacto com tal obra, tão cheia de originalidade, fomos a Petrópolis,

cidade cuja Municipalidade, aliás acaba de transformar o aprazível recanto no Museu Santos Dumont.

«Encantada» ergue-se no começo do morro do Encanto, próximo ao centro da cidade. Tudo, nela, é original e pitoresco, desde a escada externa cujos degraus são dispostos de tal forma que o visitante é obrigado a penetrar na casa com o pé direito, até alcançar o primeiro piso. Consta esse primeiro pavimento de uma única peça, onde estão expostos vários objetos de uso pessoal do cientista.

No segundo pavimento (jirau) — até onde se chega através de uma escada em tudo semelhante à primeira, apenas com a variação de que, nessa, é o pé esquerdo obrigado a dar começo à escalada — fica colocado o quarto que foi o dormitório do grande brasileiro.

Sua originalíssima cama está colocada ao canto direito do pequeno jirau, servindo ao mesmo tempo de guarda-roupa de cama e banca, distribuída em vários gavetões.

Por baixo do travesseiro existe pequenino alçapão que vai ter a um depósito, em que Santos Dumont guardava os objetos de maior valor. Era desses que dormiam próximo aos seus mais caros bens.

Dependência que também bastante impressionou foi o diminuto banheiro, ao qual o talento de improvisação de Alberto dotou de um original chuveiro de água quente e fria, alimentado a álcool, o qual ficava colocado em um reservatório postado à altura da cabeça, tendo como suporte o caixilho de uma das janelas. Esse banheiro está construído sobre um pequeno puxado à direita do prédio.

Entre a casa e o terreno junto ao barranco, há uma passagem, feita por pequena ponte de madeira. Sobre o telhado da casa — em estilo normando tóda ela — Santos Dumont construiu um mirante, onde diariamente tremula desde o dia de sua inauguração, em 1918 o pavilhão nacional. Para se alcançar o mirante, é preciso utilizar uma escada interessantíssima, constituída por uma longarina pontilhada de pequenos degraus. Dois cabos de aço laterais, dão mais conforto e segurança à mesma.

Ao fundo do terreno, dando frente para outra rua, Santos Dumont mandou construir uma pequena habitação, destinada a abrigar uma escola primária. Ali, ainda hoje são instruídas diversas crianças: é a Escola Santos Dumont, de Petrópolis.

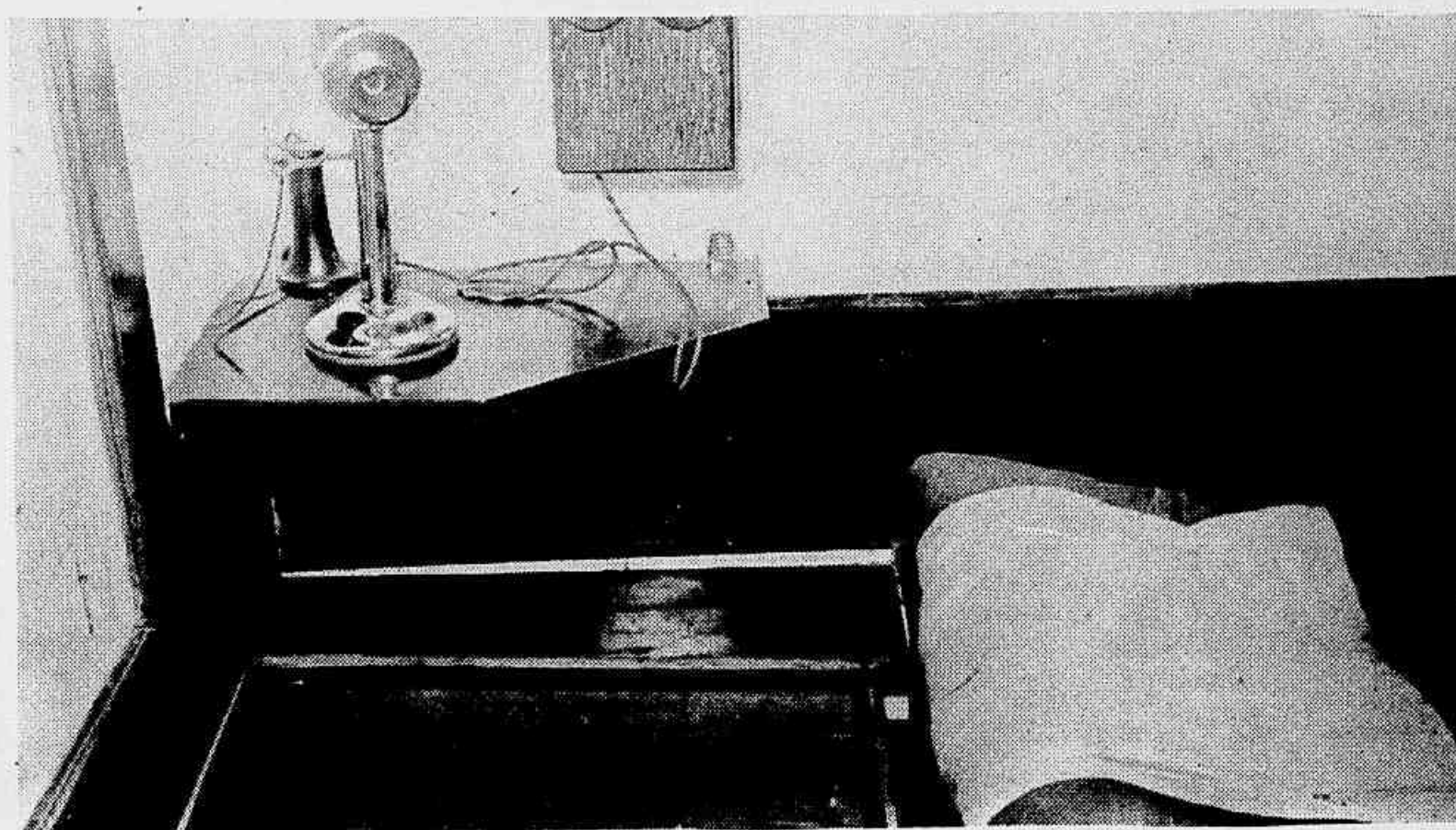
E' pensamento do atual primeiro diretor do Museu Santos Dumont major-brigadeiro Godofredo Vidal, construir nos terrenos vizinhos um pavilhão moderno, destinado a abrigar as peças que por certo irão aos poucos enriquecendo o patrimônio municipal, ficando contudo a «Encantada» como a parte mais importante do recém-aparecido Museu.

Para a efetivação dessa obra cultural de vulto, conta seu diretor com auxiliares competentes, e com o apoio direto do prefeito municipal, dr. Flávio Castrioto, e do governador Miguel Couto Filho, que sempre soube compreender tais empreendimentos.

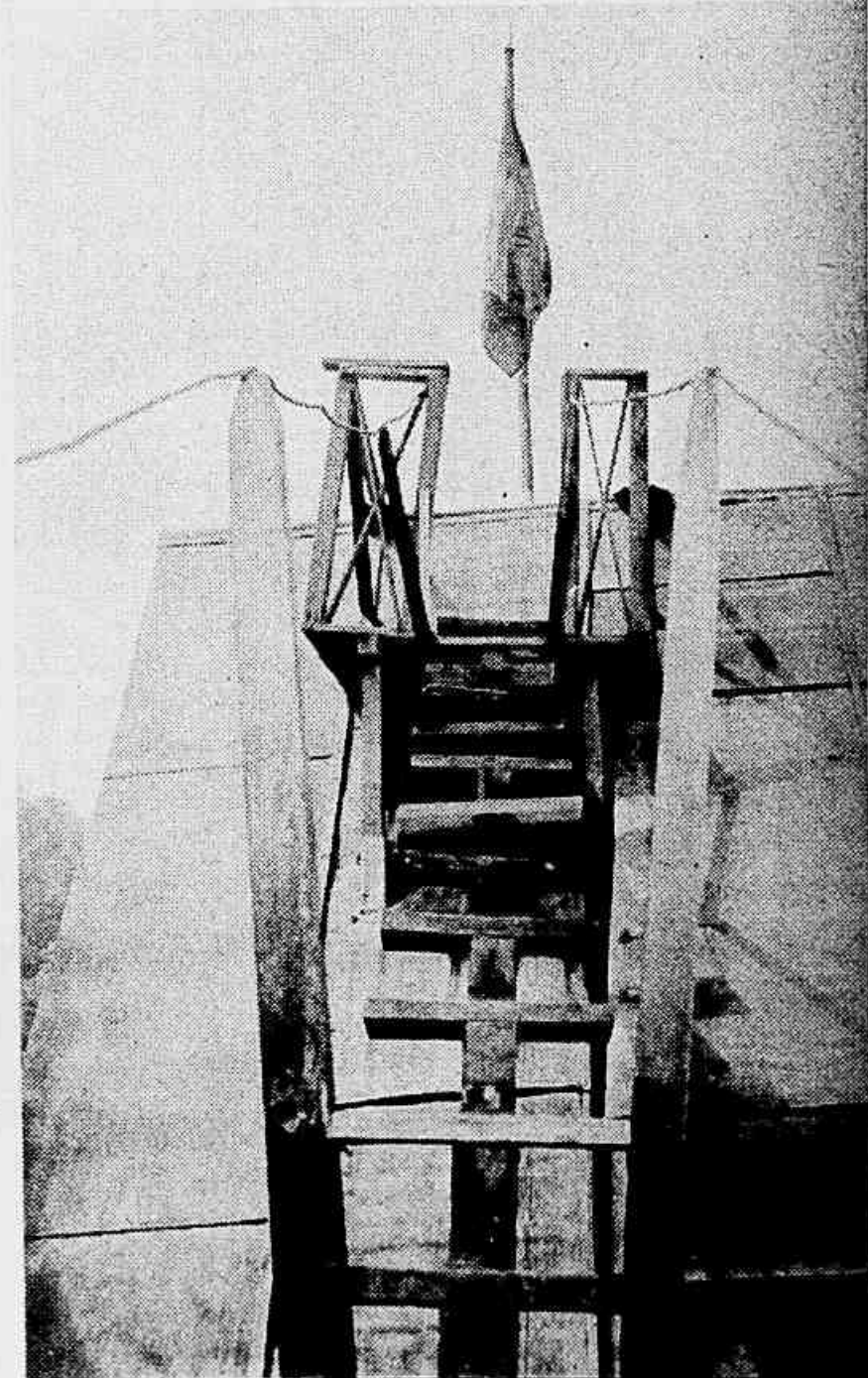
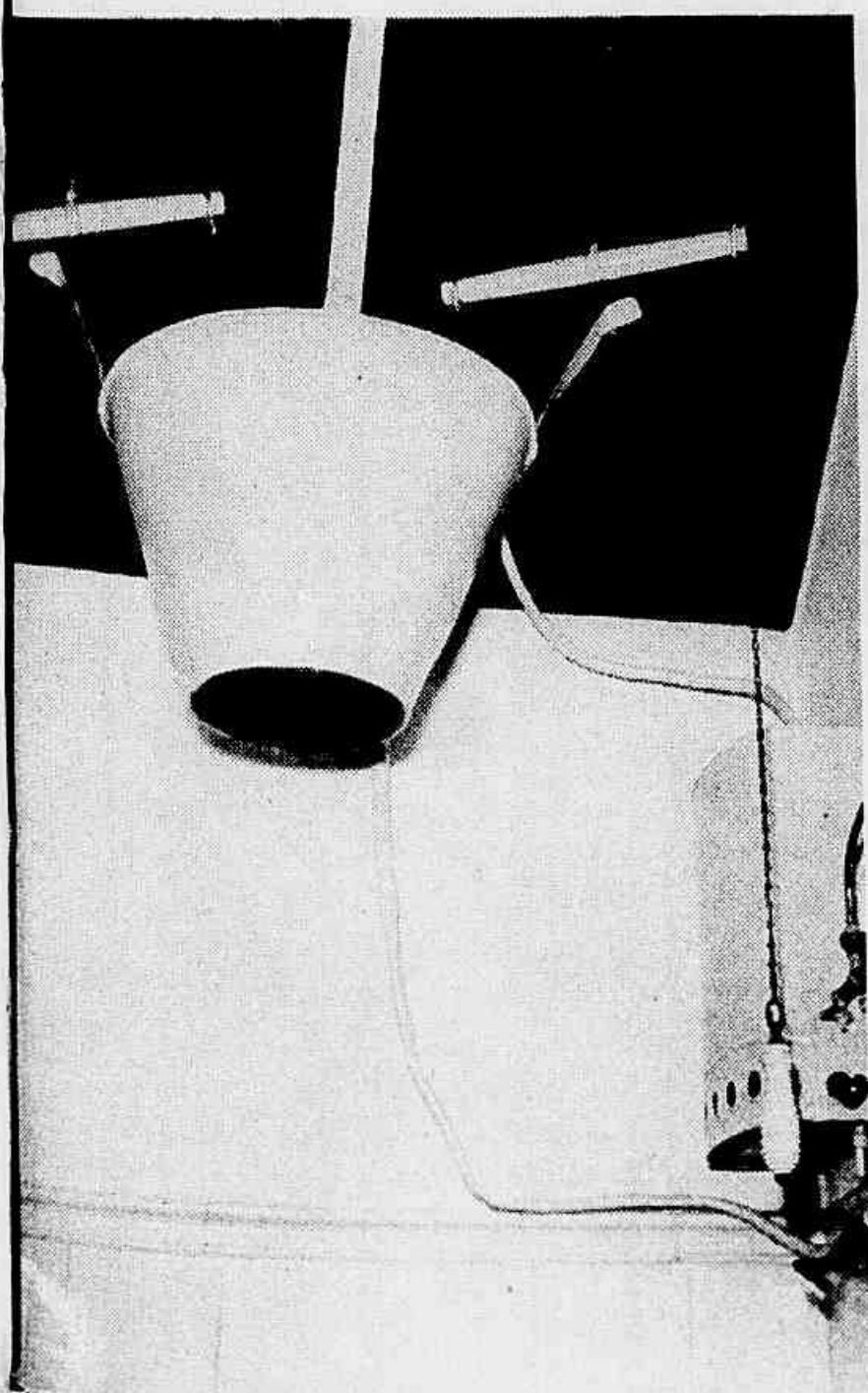
Reverenciar a memória do grande brasileiro é dever de todo cidadão, principalmente no momento em que se comemora o cinquentenário do Mais Pesado Que o Ar, a 23 de outubro de 1956.



ACIMA. A PLACA comemorativa da fundação de «A Encantada», a casa que Dumont idealizou; na foto de baixo, o quarto de dormir do grande inventor, vendo-se o obsoleto telefone e o leito estreito em que dormia.



O DEPÓSITO DE ALCÓOL do aquecedor de Santos Dumont, a escada original que conduz ao primeiro andar, e na qual é forçoso que se entre com o pé direito, e finalmente a escada que conduz ao mirante, sobre o qual tremula a bandeira do Brasil, são características de «A Encantada».





SAÚDE SÔBRE RODAS — Dois hospitais sôbre rodas, um atendendo às populações de Jacarepaguá, outro à de Penha, Olaria e adjacências, acabam de ser postos em serviço, por iniciativa das «Pioneiras Sociais». A aceitação que a iniciativa teve, de parte do público, foi a melhor prova de que ela era necessária. No dia em que os dois hospitais volantes percorreram aqueles subúrbios, grande foi o interesse popular, formando-se por tôda parte filas dos que desejavam uma consulta. As clínicas volantes, equipadas com Raio X, gabinete dentário, sala de curativos, mesa ginecológica, gabinete de clínica geral, sala para intervenções cirúrgicas menores, laboratório de análise clínica, etc., deter-se-ão determinado tempo em cada logradouro, a fim de que possam, dentro de um prazo satisfatório, percorrer todos os subúrbios, contribuindo, assim, para o bem-estar do povo. Esse foi mais um empreendimento verdadeiramente digno de aplausos das «Pioneiras Sociais», presididas pela senhora Sarah Kubitschek.

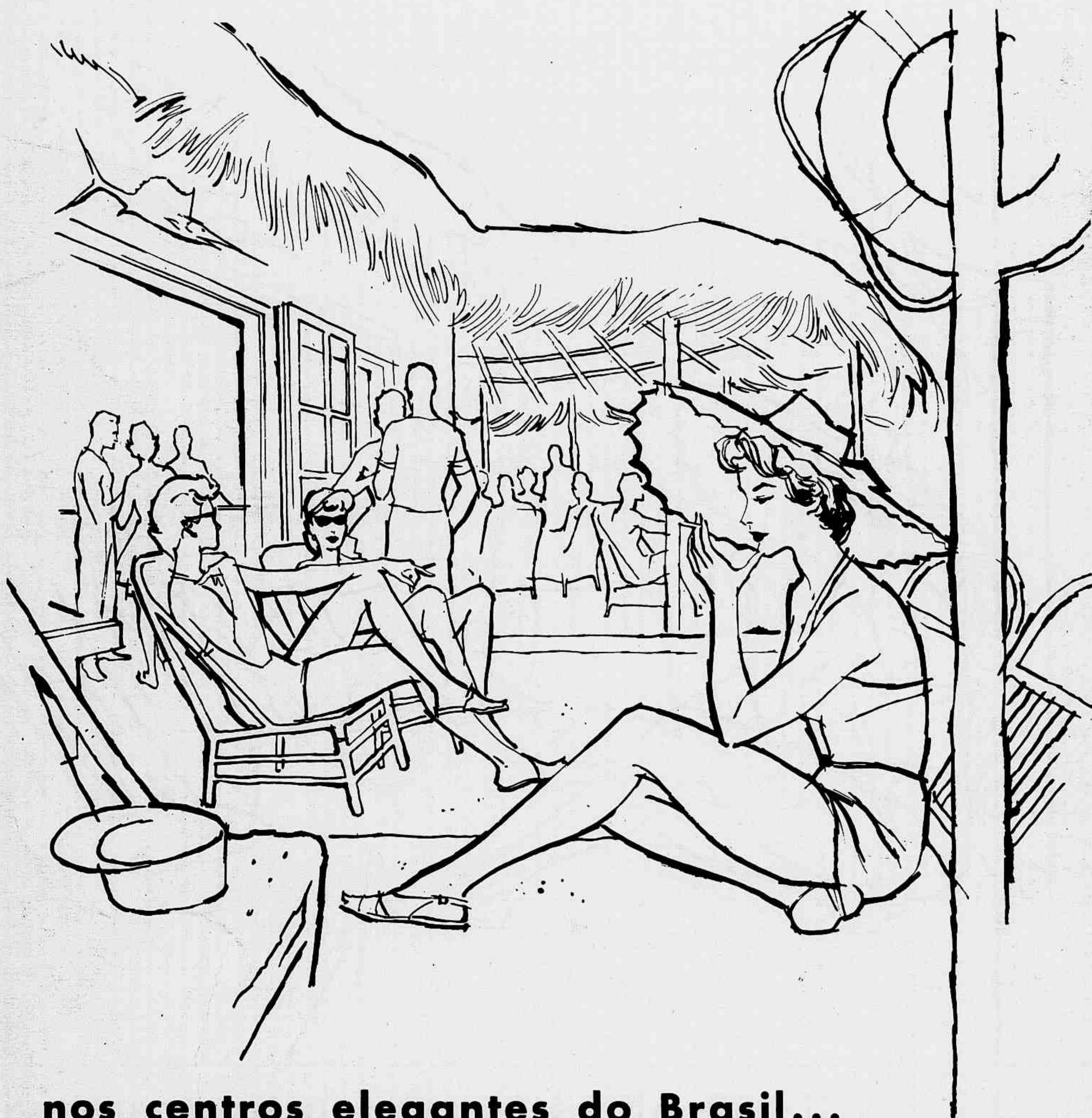
**A FIGURA
EM FOCO**



CLEANTO LEITE

Sabe línguas estrangeiras,
Já correu o mundo inteiro;
Mas nunca, jamais, esqueceu
O Piancó cangaceiro.

MEU
DEUS



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequití-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood
uma tradição de bom gosto

